



Prêmio Petrobras de
Esporte **Educacional**

**EXPERIÊNCIAS
QUE INSPIRAM**

Prêmio Petrobras de
Esporte **Educacional**

*EXPERIÊNCIAS
QUE INSPIRAM*

FICHA TÉCNICA

Petrobras

Armando Ramos Tripodi

Gerente Executivo de Responsabilidade Social

Rosane Aguiar Figueiredo

Gerente de Investimentos Sociais

Gabriela Carneiro Peixinho

Coordenadora de Esporte Educacional

Sheila Regina Sant'Anna

Gestão de projetos

CIEDS

Vandré Brilhante

Diretor Presidente

Fábio Muller

Diretor Executivo do CIEDS

Aldeli Carmo

Coordenadora Executiva do CIEDS

Alexandre Bastos

Coordenador Executivo Financeiro

Marina Rotenberg

Coordenadora de Comunicação

Prêmio Petrobras de Esporte Educacional (PPEE)

Fabiano Silva e Gizele Avena

Coordenação

Fernando Pereira do Nascimento Junior

Assistente de Coordenação

Bernardo da Silva Lopes

Estagiário de Comunicação

Sérgio Ricardo Alves Correia

Estagiário de Educação Física

Prêmio Petrobras de Esporte Educacional - Experiências Que Inspiram

Revisão:

Christine Keller

Design e diagramação:

Fábio Léda

Ilustrações:

Rafael da Silva Rocha

Capa:

Anderson Pereira

Autores dos Artigos Científicos:

Fernando Trejo, Ludimila Mourão,

Paulo Capela e Vera Costa

Crônicas e Pesquisa:

Nívea Chagas

Premiados:

Ana Lúcia da Silva Sena, Cícera Andréia de Souza, Cristiano Marcelo Moura, Danilo César Trindade Pereira, Gerson Guimarães, Mariana Piculli, Ivan Eduardo de Abreu Arruda (coautor), Josiane Cristina Climaco, Leonardo Toledo Silva, Marcia Lúcia dos Santos (coautora), Marcos Paulo Huber, Nilce Cleide Pantoja.

ISBN 978-85-8031-033-7



9 788580 310337

SUMÁRIO

O Prêmio Petrobras de Esporte Educacional	06
A Petrobras	08
Esporte para o Desenvolvimento Humano: desafio para o século XXI	10
Reflexões sociológicas sobre o uso do futebol social	23
Apontamentos para o trato pedagógico educacional do esporte numa perspectiva latino-americana e libertadora-biocêntrica de educação física	31
CATEGORIA ESCOLAS PÚBLICAS	36
<i>Vivências lúdicas no esporte</i>	<i>38</i>
<i>Cadeirabol: uma experiência divertida</i>	<i>46</i>
<i>Ping-pong na Quadra</i>	<i>52</i>
<i>Das escolas da ginástica a ginástica da alegria na escola</i>	<i>58</i>
CATEGORIA TERCEIRO SETOR	66
<i>Futebol de Rua: Uma Nova Visão do Jogo</i>	<i>68</i>
<i>Velozes do Amanhã</i>	<i>76</i>
<i>Handebol em Cadeira de Rodas na Escola</i>	<i>86</i>
CATEGORIA UNIVERSIDADES	14
<i>Perspectivas do esporte educacional pela pedagogia de projetos: diálogos pedagógicos</i>	<i>98</i>
<i>Festival municipal de mini atletismo</i>	<i>106</i>
<i>Nosso caderno de jogos e brincadeiras</i>	<i>114</i>

O PRÊMIO PETROBRAS DE ESPORTE EDUCACIONAL

O Prêmio Petrobras de Esporte Educacional traduz-se como uma imensa oportunidade de dar voz e socializar as mais diversas formas de EDUCAR através do Esporte e Lazer, que homens e mulheres brasileiras vivenciam em seus cotidianos. Por isso, coroar essa iniciativa com a publicação desta coletânea que aborda experiências exitosas com o Esporte Educacional é algo extraordinário. Cada vez que se fala sobre este tema, nos remetemos para dentro das escolas públicas onde o mesmo está sempre presente. Este livro é de fundamental importância para a Educação e para a Cultura Esportiva das crianças e adolescentes.

O livro está organizado em duas partes:

A primeira com um conjunto de artigos acadêmicos que abordam a temática do Esporte Educacional sob diferentes olhares, que dialogam direta ou indiretamente com a produção dos trabalhos vencedores.

Esporte para o Desenvolvimento Humano: Desafio para o século XXI, das Professoras Ludmila Mourão e Vera Costa - que destaca o Esporte como fenômeno privilegiado para o desenvolvimento humano;

Reflexões Sociológicas sobre o Uso do Futebol Social, do Prof. Fernando Trejo – que destaca a força que o Futebol Social, que tem gerado propostas de soluções, alternativas e caminhos para a solução de cenários marcados pela violência;

Apontamentos para o trato Pedagógico Educacional do Esporte numa Perspectiva Latino-Americana e Libertadora-Biocêntrica de Educação Física, do Prof. Fernando Capella - Apresentando o Esporte Educacional como uma alternativa para ocupação dos espaços públicos.

A segunda parte traz o registro das 09 experiências vencedoras, divididas por categoria e mais a experiência vencedora do Prêmio Especial. Experiências essas que tratam os cotidianos culturais e práticas corporais da escola composta por fragmentos da vida cotidiana. Estes fragmentos dão vida à memória esportiva, seja nas escolas ou em espaços comunitários.

Leonardo Toledo da Silva nos apresenta trabalhos que estimularam a aproximação de pais e filhos por meio do esporte, adaptando brincadeiras tradicionais aos tempos atuais.

Cristiano Marcelo Moura usa a criatividade para fazer do Golfe e do Tamboréu práticas esportivas de uma escola pública de Taubaté utilizando o esporte como instrumento do processo ensino-aprendizagem dos estudantes.

Marcos Paulo Huber, um declarado apaixonado pelo atletismo, nos apresenta o “Festival Escolar de

Mini Atletismo” que agitou diversas escolas públicas municipais do sul de Santa Catarina trabalhando basicamente com materiais reciclados, criatividade e inovação. A experiência emprega a modalidade para o alcance de resultados coletivos por meio da adaptação de regras e espaços.

Ana Lucia da Silva Sena traz o projeto de Atletismo desenvolvido em Campo Grande Mato Grosso do Sul, Estado que possui a segunda maior população Indígena do país. O projeto de Atletismo é desenvolvido numa região onde predomina aldeias Indígenas e contempla diversas etnias. A experiência desenvolvida por Sena tem como alicerce o Atletismo e partir desta modalidade abordam-se questões diversas tais como respeito às diferenças, disciplina, cooperação e participação.

Mariana Piculli apresenta o projeto de inclusão de estudantes com deficiência de forma inovadora. Utiliza-se da inclusão invertida, ou seja: todos os estudantes utilizam cadeiras de rodas durante o jogo oportunizando experiências, autonomia e reflexão sobre direitos e respeito às diferenças.

Gerson Guimarães de certo modo amplia o conceito do jogo de Futebol aplicando uma metodologia onde a atitude em campo é mais importante que bolas na rede. Neste jogo, o diálogo é essencial entre os participantes, pois assim se criam novas regras e adaptações de acordo com a realidade de cada partida, os próprios jogadores conduzem as regras.

Josiane Cristina Climaco resolve utilizar em seu projeto a Ginástica e a Capoeira como estratégia para o fortalecimento da autoestima da comunidade escolar do Colégio Estadual Marcílio Dias, em Salvador-BA. O método utilizado valoriza a Cultura Popular e as produções coreográficas dos alunos.

Nilce Cleide Ribeiro Pantoja utiliza o ato do brincar como estratégia para o desenvolvimento do Esporte Educacional. A autora opta pelo resgate de brincadeiras tradicionais para potencializar o trabalho pedagógico dos professores em sala de aula.

Foi pensando em como tornar o Tênis um esporte acessível que **Cícera Andréa de Souza** criou um novo esporte “Ping-Pong de Quadra, misturando o Ping-Pong com o Tênis tradicional. Ressalta-se que esta nova modalidade esportiva fornece elementos para que jovens possam experimentar as mais variadas possibilidades de prática de jogos criando e adaptando regras.

Refletindo em tornar as aulas de educação física mais dinâmicas e criativas.

Danilo Cesar Trindade resolveu inovar ao colocar na quadra esportiva cadeiras e iniciar um jogo de Handebol sentado. Esta iniciativa possibilitou a participação de uma estudante cadeirante e estimulou o debate sobre inclusão cidadania e respeito às diferenças. Este livro é componente essencial para muitas discussões em sala de aula entre professores e alunos, entre gente, que curte esporte e lazer. Um estímulo para aqueles que acreditam que sua ação pode ser transformadora.

Andréa Nascimento Ewerton - Diretora (Ministério do Esporte)

Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social - SNELIS

Departamento de Desenvolvimento e Acompanhamento de Políticas e Programas Intersetoriais - DEDAP

A PETROBRAS



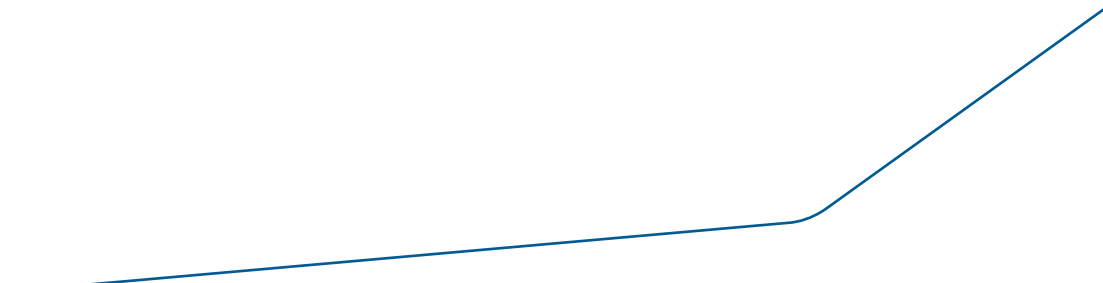
Nós da Petrobras temos a missão de atuar de forma segura, rentável, e com responsabilidade social e ambiental. Acreditamos que nosso compromisso de gerar e distribuir as riquezas do petróleo só se completa quando também contribuimos para a superação das desigualdades sociais e o desenvolvimento sustentável.

Investimentos sociais contribuem para fortalecer as relações com a sociedade promovendo a sustentabilidade e trazendo benefícios diretos às pessoas, à cultura, ao esporte e ao meio ambiente. Refletem o nosso compromisso com a ampliação da cidadania e melhoria da qualidade de vida. Dentro desta perspectiva de responsabilidade socioambiental, não podemos deixar de lado o papel do esporte educacional, voltado para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. Entendemos o esporte como um direito humano, considerado da forma mais democrática e universal. Por esse motivo, apoiamos projetos capazes de promover o desenvolvimento humano e social por meio do esporte.

A partir de parcerias com o poder público e a sociedade civil, nossos recursos são destinados a iniciativas que contribuem para a construção da cidadania e efetivação de direitos por meio de práticas desportivas qualificadas e inclusivas.

Atualmente, estamos presentes em 102 municípios de todas as regiões brasileiras para ampliar o acesso a práticas esportivas, aprimorar a formação dos profissionais do setor e fortalecer instituições e redes que atuam para garantir o direito ao esporte, buscando sinergias com políticas públicas. Nosso trabalho é alinhado à Política Nacional do Esporte e conta com a parceria do Ministério do Esporte. Através do Prêmio Petrobras de Esporte Educacional, buscamos valorizar as experiências individuais e coletivas de inovação no campo do esporte educacional. Promover a difusão dessas experiências é natural para uma empresa como a nossa, que reconhece o potencial do investimento na educação de crianças e adolescentes.

O Prêmio teve a inscrição de 1.344 projetos, dos quais foram selecionados 10 vencedores, avaliados por uma comissão julgadora composta por representantes da Petrobras, do governo, da sociedade



civil e da academia. Com a iniciativa, buscamos reconhecer e promover a difusão de tecnologias sociais de esporte educacional com potencial para serem reaplicadas.

A premiação especial foi dada a um projeto de uma escola pública de Manaus, a Escola Estadual Altair Severiano Nunes, cuja tecnologia social “Vivências Lúdicas no Esporte” foi a melhor avaliada em todas as categorias. Com esta iniciativa, os professores trabalharam no sentido de resgatar brincadeiras tradicionais da região, unindo saberes locais aos princípios do esporte educacional, atuando com foco no protagonismo dos alunos. A premiação deste projeto é um exemplo da amplitude nacional do Prêmio e do reconhecimento da qualidade do trabalho desenvolvido por professores de todo o país.

Neste sentido, valorizamos o papel do professor que, no processo pedagógico, busca desenvolver experiências transformadoras visando ao desenvolvimento integral da criança e do adolescente. O papel do educador no processo de ensino-aprendizagem é essencial para promover a construção coletiva e a autonomia. Quando se reconhecem as demandas e principalmente as potencialidades locais, torna-se possível estimular a compreensão crítica da realidade e o protagonismo dos participantes, que se tornam coautores do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, criamos possibilidades para que, por meio do esporte, milhares de crianças e adolescentes se tornem cidadãos que respeitam e valorizam as diferenças, a autonomia, a cooperação e a corresponsabilidade. Desta maneira, procuramos contribuir para a construção de um Brasil mais democrático, onde a justiça social e a sustentabilidade estejam presentes na vida de todos.

Armando Ramos Tripodi
Gerente Executivo de Responsabilidade Social da Petrobras

ESPORTE PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO: DESAFIO PARA O SÉCULO XXI

Vera L. M. Costa
Ludmila Mourão

Introdução

A educação como um direito de todos é uma pré-condição para o desenvolvimento humano, nesta perspectiva ela deve ser capaz de impulsionar as potencialidades de cada sujeito, transformando-as em competências, capacidades e habilidades para conhecer, criar, trabalhar e participar socialmente e também para usufruir de toda a humanidade (HASSENPFUG, 2004).

Na Educação Física, concordamos que o esporte como um de seus conteúdos, sendo considerado como um dos maiores fenômenos sociais contemporâneos, deva ser objeto de estudo e fruição. O esporte educacional na experiência do nosso país muitas vezes “se confunde ou se mescla ao processo de legitimação da Educação Física enquanto prática pedagógica, bem como do próprio esporte como possível meio de ação educativa”, de acordo com Athayde e Mascarenhas. (2011, p.3).

Nossa intenção neste artigo é apresentar o Esporte como fenômeno privilegiado para o desenvolvimento humano, que oportuniza não só o desenvolvimento do talento às novas gerações, mas também de uma educação baseada em valores, competências e habilidades articulada com o projeto de vida do cidadão, visando o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania¹. Esta proposta acredita no esporte como formador, diferenciando-se daquelas que têm no esporte a complementação da formação do sujeito. Além disso, valoriza e garante o respeito à igualdade e à diversidade entre os seres humanos sem apagar as diferenças. (ECA, 1990).

O esporte nesta abordagem tem como princípio e referência a inclusão social. Sobretudo quando considerarmos uma população brasileira de 80 milhões de crianças, adolescentes e jovens, e muitos milhões destes vivendo em situação de vulnerabilidade social e risco pessoal (IBGE. 2010, p.149).

¹ Este artigo em síntese é parte da proposta pedagógica da escola vocacionada para o esporte, intitulada Ginásio Experimental Olímpico, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, da qual as autoras foram responsáveis em parceria com Bruno Castro.

Em um país de dimensões continentais, como o Brasil, muitos são os aspectos que ainda contribuem para reafirmar as desigualdades de condições no enfrentamento da vida entre nossas crianças e adolescentes. Nascer branco, negro ou indígena, viver no semiárido, na Amazônia ou nas comunidades populares dos grandes centros urbanos, ser menino ou menina, ter algum tipo de deficiência, ou seja, raça, etnia e gênero são categorias que ainda discriminam boa parte das crianças e dos adolescentes no nosso país e que devem ser enfrentadas em uma proposta de formação pelo esporte para o desenvolvimento humano. (UNICEF, 2011)

A Educação para os direitos humanos, segundo Paulo Freire (2002), busca dialogar com os vários saberes que circundam o universo de possibilidades de compreensão do mundo. Neste sentido, o esporte, enquanto uma prática social, se apresenta como um desses saberes que ajudam a promover a compreensão do mundo. Por se constituir numa prática ligada ao desempenho atlético, à emoção e a valores éticos e morais, visa o desenvolvimento integral do sujeito, a formação para a cidadania e o lazer, congregando assim, os elementos necessários a se constituir em valioso instrumento pedagógico nos sistemas formais e não formais de ensino (VARGAS, 1995; TUBINO, 1991, 2011).

Neste sentido, o esporte enquanto fenômeno humano e social de presença marcante na sociedade e na cultura, prima pelo humanismo, pela busca da honestidade, pelo envolvimento coletivo a partir de ações individuais, pela vinculação de alegria e saúde, por contribuir positivamente para a formação da subjetividade e da cidadania do homem, mediando as inter-relações pedagógicas do conhecimento e as ações de seus praticantes em relação a si mesmo, à sociedade e à cultura. Compreendemos assim o esporte em sua dimensão social e culturalmente determinada, na manifestação-educação. (PEREIRA, 2001).

Para que possamos entender o esporte educacional como uma dimensão social do fenômeno esportivo no Brasil, é necessário registrar alguns dos marcos essenciais importantes, como a concepção de esporte moderno de Thomaz Arnold, em Rugby (Inglaterra/1828), quando, ao codificar os jogos existentes, percebeu a função pedagógica nas práticas esportivas. Neste período histórico já aparecia a perspectiva do rendimento do esporte, e o Associacionismo, base para a formação dos clubes esportivos. À função pedagógica do esporte, concretizada nas ideias de Arnold, somou-se o ideário olímpico, acrescido ao esporte moderno, pelo idealismo de Pierre de Coubertin, no final do século XIX. Com o olimpismo veio o fair play, que, junto com o Associacionismo, constituíram-se nos pilares da ética esportiva (TUBINO, 1996).

Foi com o Manifesto do Esporte de 1968 do *Conseil International d`Education Physique ET Sport (CIEPS)*, assinado por Noel Baker, Prêmio Nobel da Paz, que pela primeira vez foi defendida a tese de que o esporte ultrapassava a configuração do rendimento e que existia um esporte na escola e um esporte do homem comum (TUBINO, 2010).

Mas foi com a Carta Internacional de Educação Física e Esporte que se deu a revolução conceitual do esporte. Esta reconheceu as práticas esportivas como direito de todas as pessoas (UNESCO/1978). Esse pressuposto rompeu com a perspectiva anterior do Esporte Moderno de que o Esporte era uma prerrogativa dos talentos e anatomicamente indicados, isto é, fez o Esporte sair da perspectiva única do rendimento para o direito de todos às práticas esportivas (TUBINO, 2010). Neste novo

cenário o Esporte passa na sua ampliada abrangência social, a compreender todas as pessoas, independentemente das suas idades e de suas situações físicas. Embora a Constituição Federal brasileira de 1988 já referenciasse o novo conceito de esporte no Brasil e priorizasse a destinação de recursos públicos para a promoção do desporto educacional, o Brasil permaneceu até 1993 sem uma lei específica que acompanhasse o texto constitucional, o que aconteceu na Lei nº 8.672/1993, Lei Zico, que determinou conceitos e princípios para o Esporte brasileiro, contemplando o reconhecimento das manifestações esportivas - Esporte-educação, Esporte-participação e Esporte-performance.

A Lei nº 9.615/1998, Lei Pelé, que substituiu a Lei Zico, manteve a parte conceitual e principiológica do esporte educacional. Este tipo de manifestação praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evita a seletividade e a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo como ser autônomo e participante. Tal princípio ressalta a formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer.

A Lei Agnelo/Piva, de nº 10.264 de 16/07/2004, alavancou o Esporte-Educação, na sua manifestação Esporte Escolar, na medida em que passou a destinar recursos financeiros, que historicamente faltavam ao desenvolvimento esportivo do país.

Como é possível perceber, a forte associação entre esporte e educação nos documentos oficiais em nosso país favorece o desenvolvimento integral da pessoa – corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade social e espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo nas diferentes circunstâncias da vida (LDB- 9394/96 em seu artigo § 27º, DELORS, 1999). Neste sentido, o esporte educacional é capaz de realizar as potencialidades esportivas dos jovens transformando-as em competências, capacidades e habilidades pessoais, relacionais, produtivas e cognitivas.

A III Conferência Nacional do Esporte (2010) é outro marco no debate sobre a educação e o esporte. Esta avança para a efetivação do esporte como direito social de acordo com a Constituição Federal de 1988. Esta Conferência ocorreu em um momento especial em que se anunciava a promoção dos Jogos Mundiais Militares de 2011, a Copa do Mundo em 2014 e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, eventos, que são símbolos da centralidade que o esporte passa a ocupar nesse novo tempo no país.

Este momento cria novas oportunidades para se refletir o desenvolvimento do esporte brasileiro na formação de sua sociedade e oportuniza pensar sobre o projeto de Educação pelo Esporte para o desenvolvimento da integralidade humana, ampliando a oferta de modalidades para a prática esportiva de crianças e jovens, em um ambiente seguro para a aprendizagem, como prevê a Convenção dos Direitos da Criança, adotada pelas Nações Unidas em 1989 e pela Lei Pelé (1998). No âmbito dos profissionais envolvidos afina-se com a valorização do trabalhador estabelecendo políticas de formação continuada e permanente, de desenvolvimento científico e tecnológico e de acompanhamento e avaliação dos projetos e programas dedicados ao ensino do esporte. Para tal, aqui viemos trazer ao debate uma pedagogia dinâmica, que atua através de estratégias problematizadoras, por relações dialógicas e participativas potencializadoras da Pedagogia da Presença, do Protagonismo

Juvenil e construtoras do Projeto de Vida dos sujeitos. Oportuniza a formação de uma elite esportiva que nasce da igualdade e da solidariedade e desenvolve a criança e o adolescente numa perspectiva multicultural, ressignificando signos, códigos, mensagens e representações hegemônicas do esporte, vinculando-o ao contexto cultural.

Esta proposta de educação pelo esporte para o desenvolvimento humano adota uma filosofia humanista de vida que integra qualidades do corpo, da vontade e do espírito. Respeita os níveis de desenvolvimento das crianças e jovens nas áreas motoras, cognitivas, psicológicas e sociais de acordo com a atenção à individualidade biológica e tem como concepção a vitória em competição como realização das metas estabelecidas e não como a derrota do adversário. Neste sentido, desenvolve o esporte com base na abordagem interdisciplinar, estimulando projetos que atuem com o princípio da transversalidade, integrando diferentes conteúdos nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.

Isso implica em reconhecer que a aprendizagem para o século XXI, e em especial esta educação esportiva para o desenvolvimento humano, deve fomentar saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro (UNESCO, 1999), facilitando que os alunos possam orientar-se para projetos de desenvolvimento pessoais e coletivos. Os quatro pilares do conhecimento - *saber conhecer, saber fazer, saber conviver e saber ser* -, segundo o Relatório Delors da UNESCO (1999), devem ser objeto de atenção igual por parte do ensino do esporte educacional, a fim de que a educação apareça como uma experiência global a levar a cabo ao longo de toda a vida, no plano cognitivo e no prático, para o indivíduo enquanto sujeito e membro da sociedade.

Os quatro pilares do conhecimento

O *aprender a conhecer* visa mais do que aquisição de um repertório de saberes codificados, mas o domínio dos mecanismos de se apropriar do conhecimento. Trata-se de um meio de apreensão do mundo que rodeia o aluno, de modo que lhe permita viver com dignidade, para desenvolver as suas capacidades e potencialidades, para desenvolver a linguagem e se comunicar. O prazer de conhecer, de descobrir também faz parte dessa aprendizagem, possibilitando ao estudante compreender melhor o ambiente despertando-lhe a curiosidade intelectual, o sentido crítico e a compreensão da realidade, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir. O aprender a aprender é a essência do aprender a conhecer exercitando a memória, a atenção e o pensamento (UNESCO, 1999). Esse é um processo inacabado e será enriquecido a cada nova experiência e será bem sucedido se transmitir aos alunos as bases que os despertem para continuar a aprender ao longo da vida, numa perspectiva de educação permanente.

O *aprender a saber fazer* se vincula à aprendizagem de como por em prática os conhecimentos adquiridos, transformando-os em inovações geradoras de novos conhecimentos. Trata-se de adquirir competências que tornam a pessoa apta a enfrentar diferentes situações e a trabalhar em equipe. Competências produtivas.

O *aprender a viver junto*, a viver com o outro, busca as aprendizagens que minimizem a violência no mundo, os conflitos, que se oriente para o desenvolvimento do conhecimento do outro, da tolerância a outras culturas, a outras espiritualidades, para os mecanismos de resolução pacífica das tensões de competição e rivalidades. Para tal a educação há de agenciar um contexto igualitário de oportunidades aos alunos, com a intencionalidade de promover projetos comuns nos quais surjam entre eles a cooperação e até a amizade, favorecendo-lhes a aprendizagem sobre a diversidade humana e sobre a interdependência entre os seres do planeta. Confronto, diálogos, a produção de argumentos são procedimentos desse campo de aprendizagens que se tornarão referências para a vida futura dos alunos. Competências relacionais.

O *aprender a ser* deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa - espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade (UNESCO, 1999). Desse modo os alunos deverão estar aptos a formular pensamentos autônomos, críticos e os seus próprios juízos de valor, de modo a poder escolher o que lhes será mais conveniente nas diferentes circunstâncias da vida, discernir com propriedade, comportando-se como autores do próprio destino responsáveis e justos. Imaginação e criatividade darão autenticidade aos procedimentos na vida. Competências pessoais. Neste sentido, a educação apoiada nos quatro pilares se constitui, ao mesmo tempo, um processo individualizado e uma construção social interativa.

Dentre as experiências da educação pelo esporte para o desenvolvimento humano, da realização dos direitos humanos na promoção da liberdade e na oferta de oportunidades para o desenvolvimento dos potenciais das crianças e dos jovens, encontra-se a proposta do Instituto Ayrton Senna (2004) na qual os quatro pilares são a base do desenvolvimento integral por meio do esporte. Entretanto, na proposta que ora apresentamos, embora se fundamente em tal proposta, se coaduna também com outras três abordagens: a Pedagogia da Presença, o Projeto de Vida e o Protagonismo Juvenil.

Em relação aos quatro pilares da educação pelo esporte para o desenvolvimento humano, esta atividade se constitui numa via de suporte do desenvolvimento pessoal, cognitivo, social e produtivo das crianças e jovens, utilizando-se de saberes que transformam suas potencialidades em capacidades de agir na vida. As práticas educativas esportivas vivenciadas pelas quatro aprendizagens são processualmente incorporadas pelos sujeitos na forma de habilidades, capacidades, valores e atitudes (HASSENFLUG, 2004) com vistas à formação da totalidade da pessoa.

Os quatro pilares do conhecimento e a educação pelo esporte para o desenvolvimento humano

Aprender a conhecer por meio da educação pelo esporte significa que o sujeito será incentivado a construir os conhecimentos por meio da reflexão sobre as experiências anteriores, ancoradas na cultura, imprimindo-lhes significados. Os projetos relacionados a conteúdos de esporte, saúde, meio

ambiente e sustentabilidade, história, multiculturalismo e tradições culturais, artes e outros temas dinamizadores que possibilitam aos sujeitos ler as situações da realidade, analisá-las, comparar e interpretar informações, organizá-las e compartilhar ideias, favorecem a construção/reconstrução da própria experiência em situações de vivências esportivas e na realidade da vida. São procedimentos que desenvolvem as competências cognitivas.

Aprender a fazer por meio da educação pelo esporte está vinculada a aprender a conhecer, visto que se trata de aplicar na realidade o que dominou em conhecimentos. No esporte espera-se dos praticantes um espírito empreendedor nas ações, capacidade de decisão em ação, solução de conflitos, habilidades e atitudes permanentes de respeito mútuo, compreensão do outro, seja parceiro ou adversário, e de cooperação, democracia e atitudes solidárias. Isso implica trabalhar em grupo, buscar soluções para problemas comuns, ter autonomia para organizar as próprias atividades e ter flexibilidade para mudá-las e aprimorá-las (HASSENFLUG, 2004). São procedimentos que desenvolvem as competências produtivas.

Aprender a conviver por meio da educação pelo esporte media a convivência entre pessoas que desempenham papéis antagônicos no esporte, de parceria e de adversários, é própria da atividade. Devido aos compromissos éticos impostos pela regra, o esporte se apresenta como um mecanismo agente dessas aprendizagens. No esporte de rendimento, as regras e sanções são universais, sancionadas pelas instituições esportivas internacionais de cada modalidade e devem ser cumpridas sem discussão. No esporte educacional, a arte de construir as normas do grupo para a convivência durante o jogo, implica em participação, compromisso e corresponsabilidade dos praticantes. As regras de um jogo são construídas, negociadas e aceitas pelos pares ou não haverá jogo. Trata-se de procedimentos civilizacionais de tornar positiva a agressividade do ser humano, transformando-a em tensões produtivas da vontade de agir dos jogadores. Aí se aperfeiçoam regras de convivência coletiva, reconhecimento dos seus espaços e dos do outro desenvolvendo competências pessoais e relacionais.

Aprender a ser por meio da educação pelo esporte, de acordo com Hassenflug, (2004), integra o aprender a conhecer, a fazer, a conviver, despertando e fazendo emergir as potencialidades dos indivíduos nas dimensões cognitiva, produtiva, social e pessoal. Trata-se da completa realização do sujeito como ator e produtor de sua realidade. Nas práticas esportivas, os indivíduos precisam estar presentes em sua totalidade durante as ações dos jogos, precisam estar integrados em seus pensamentos, nas ações corporais e nas emoções, produzindo movimentos com prontidão, rapidez de raciocínio, de decisão, muitas vezes antecipando ações motrizes para maior eficácia do gesto.

Nas práticas esportivas aprende-se a ter prazer com vitórias nos desempenhos e a controlar as frustrações das derrotas, bem como o valor efêmero de cada um desses resultados, aprende-se que vencer é uma questão de melhor desempenho naquele momento, mas também pode ser resultado do aproveitamento de melhores oportunidades durante a disputa. Esse autoconhecimento das reações frente aos diferentes comportamentos em situações diversas e o controle de agressividades e frustrações facilitam o autodomínio dos jogadores. São procedimentos que desenvolvem as competências pessoais.

Desta forma, as vivências no esporte, se intencionalmente organizadas e instadas à constante reflexão podem enriquecer a formação da criança e do jovem no que tange às capacidades de problematizar a realidade, produzir alternativas para solucionar os problemas e decidir entre elas a mais adequada naquele momento, favorecendo o exercício sistemático de uma cidadania ativa, construída com base na solidariedade. Essas são aprendizagens de um jovem que escolhe protagonizar seu papel na sociedade com base em valores humanistas. A abordagem pedagógica da Educação pelo Esporte para o desenvolvimento humano respeita e se orienta pelos princípios educacionais da totalidade, da coeducação, emancipação, cooperação e multiculturalismo² favorecendo a reflexão sobre as condutas pessoais e sociais humanas.

A Pedagogia da Presença, o Protagonismo Juvenil e o Projeto de Vida na educação esportiva

Na Educação para a Vida, esta proposta valoriza e articula-se com a Pedagogia da Presença, o Protagonismo Juvenil e o Projeto de Vida de seus sujeitos. A *Pedagogia da Presença* inspira-se em Antonio Carlos Gomes da Costa (1991), que aponta a presença como uma exigência constante para o desenvolvimento da personalidade e a inserção social do ser humano. Diante disso, a presença disponível e solidária do educador junto ao educando será efetiva e estará em conformidade com o papel que dela se espera. Daí nasce a reciprocidade, o *aprender a ser para o outro*. Para o autor, na relação educador-educando, a disciplina pessoal de contenção e despojamento, na prática, corresponde à dialética proximidade-distanciamento. Na proximidade, o educador acolhe o aluno e busca de forma empática, calorosa e significativa, identificar sua problemática; pelo distanciamento, o educador se afasta no plano da crítica, e busca diagnosticar por trás dos comportamentos (agressões, apatias, revoltas, intolerâncias, indiferença), o pedido de auxílio que, de forma muitas vezes confusa, clama o aluno. Deste modo, o educador ajuda o aluno a encontrar-se e a abrir-se para os outros. E, ao encontrar-se e se disponibilizar para o outro e para o ambiente, este se desenvolve pessoal e socialmente.

Quando falamos de *Protagonismo Juvenil* estamos nos referindo aquele praticado pelos adolescentes entre 12 e 18 anos (Lei no. 8.069/90). Trata-se de uma "*postura pedagógica que mobiliza os jovens a partir do que eles sentem e percebem da sua realidade, para um processo de mudança social*" (COSTA, 2000). Visa formá-lo mediante práticas e vivências – nos projetos e nas comunidades – que o levem a atuar como parte da solução, pelo exercício sistemático da cidadania ativa, construtiva, criativa e solidária. É um processo no qual o jovem é simultaneamente sujeito e objeto da ação de desenvolvimento de suas potencialidades.

²Nesta proposta o princípio do multiculturalismo visa atender também as novas demandas globais no que tange os aspectos étnicos, gênero, raciais etc. [...]

A criação de oportunidades educativas para o jovem que visem ao desenvolvimento de valores e competências pessoais e sociais necessárias à integração entre seu projeto de vida com o projeto de sociedade na qual está inserido deve ser uma preocupação permanente desta formação. O cotidiano dos projetos esportivos, é um espaço rico de possibilidades para o desenvolvimento dessas práticas por proporcionar várias formas de organização e de auto-organização dos jovens em seus espaços e tempos, e por congregarem diferentes situações que corroboram e integram o desenvolvimento de seu participante.

Esta proposta que ora se apresenta é comprometida com uma formação dinâmica, criativa e com atividade produtora de sentidos na construção do projeto de vida dos participantes, pronta para desenvolver o protagonismo juvenil, atividades planejadas e carregadas de intencionalidade que favoreçam permanentemente a apropriação e construção do conhecimento, mediada pelo professor em uma atitude investigativa, provocativa e corresponsável estimulando a busca do autodesenvolvimento pelos estudantes. O trabalho com o protagonismo juvenil requer o envolvimento de profissionais dispostos a tomar parte de um processo inovador e muito mais amplo do que apenas a formação esportiva e de talentos. A implantação desse conceito implica no redimensionamento e no enriquecimento da estrutura organizacional do projeto esportivo, com diferentes espaços de aprendizagem, maior tempo de permanência tanto das crianças e jovens quanto dos professores, novas e ampliadas propostas de atividades, operacionalizadas pela introdução de procedimentos teórico-metodológicos inovadores que favoreçam a vivência de atividades dinâmicas, contextualizadas e significativas nos diversos campos dos esportes, das ciências, das artes, da leitura, e do convívio social e que exerça o papel fundamental de agente articulador entre o mundo esportivo e as práticas sociais dos sujeitos envolvidos.

O protagonismo juvenil se insere em um campo mais amplo de uma educação esportiva que deve ser capaz de organizar-se em torno dos quatro eixos já destacados como essenciais neste projeto educacional: aprender a ser; a conviver; a fazer e a aprender.

Educação pelo esporte para o desenvolvimento humano e a formação do um Sujeito-Atleta-Cidadão

A formulação de leis no Brasil não garante o exercício de direitos pelo cidadão. Para desfrutar dos direitos, precisamos que os indivíduos tenham conhecimentos, clareza de seus deveres e responsabilidades e conhecimentos dos mecanismos para efetivar o exercício da cidadania. Tais procedimentos se darão tanto nos planos individual, onde se inicia, quanto no coletivo.

Deste modo, as práticas esportivas em projetos sociais devem ter como meta a formação de um futuro sujeito-atleta-cidadão seja para desempenhos atléticos de alto rendimento ou para o exercício em atividades de lazer, preservando a saúde e a sua qualidade de vida. Para tal há que se mobilizar atividades que favoreçam harmonizar os interesses de cada participante em jogo com os interesses

coletivos tanto da própria equipe como a dos adversários; a compatibilidade de expor os bons desempenhos atléticos tanto de parceiros como de adversários; o autocontrole convivendo com o antagonismo dos adversários e com a parceria dos companheiros; a vivência de perder e de ganhar; a superação de circunstâncias que precisam ser negociadas num diálogo corporal; o prazer das conquistas pelo esforço como retribuição de sua disciplina em campo. As experiências esportivas são práticas de convivência social que demandam reciprocidade, solidariedade e reconhecimento do valor do próximo em suas interações.

Mas para constituir um cidadão, a pura e simples participação numa prática social esportiva é insuficiente. É necessária a formação intencional de uma sensibilidade que possibilite a cada um sentir-se engajado no projeto, sentir-se vinculado aos demais e comprometido com a causa coletiva do grupo a que pertence. Se no esporte ele participa, decide, se responsabiliza por buscar um objetivo e por alcançá-lo, também, da mesma forma, deve cooperar em atividades do cotidiano, com compromisso e dedicação. A viabilização da participação democrática e responsável no compartilhamento da gestão esportiva no projeto em diferentes níveis fortalece o protagonismo juvenil, nas decisões e execução de trabalhos sociais solidários, faz com que o participante, aos poucos, vá apreendendo e internalizando os conteúdos dos direitos humanos e da cidadania, integrados às atividades e conteúdos trabalhados nos projetos esportivos. Deste modo, nossos educandos poderão reconhecer em breve estes espaços como *lôcus* sistemáticos de exercício da cidadania, dos direitos sociais e humanos.

Deste modo, o nosso o sujeito-atleta-cidadão é aquele que domina conhecimentos esportivos e sociais, tornando-se capaz de distinguir o que lhe é necessário e o que lhe é imposto e que busca tornar possíveis os impossíveis ideais de uma sociedade menos desigual, mais justa e solidária. Este será produto de uma formação que integra a interação das capacidades físicas, técnicas, táticas, psicológicas, biotipológicas e socioambientais (SCAGLIA; SOUZA 2001; GIACOMINI; GRECO, 2008), com o protagonismo juvenil e com as competências esportivas associadas aos valores éticos, morais e sociais.

Para tal, os educadores sociais e os educadores-treinadores são os principais parceiros para formação do sujeito-atleta-cidadão, o que requer uma capacitação profissional continuada fundamentada nos conteúdos específicos do esporte, dos direitos humanos e da cidadania democrática. Esta concepção sintetiza todo o investimento pedagógico que se fará na formação do participante do projeto e a expectativa do produto de um esporte como desenvolvimento humano.

Algumas considerações sobre a Educação pelo Esporte para o Desenvolvimento Humano

Consideramos um grande desafio aos educadores a educação pelo esporte para o desenvolvimento humano como uma proposta de cidadania ativa, visto que este desafio ultrapassa a implementação

de propostas metodológicas de práticas esportivas e visa a construção de uma filosofia política que orienta o desenvolvimento de uma atividade humana integradora. Nesse sentido esta proposta inova, estimula os sonhos e desenvolve valores dos talentos e dons de cada sujeito.

Desde a década de 80, diferentes documentos apontam orientações ao cumprimento do esporte educacional como transformação da perspectiva exclusiva do rendimento para uma abordagem voltada para a formação da cidadania. Dentre eles podemos citar O Manifesto Mundial de Educação Física-FIEP/2000, a Conferência Brasileira De Esporte Educacional de 1996 e a Carta Brasileira De Esporte Na Escola, 1989. Ambos entenderam o esporte educacional, em seu potencial humanístico e social, com objetivos de formar cidadãos e para a prática do lazer e que este devia ser estimulado em todos os processos da Educação Física.

O Manifesto Mundial de Educação Física-FIEP/2000 em seu capítulo X entende o esporte educacional como as práticas esportivas desenvolvidas nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, em que: (a) os princípios da cooperação, coeducação, participação e outros princípios estão presentes; (b) a seletividade e a hipercompetitividade são evitadas; (c) os objetivos são a formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer e conclui em seu Art.10 que a Educação para o Esporte, pelo potencial humanístico e social que o fenômeno sociocultural esportivo representa, deve ser estimulada e promovida em todos os processos de Educação Física.

Aderir emocionalmente a isso significa vivenciar a constituição do “nós”, abraçar com o corpo e com as emoções os seus objetivos. A determinação então decorre de uma prática coletiva de sentir junto e de uma decisão racional. Essa cultura, diz Teves Ferreira (1993), como um saber fazer, aposta no enriquecimento profundo do homem, mais do que sua argumentação teórica possa elaborar. O esporte então, ao ultrapassar os limites do esporte de rendimento e assumir-se enquanto educação, admite o sentido instituinte da cidadania plena, daquela em que os indivíduos são sujeitos no processo de integração social. Nesta proposta, o sujeito se constrói, ao mesmo tempo, construindo a sociedade. Pensar o esporte para todos, além do rendimento, significa pensar práticas esportivas que favoreçam a integração, a socialização e a solidariedade.

É no cotidiano das políticas públicas esportivas que se pode pensar a reconstrução do esporte, nesse cotidiano que engloba o vivido, a subjetividade, as emoções, os hábitos, os afetos e as imagens criadas por aqueles que lá convivem, nesse espaço instituído e instituinte de valores e de significações, de tensões e de superações. E é com base nos princípios de totalidade, coeducação, participação, cooperação, emancipação, multiculturalismo, que se pode pensar em um programa efetivo de transformações, de desejos de uma sociedade mais humanizada em que prevaleçam solidariedade, fraternidade e justiça social.

Referências

ATHAYDE, P. A.; MASCARENHAS, F. **Descentralização de políticas sociais**: limites para a consolidação de uma gestão democrática do Programa Segundo Tempo. In: CONGRESSO BRASILEIRO E CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17; 2011. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2011. p. 114. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/paper/view/3591/1793> Acesso em: 31 ago. 2014.

ASSEMBLEIA NACIONAL FRANCESA. **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão**, 1793.

BEZERRA, Eliodete Coelho. A educação necessária para o século XXI. Disponível em http://www.fclar.unesp.br/publicacoes/revista/polit_gest/edi3_artigoeliodetebezerra.pdf. Acesso em 27-07-2011

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: 1988. 10ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 1998.

Lei 8069, do **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Senado Federal, 1990.

Lei 9394, de **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.

CARTA OLÍMPICA. Disponível em:
http://www.comiteolimpicoportugal.pt/media/49767/carta_olimpica_pt.pdf. Acesso em 12.07.2011.

CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE ESPORTE EDUCACIONAL. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996.

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE DIREITOS HUMANOS, Viena, 1993.

COSTA, A. C. Entrevista com Antonio Carlos Gomes da Costa. 14.10.07. Disponível em: http://www.modusfaciendi.com.br/midia_entrevista.htm Acesso em 12.07.2011.

A. G. C. **Por uma pedagogia da presença**. Brasília: Ministério da Ação Social, Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência, 1991.

DECLARAÇÃO E PROGRAMA DE AÇÃO DA CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE OS DIREITOS HUMANOS, Viena, 1993. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/sedh>, 2006). Acesso em: 22 ago. 2007.

DELORS, Jaques. **Educação: Um Tesouro a Descobrir**. UNESCO, MEC, Cortez Editora: São Paulo, 1999.

FEDERATION INTERNATIONALE D'EDUCATION PHYSIQUE (FIEP). Manifesto Mundial de Educação Física – FIEP/2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GRECO, P.J. **O ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes coletivos**: uma análise inter e transdisciplinar. In: GARCIA, E.S; LEMOS, K.L.M. (Eds.). **Temas Atuais VII em educação física e esportes**. Belo Horizonte: Health, 2002. P.53-78

HASSEENPFLUG, Walderez. N. **Educação pelo esporte**: educação para o desenvolvimento humano pelo esporte. São Paulo: Saraiva: Instituto Ayrton Sena. 2004.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira: 2010, P. 149.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos do Homem**. Adotada e aprovada em Assembleia Geral da ONU no dia 10 de dezembro de 1947. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br>. Acesso em: 10 jun. 2007.

PEREIRA, Flávio M. **Esporte escolar e necessidades pedagógicas no ensino médio**. In Desporto e tramas sociais, Rio de Janeiro: Sprint, 2001, P.155-174.

O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades/ Fundo das Nações Unidas para a Infância. – Brasília, DF: UNICEF, 2011. 182pp.

Proposta Pedagógica Ginásio Experimental Olímpico. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro, 2011.

SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; SOUZA, A. J. **Pedagogia da competição em esportes**: da teoria à busca de uma proposta escolar. 2001.

A. J.; MEDEIROS, M.; SADI, R. S. **Competições pedagógicas e festivais esportivos**: questões pertinentes ao treinamento esportivo. Revista Virtual EF Artigos. Natal, Rio Grande do Norte, v. 3, n. 23, abril 2006. Disponível em <http://efartigos.atspace.org/esportes/artigo68.html>, acessado em 27/07/11.

SERRÃO, M; BALEEIRO, M. C. **Aprendendo a ser e a conviver**. São Paulo: FTD, 1999.

TEVES. FERREIRA, Nilda. **O esporte na formação do cidadão**. In Memórias. Conferência Brasileira de Esporte Educacional. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996.

FERREIRA, Nilda. **Cidadania**: uma questão para a educação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

TUBINO, M. J. G. **Estudos Brasileiros sobre o esporte**: ênfase no esporte educação. Ed: Eduem, Maringá, PR, 2010.

Manoel J. G. **Carta brasileira de esporte na escola**. In Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação. Maringá: Eduem, 2010.

Manoel J. G. **O esporte educacional como uma dimensão social do fenômeno esportivo no Brasil**. In CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE ESPORTE EDUCACIONAL. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996, P. 9-16.

TUBINO, M. J. G. **As dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, (1991; 2011).

VARGAS, Angelo Luiz de Sousa. **Desporto, fenômeno social**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

Ludmila Mourão

*Mestre e Doutora em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho - UGF.
Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.*

Vera L. M. Costa

*Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.
Doutora em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho - UGF.
Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UniRio.*

REFLEXÕES SOCIOLÓGICAS SOBRE O USO DO FUTEBOL SOCIAL

Fernando Segura Millán Trejo

O futebol social: uma nova realidade mundial

O que é o futebol social? Não existe uma única definição, mas o futebol social diferencia-se do futebol tradicional em vários sentidos. Este futebol constitui uma ferramenta de trabalho para diferentes fins. A primeira grande diferença é, talvez, o fato que o futebol social não procura objetivos esportivos como uma finalidade em si, mas objetivos sociais como principal razão de existência. Os usos são então variados. Em geral, procura-se uma maneira de incidir na autoestima e nas realidades de populações juvenis em diferentes situações de vulnerabilidade por meio da incorporação de valores como o trabalho em equipe, o respeito, a tolerância e a diversidade. Porém, há ainda muitas mais possibilidades que se abrem com o potencial do futebol social, também conhecido em diferentes contextos como futebol para o desenvolvimento.

Pouco a pouco surgem assim, mais e mais projetos no mundo que decidem se apropriar do futebol para o desenvolvimento como mecanismo para atingir outros objetivos sociais traçados. As disseminações internacionais tanto como o próprio conceito do futebol ao serviço da paz provêm de contextos de pós-guerra, de conflitos violentos ou de zonas de alta desigualdade. Em cenários de tentativas de reconstrução dos tecidos sociais como em Ruanda, onde as gerações posteriores ao genocídio de 1994 tinham que aprender a viver juntas com os traumas do passado; na Libéria ou em Serra Leoa, países devastados por anos de guerras civis, onde centenas de crianças ficaram amputadas física e emocionalmente, o uso do futebol pela paz tem sido incorporado em programas que procuram revitalizar a juventude.

A prolongação de conflitos armados no continente africano, alguns dos quais persistem na atualidade, tem gerado múltiplos campos de refugiados. O futebol para crianças dentro de muitos desses campos tem sido uma constante para combater a falta de esperanças. Também em outros países africanos como o Quênia, há muitos anos que várias ONGs¹, tal como *Mathare Youth Sport Associations* uma das pioneiras nesta tendência, vêm realizando importantes trabalhos nas comunidades através do futebol para desenvolvimento, orientando-o com a ideia de melhorar o habitat das pessoas.

¹Organizações não governamentais.

Assim, pela força de atração e da mobilização deste esporte, o futebol social tem gerado ramificações, e inclusive, propostas de soluções, alternativas e caminhos para a solução de cenários marcados pela violência. Projetos surgidos na Colômbia dos anos 90, um país sumido nos conflitos urbanos e rurais, foram encontrados mecanismos para procurar mudanças nas novas gerações. O projeto *Fútbol por la Paz* nasceu um tempo depois do assassinato do jogador da seleção colombiana na Copa do Mundo dos Estados Unidos 1994, Andrés Escobar. Em vários outros países, de forma independente ou às vezes com certas conexões entre eles, sugeriram iniciativas vinculadas a usos sociais. Na Argentina, na zona metropolitana periférica de Buenos Aires, marcada pelos prejuízos de anos de políticas neoliberais, foi criada a ONG *Defensores del Chaco*, precursora de uma liga para a inclusão de crianças desfavorecidas. Com diferentes temporalidades, as ONGs e os espaços foram multiplicando-se no mundo. Na Europa, também na Ásia e nas regiões da Oceania, esta ferramenta está produzindo efeitos de ativação não só física, mas sobretudo moral, com múltiplas aprendizagens socioeducativas.

Há alguns anos que o autor de este capítulo está observando e fazendo pesquisa sobre este tipo de futebol. Primeiro na França, onde trabalhou entre 2007 e 2012 com associações que ofereciam um campeonato e treinamentos para pessoas imigrantes em situação de desabrigo. Ai, a Copa do Mundo das pessoas sem teto foi descoberta² e observada por meio das delegações francesas. As ações dessas ONGs foram acompanhadas durante cinco anos, sobretudo, a vida de alguns jogadores para uma tese de doutorado. Em outubro de 2013, a mesma inquietude me trouxe ao Brasil para fazer um pós-doutorado e continuar com esta linha de pesquisa. Foi assim que através do escritório da *Streetfootballworld Brasil*, entrei em contato com uma Comunidade de Aprendizagem, na qual trinta ONGs que promovem o futebol para o desenvolvimento social, trocam informações e experiências.

Nessa comunidade, o projeto Craque do Amanhã, do CIEDS³ foi descoberto e virou também matéria de pesquisa sociológica sobre esta área⁴. Alguns destes espaços no Brasil recebem apoio da FIFA por meio do programa *Football for Hope*. No mês de julho de 2014, por exemplo, o *Football for Hope* organizou no bairro do Caju, no Rio de Janeiro, um festival com 32 ONGs de diferentes países, dentre as quais oito delegações brasileiras estiveram presentes.

Assim, com alguns anos de observações, atento às tendências deste movimento, várias arestas têm sido identificadas. Com diferentes convicções e canais dissimiles, as ONGs que atravessam por este caminho possuem o desejo, e muitas vezes, a clara intenção de incidirem no campo das políticas públicas. No entanto, a tradução em políticas públicas está ainda numa fase inicial, onde tanto os atores públicos quanto aqueles que estão promovendo esta ferramenta estão testando diferentes alternativas, experiências piloto e metodologias. O objetivo deste capítulo reside em compartilhar algumas reflexões sobre o uso socioeducativo do futebol para desenvolvimento para professores de educação física no Brasil. É importante clarificar que estas reflexões só têm a ver com o futebol social e pouco a ver com o ensino do futebol em si mesmo.

²Chamada Homeless World Cup. No final de este artigo uma série de publicações vêm indicadas a este respeito.

³Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável: <http://www.cieds.org.br>

⁴Outro projeto desta Comunidade chamado Bom de Nota Bom de Bola da Associação Pró-Esporte e Cultura (APEC) foi visitado em Ribeirão Preto em agosto de 2014, pelo autor deste capítulo: <http://www.proesporte.org.br>

Esta visita faz parte da pesquisa em curso, mesma que inclui outras visitas futuras a diferentes projetos da Comunidade de Aprendizagem no Brasil.

Algumas vantagens do uso do futebol social

Os professores Silvio Ricardo da Silva e Priscila Ferreira Campos relatam o fato de que a educação física no Brasil teve uma virada nos anos 80 da disciplina inspirada no discurso e ideologia militar para certa abertura de jogos, brincadeiras, ginástica, dança e esporte. Porém, os mesmos autores percebem que, “infelizmente [...] o futebol, enquanto conteúdo de educação física escolar, vem sendo (ainda) tratado no interior da maioria das escolas brasileiras de forma reducionista” (2014: 40). Eles constatam que: “durante as aulas de educação física, o futebol acontece apenas no nível da prática (o fazer pelo fazer), desprovido de reflexões teóricas sobre o saber fazer corporal ou sobre as referidas conexões sociais que permite”. Assim, eles afirmam que o futebol é: “vivenciado, na maioria das vezes, de maneira sexista, onde é oferecido como atividade apenas ao grupo masculino” (idem). Além disso, quando é oferecido tanto a meninos quanto a meninas, cada grupo faz geralmente a atividade de forma separada.

Porém, o futebol social encontra diferentes vantagens. Em geral, mas não unicamente, as dinâmicas estão pensadas para a inclusão do gênero. Isso quer dizer, que os esquemas tendem a ser mistos entre meninos e meninas. É, nesse sentido, onde o potencial do futebol social pode se manifestar por meio da interação e a mistura de gênero. A esse respeito, comentaremos aqui algumas facetas de uma das metodologias do futebol social, conhecida como *Futebol 3 Tempos*. Esta metodologia contém vários princípios claros. Um primeiro tempo onde os participantes (meninos e meninas) discutem as regras que serão usadas durante os jogos. Essa faceta permite definições, protagonismos e negociações. Os participantes são acompanhados por um mediador cujo papel pode ser cumprido pelos professores ou por jovens líderes com experiência nesta área. O mediador está atento à interação harmônica do primeiro tempo, permitindo a regulação da conversa e evitando, na medida do possível, as imposições de regras por alguns dos membros do grupo. As reflexões sobre este processo podem refletir em alta quantidade a necessidade de tolerância.

Silvio da Silva e Priscila Ferreira Campos advertem com grande tato o fato de que: “meninas e meninos têm seus corpos e gostos construídos de forma distinta, por meio de processos de transmissão cultural, incorporando uma determinada estrutura social que influi em seu modo de sentir, pensar e agir” (idem). Colocados juntos, os meninos têm, na maioria das vezes, não só uma força física e uma maior experiência técnica para desenvolver habilidades no futebol, mas têm, também, um conhecimento que lhes foi oferecido historicamente desde pequenos. A tarefa de discutir, então, as regras durante o primeiro tempo do *Futebol 3 Tempos* não é sempre simples e envolve o desenvolvimento do respeito pelas diferenças. O segundo tempo, sem juiz, mas com a ajuda do mediador, é o futebol mesmo⁵. O terceiro, depois dos jogos, tem a ver com a avaliação em forma de debate da aplicação das regras na partida. Aí, nem sempre a equipe que faz mais gols ganha.

⁵Um aspecto sobre o qual faremos algumas reflexões no seguinte bloco do capítulo.

Diferentes pontos são acordados ao comportamento dos times e dos participantes. Neste sentido, a dimensão de cooperação pode criar um equilíbrio sobre as facetas da concorrência e das habilidades técnicas.

Esta metodologia está sendo disseminada no Brasil por diferentes ONGs através da Comunidade de Aprendizagem já mencionada com antecedência neste texto⁶. Algumas destas organizações, como o Instituto Formação⁷, no estado do Maranhão, possuem vários anos de experiência, enquanto outras, com menos anos na incorporação do futebol como ferramenta de trabalho social, estão aprendendo a implementá-lo. Estamos, em termos sociológicos, na presença do nascimento de um novo movimento socioeducativo que procura incidir na sociedade. Num contexto macrossocial, a implantação de projetos que usam o futebol para fins sociais faz parte também do debate político sobre o legado da Copa do Mundo de Futebol no Brasil 2014, uma questão que provoca interpretações de diversas índoles, enquanto o papel do megaevento, como explica o pesquisador da Universidade Federal de Paraná, Luiz Carlos Ribeiro⁸ (2014).

No entanto, no universo específico das entidades e dos espaços onde se utiliza a ferramenta do futebol, criam-se assim micro contextos de acordo com os termos da sociologia de Erving Goffman para a análise da interação interpessoal (1967/ 1974). Tratam-se de micro contextos na medida em que surgem regras para o entendimento e o desenvolvimento da ordem entre os participantes. E, o que é ainda mais interessante, são os próprios participantes os que geram e devem regular essas regras, modificá-las em alguns casos e sobre tudo respeitá-las. Com essa noção de micro contextos, cujo conteúdo são as situações específicas, resulta interessante comentar algumas implicações que podem ser úteis para os professores de educação física que já estão usando o espírito do futebol social ou para aqueles que desejam desenvolvê-lo.

O uso do futebol social nas aulas de educação física

Uma primeira forma de entrar verdadeiramente no futebol social, ou no chamado futebol para desenvolvimento no Brasil, é talvez tomar tempo para pensar e, sobretudo, definir, para quais objetivos sociais o futebol quer ser canalizado. Este exercício, que parece simples, pode envolver meses de discussões e definições. Quem define esses objetivos é também uma questão que deve ser resolvida e muitas vezes negociada? Porém, o que importa realmente para os professores de educação física é estar de acordo com esses objetivos sociais. Inclusive ajudar a construí-los. A meta tem que ser a incorporação de valores nas crianças? Então: quais são esses valores?

⁶Domenich, M. "Entrevista por Guilherme Yoshida", Universidade do Futebol, on line, 29 nov. 2013.

⁷<http://formacao.org.br/site/>

⁸Ver a referência no final do capítulo e consultar o texto do historiador Luiz Carlos Ribeiro sobre o debate político da Copa do Mundo Brasil 2014.

Alguns projetos podem utilizar este tipo de futebol para procurarem o trabalho sobre equidade de gênero. Como já foi dito, o formato dos três tempos permite introduzir conteúdo pedagógico na prática. É importante que os professores tenham clareza sobre os mecanismos que podem ser promovidos para procurar a equidade. Isto quer dizer que os meninos têm que aprender a jogar a bola com as meninas? Para esse tipo de questões a flexibilidade da criação de regras permite gerar pontos duplos para os gols das meninas, o ou fato que os gols só podem valer se a jogada prévia teve a participação de uma menina. No entanto, mais importante que a prática mesma, é a busca do fato de que as meninas assumam um papel protagonista no grupo e que possam, também, expressar os seus pontos de vista e suas reflexões.

Quando os objetivos têm a ver com a incidência na educação existem assim diferentes caminhos que podem ser transitados. Às vezes, os objetivos se associam com a melhora do rendimento escolar dos participantes de um projeto. Aí, alguns projetos como *Craque do Amanhã*, do CIEDS, no bairro do Arsenal, em São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro, ou a iniciativa da *Pró-Esporte*, em Ribeirão Preto, e outros lugares do Estado de São Paulo, utilizam os circuitos do futebol para monitorarem o desempenho das crianças nas escolas públicas. As crianças participantes têm que mostrar as qualificações e recebem pontos no espaço de futebol. Aquelas que precisam de maior atenção são acompanhadas por pedagogos para incidirem nas situações que impeçam a melhoria do desempenho na escola. A ajuda de psicopedagogos pode ser nesta orientação de grande valia para dar um acompanhamento aos processos visados e atingir os objetivos sociais traçados.

Assim, uma vez os objetivos claros, o futebol passa a ser uma ferramenta dentro de um processo mais amplo. Porém, a prática do futebol envolve a consideração de situações que exigem revisões periódicas. A questão dos “piores” sempre pode ser problemática. Este aspecto não tem a ver unicamente com meninas com menos habilidades técnicas do que alguns meninos, mas trata-se de crianças cujos corpos são menos atléticos e encontram dificuldades para se inserirem na velocidade de um jogo de futebol. As situações podem ser vistas como micro contextos que pedem tratamentos e engajamentos de cada participante. Quando algum participante, neste caso alguma criança, não consegue responder as exigências próprias do marco, provoca-se um mal-estar geral. No que o futebol se refere, diferentes respostas parecem naturais para uns, como o controle básico da bola, uma boa posição para receber passes, o passe preciso ou qualquer leitura dinâmica na medida em que os fundamentos estão bem incorporados neles. Mas, para outras, e outros inclusive, esse tipo de movimentos exige tempo e confiança. O fato de não poder controlar bem a bola, ou mesmo ser muito difícil fazer um gol, não só produz frustrações nesses participantes com menos vantagens, mas também pode ser perturbador para os outros, aqueles que têm anos de experiência no jogo. Nesse tipo de situações aparecem as sensações de segregação e de exclusão tal como já foi analisado em programas públicos de esporte educacional na França (Gasparini & Marchiset: 2008).

Um professor de futebol tentará oferecer maior tempo nos exercícios técnicos de controle e habilidades para atenuar essas diferenças. Porém, um professor de educação física que use o futebol para fins de desenvolvimento social e humano procurará, mais que corrigir esses aspectos, trabalhar as questões para gerar atitudes de cooperação. O acerto sobre a paciência para aqueles que estão acostumados a ganhar os jogos precisa de uma boa dose de paciência para o grupo todo.

O acúmulo de confiança daqueles que não se destacam pelas habilidades técnicas pode ser trabalhado também através de interação como os membros mais preparados. Diferentes jogos e exercícios, onde os segundos ajudem os primeiros na coordenação, podem trazer benefícios e uma maior equiparação. Nesse sentido, é necessário um grande esforço de explicitação e de comunicação dos mais destacados tecnicamente. O recurso a grupos de pares, onde os polos opostos enquanto às habilidades sejam misturados, pode gerar dinâmicas, nas quais alguns têm que explicar e ajudar com certos movimentos característicos do futebol a posição do corpo segundo situações ou diferentes técnicas de controle da bola.

A importância de espaços e momentos lúdicos nas interações cooperativas atinge assim níveis de engajamento no que se refere ao progresso do outro, aquele que tem menos ferramentas e precisa ser integrado. Acostumados a pensar o futebol desde o eixo da competência e a busca da vitória esportiva, a incorporação de valores de cooperação pode mudar o espírito da atividade e exige um esforço permanente dos professores para inculcar mensagens e regular os comportamentos.

O funcionamento das regras pensadas para a inclusão de todos os participantes durante o primeiro tempo da metodologia Futebol 3 Tempos envolve todo um trabalho de observação da dinâmica. Os professores devem estar atentos para que alguns membros não decidam sempre as regras, de maneira que seja um espaço negociado e plural. A capacitação para a mediação requer também seus próprios tempos, mas os esforços feitos trazem benefícios na capacidade de argumentação dos participantes. Os debates no terceiro tempo introduzem uma dimensão reflexiva que permite a avaliação do comportamento tanto do outro companheiro quanto dos mesmos protagonistas. É aí, novamente, quando os professores, ou os mediadores, precisam ficar atentos para segurar a harmonia das trocas de opiniões e percepções dos participantes envolvidos na discussão.

Da mesma maneira, na qual a ajuda para a definição de objetivos, o processo de acompanhamento de metodologias se vê potencializado com a participação de pedagogos ou psicólogos que possam observar detalhes gerais e pontuais do processo. Se os espaços pretendem ser ainda mais abertos, pode se dar a possibilidade de convidar estudantes nestas áreas, incluindo alunos de cursos de educação física na forma de estágios profissionais. Este tipo de experiências pode ter um duplo impacto. Por um lado, os projetos têm a possibilidade de receber o ponto de vista dos estudantes, e por outro, a participação pode ser para eles formativa nas suas carreiras. O acesso dos futuros professores de educação física, na etapa dos estudos, permitiria uma maior disseminação das metodologias de futebol social nos programas de educação física do amanhã, os quais poderão inclusive ser nutridos por novas ideias e reflexões. Mas todos eles precisam também de capacitações e de jornadas de reflexão.

Vale dizer que o Futebol 3 Tempos não é a única opção nem a única metodologia que procura mudanças sociais. Porém, trata-se de uma alternativa para se tomar em conta. Ela permite introduzir conteúdo sobre diversos temas numa perspectiva socioeducacional. Nessa orientação este tipo de futebol vai além da educação física das pessoas para atingir novas formas de construções sociais.

Conclusões

O futebol social, ou futebol para o desenvolvimento, faz parte das tecnologias e das ferramentas que estão sendo criadas para usar o esporte para ao benefício da humanidade. O papel da educação física é de muita importância na disseminação das inovações. Porém, o espírito destas formas a serviço de objetivos sociais não poderá ter efeitos de longo prazo sem o envolvimento pleno dos professores de educação física. O convencimento e a consequente participação dos professores são fundamentais portanto.

O futebol para o desenvolvimento faz parte de uma construção coletiva, onde vários atores sociais participam através da sua pedra no edifício. Grande parte do impulso e da coordenação dos projetos vem sendo acompanhados pelo papel e esforço das ONGs. Porém, a incorporação de vertentes de um uso educacional do futebol, que vá além da prática nas escolas, constitui um passo fundamental no campo de políticas públicas, unindo as grandes áreas, tanto a educação quanto o esporte a serviço de mudanças sociais por meio da juventude.

Este movimento procura assim influir desde as bases para propor desenhos inovadores de políticas públicas. É então desde os espaços recreativos e lúdicos das ONGs e das Escolas Públicas que as instâncias governamentais poderão observar padrões para tomarem em conta. Falta logo que essas mesmas entidades saibam aproveitar a inspiração para poderem replicar as boas práticas em outros contextos do país. Dentro do espaço das aulas de educação física podem ser geradas ferramentas e valores que atinjam outros âmbitos da vida dos alunos. Mais do que futebol em si, o assunto passa pela construção de laços sociais.

Um último ponto importante merece ser enfatizado. O uso do futebol para fins sociais e educacionais precisa de ajustes permanentes em função das situações vivenciadas em cada grupo. Algumas situações levarão os professores a insistirem sobre alguns aspectos de tolerância e respeito enquanto outras potencializarão lideranças juvenis. O recurso do futebol não garante resultados certos. É só através do trabalho, da inteligência e da perseverança que alguns resultados graduais aparecem. Alguns desses resultados são esperados, mas surgem também outras consequências inesperadas, problemas e imprevistos que devem ser levados a sério. Toda atividade dinâmica requer ajustes temporais e avaliações para estimar os benefícios e os pontos a serem revisados. Mais uma vez, as revisões periódicas constituem uma tarefa coletiva, onde diferentes papéis devem intervir em ajuda da ferramenta educacional.

Referências

Gasparini, William e Vieille-Marchiset, Gilles, **Le sport dans les quartiers**: pratiques sociales et politiques publiques, Paris, PUF, 2008.

Goffman, Erving, **Interaccional Ritual**: Essays on Face-to-Face Behavior, Anchor Books, 1967.

Goffman, Erving, **Frame analysis**: An essay on the organization of experience, London, Harper and Row, 1974.

Ribeiro, Luiz Carlos, “**Por uma análise política e social dos megaeventos esportivos no Brasil**”, Revista Ciência e Cultura, Junho 2014, Vol.66, Nº 2, disponível on-line.

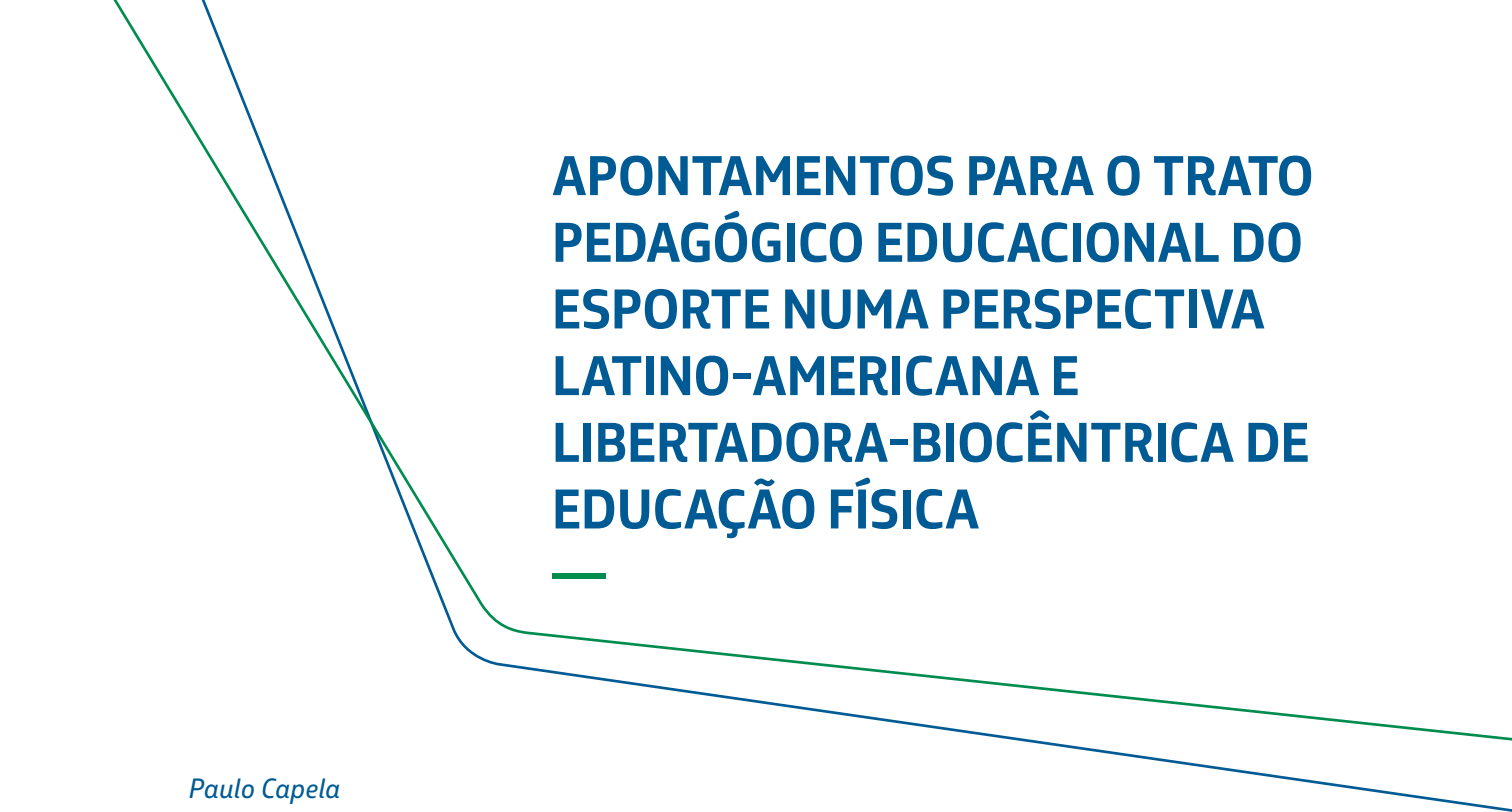
Silva, Silvio Ricardo da e Campos, Priscila Augusta Ferreira, “**Futebol e a educação na escola**: possibilidades de uma relação educativa”, Revista Ciência e Cultura, Junho 2014, Vol.66, Nº 2, disponível on-line.

Trejo, Fernando Segura Millán, “**A Ball can change de World**: Percepciones y situaciones en el mundial de los desamparados, la Homeless World Cup: Una revisión crítica desde la vivencia y la mirada de los jugadores, Acta Sociológica, UNAM, México, enero 2013, on-line.

Trejo, Fernando Segura Millán, “**O uso do futebol social como ferramenta internacional**”, Revista Ciência e Cultura, Junho 2014, Vol.66, Nº 2, disponível on-line.

Fernando Segura Millán Trejo

sociólogo, ganhador do Grand Prix de Recherche UCPF (União de Clubes Profissionais Franceses), pela melhor tese 2012 na França sobre estudos na língua francesa referidos ao futebol: “A Homeless World Cup e o Campeonato de Luta contra a Exclusão social na França. Análises de trajetórias sociais de exceção”, sob a orientação de Patrick Mignon. É pesquisador filiado ao Centro de Investigación y Docencias Económicas (Cide) no México. Realiza um pós-doutorado no CPDOC na FGV de Rio de Janeiro financiado pelo Conselho de Ciência e Tecnologia (Conacyt-México).



APONTAMENTOS PARA O TRATO PEDAGÓGICO EDUCACIONAL DO ESPORTE NUMA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA E LIBERTADORA-BIOCÊNTRICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Paulo Capela

Esse texto foi produzido no sentido de atender ao generoso convite dos organizadores dessa obra para que eu escrevesse algumas considerações acerca dos pressupostos educacionais e políticos que apontam o esporte como aliado na emancipação e desenvolvimento humanos.

Assim é que pensei em tratar o tema explicitando como compreendo o esporte moderno e como tenho pensado em produzir transformações didáticas em seus conteúdos à luz da concepção de ensino de Educação Física e esportes intitulada de libertadora-biocêntrica, a qual venho estruturando ao dialogar com o pensamento sociológico crítico latino-americano, as teses educacionais de Paulo Freire, o campo crítico da Educação Física brasileira e as elaborações da educação biocêntrica formuladas por Rolando Toro e Ruth Cavalcante.

Início minhas reflexões afirmando que há no senso comum a falsa ideia de que o esporte é um só, que tudo que se refere a jogo e que possua caráter competitivo é esporte e, portanto, que essa generalização sobre o que seja a prática e o ensino dos esportes constitui-se, em si, **panaceia redentora** para inúmeros males da vida moderna: tirar crianças e jovens empobrecidos economicamente e em situação de vulnerabilidade social das drogas e do furto; promover aprendizados de valores nobres; integrar e confraternizar comunidades e nações; livrar as crianças e jovens dos perigos das ruas; promover disciplina para ascender nos graus de escolarização formal, entre outros agravos da modernidade.

Para que esses discursos afirmativos quanto aos “milagres” do esporte possam se efetivar é necessário que este não seja tomado como um evento social em si, mas como *uma prática social de direito das crianças e jovens e condicionada por contextos culturais externos à sua prática, e*

mais ainda, que esses condicionantes sejam considerados nas formulações educacionais de sua ressignificação, a fim de ele poder contribuir verdadeiramente com as mudanças de comportamento que ocorram através de sua prática, mas sem ufanismos quanto ao alcance de seus potenciais educativos e transformadores da vida própria dos sujeitos e das comunidades. **O fato inicial a destacar é que os esportes nem tudo podem, mas também nem nada podem!**

Tornar o esporte instrumento de emancipação humana requer dimensionar corretamente suas estruturas fundantes, boas e más, identificar o quanto possui de alienação, ou seja, potencial de produzir frustração entre seus praticantes; acirrar tensões e gerar conflitos sociais; desestabilizar a vida; causar problemas de saúde, etc. Mas acima de tudo é também necessário identificar suas potencialidades de gerar vida, que podem ser infinitamente superiores às de suas mazelas, quando potencializadas educativamente.

Portanto, o primeiro ponto que gostaria de explicitar é quanto ao conceito de esporte moderno ou convencional, algo a meu ver importante para propor transformações educacionais em seu ensino.

Pensadores do campo crítico da Pedagogia e da Educação Física brasileira conceituam o esporte como apenas **uma das tantas possibilidades do jogar e de experienciar as múltiplas práticas da cultura corporal de movimento** de saltar, correr, arremessar, dançar, lutar, etc.

Assim, caracterizo o esporte em meus escritos como sendo uma prática da cultura corporal de movimento humano determinada pelo **rendimento-máximo-obrigatório-comparado**, sendo que a necessidade que essa prática impõe a seus praticantes é de **obrigatoriamente sobrepujar, ou seja, vencer e comparar-se inevitavelmente com seus adversários**, produzindo desta forma, uma lógica que se impõe **de forma sempre renovada** em um fluxo contínuo de infindáveis competições promovidas em campeonatos e torneios. Essas disputas evidenciam-se normatizadas por **regras objetivas e processos de treinamento externos ao contexto cultural de vida de seus praticantes e** determinam o que pode, ou não, acontecer, tornando o esporte um campo de experimentação humana **seletivo, excludente e especializado**.

Seletivo porque só alguns, os melhores, são considerados, enaltecidos e aceitos como “bons” praticantes dessas modalidades da cultura corporal referenciada como esporte.

Excludente porque o esporte exclui, de forma objetiva ou velada, os que não possuem os parâmetros desejáveis de performance máxima, além de excluir também outras formas mais amplas de expressão da vida através do **movimentar-se** humano.

Especializado porque é preciso treinar muito para produzir gestos cada vez mais objetivos e semelhantes aos padrões “técnicos pré-estabelecidos” e ter eficiência na execução dos “fundamentos” do esporte, transformando os “**jogadores**” em “**atletas**”, sujeitos especialistas em certos gestos motores, **sempre gestos restritos** da vida plena de movimentos humanos, reduzindo as técnicas nos esportes às práticas adequadas apenas para a prática daquele esporte que se pratica.

Além dessas orientações de sua prática, o esporte também promove, de forma implícita e explícita, **valores humanos indesejáveis**, tais como: racismo, sexismo, nacionalismos por vezes exacerbados, populismo e dependência, agressividades locais, regionais e nacionais, xenofobias, competitividade extremada, violências (física e simbólicas), forte apelo mercadológico ao consumo, idolatria e mitificação de certos atletas profissionais, enfim, muitos elementos desagregadores da vida pessoal e comunitária.

Certamente não é dessa prática esportiva que falo quando digo que o esporte pode ser promotor de muitos potenciais de humanização em uma prática educativa. Tampouco acredito que *apenas promover adaptações* em sua forma “oficial” de ser proposto por suas agências reguladoras - COI, FIFA, Federações, Confederações, Ligas, enfim, sistema-mundi de determinação e disseminação de esportes, denominado Olimpismo, seja suficiente para torná-lo educacional e gerador de emancipação humana, cidadania e vida plena.

Se o esporte enquanto prática extremada de competição mediada por regras externas ao mundo de vida dos participantes torna-se prática corporal de movimento restritiva de vida, **ele precisa ser reformatado pelos educadores em seus pressupostos de ser entendimento e prática**. Só assim poderá ser oferecido fora dos parâmetros de sua manifestação “oficial”, ou seja, enquanto treino e campo de conduta degradantes da vida humana plena.

Tenho defendido que **o esporte para ser educacional e emancipador da vida, precisa** deixar de ser treinamento e **acirramento de disputas e egos**, e deve passar a ser algo novo, ou seja, transformar-se em um conteúdo de ensino que aponte para uma nova ordem “propedêutica” **para e da** vida plena, e que se faça prática renovada já em seu processo de ensino.

Através de processos de transformação didático-pedagógica dos esportes à luz da concepção libertadora-biocêntrica penso ser possível propor uma via importante de transformação do esporte convencional em uma experiência de ensino rica em potenciais humanizantes, principalmente para populações que têm direito de aprender esportes como as populações de crianças e jovens que frequentam as escolas, e para as que freqüentarão **as escolas públicas de esporte para sujeitos que não desejam tornarem-se atletas**, é que precisamos implementar, **espero que em breve**, essa nova forma de compreender o esporte como política pública em nosso país.

A concepção de ensino de esportes libertadora-biocêntrica tematiza o esporte através de quatro campos de conhecimentos e objetivos para seu ensino educativo, assim formulados:

1) Conhecimentos e objetivos do âmbito técnico-instrumental: as crianças e jovens precisariam aprender a jogar bem os jogos esportivos propostos.

2) Conhecimentos e objetivos do âmbito do esclarecimento: não basta ser um bom praticante dos esportes, é preciso também ser bom conhecedor dessa cultura, de como ela se apresenta nos diversos contextos sociais, por vezes até mesmo perversos, que negam e oprimem pessoas e populações; os jovens e crianças precisam ser esclarecidos sobre esses fatos através de estudos

e exposições de temas advindos das ciências humanas e sociais de perspectiva crítica, de modo a promover um **olhar amplo, esclarecido e politizado** sobre os temas das culturas esportivas ensinadas, e também sobre o próprio mundo de vida (e de vida esportiva) em que vivem seus praticantes, quase sempre mundos tornados precários pelas políticas e os interesses que não lhes são favoráveis.

3) Conhecimentos e objetivos do âmbito das interações sociais: O ambiente humano caracteriza-se como eminentemente sociocultural, portanto, é preciso fornecer conhecimentos para que as crianças e jovens saibam lidar com as diferenças na interpretação dos fatos da cultura esportiva e da vida, para que possam se posicionar sem agredir (física ou simbolicamente) os que são diferentes ou divirjam de seus pontos de vista. É necessária a construção de um ambiente educacional sadio para a resolução de conflitos e explicitação das divergências. Para isso ocorrer, estabelecemos como primeira tarefa da mediação do esporte de caráter educacional libertador-biocêntrico, **a construção de grupos que geram vida**, nos quais as pessoas (crianças e jovens) aprendam a acolher e serem acolhidas, aceitar e serem aceitas, num espaço e tempo pedagógicos sem julgamentos e sem atitudes intempestivas e desagregadoras da vida social. Considero que, somente assim, em um ambiente de respeito, **compreensão esclarecida** e acolhimento das diferenças, é possível coexistirem formas diferentes de vivenciar coletivamente os esportes que promovam ludicidade, prazer e alegria, **para todos/as!**

4) Conhecimentos e objetivos de sensibilização para o cuidado com a vida própria, do grupo que frequentamos nas práticas esportivas, das comunidades em que vivemos e também sensibilização quanto à plenitude das formas de vidas planetárias. A cultura capitalista antivida promove dessensibilização quanto à própria vida, à vida social, a dos demais seres vivos e a da própria vida da natureza física. Vivemos desconectados e alheios à percepção de pertencimento a uma grande teia viva planetária e cósmica. Entendo que os conhecimentos e conteúdos de sensibilização para a vida quando considerados nos processos educacionais proporcionam a criação de horizontes utópicos e de esperança muito importantes para a efetivação de um novo, **e melhor**, projeto de humanização, mas percebo que essa perspectiva é ainda pouco observada no ensino dos esportes.

Assim, através da concepção libertadora-biocêntrica podem-se produzir estranhamentos sobre fatos do esporte já naturalizados, ao partir do entendimento de que a cultura esportiva possui elementos bons e ruins, possui muitos germes antivida, mas, ao mesmo tempo, um grande poder de promover elementos potencializadores da vida, desde que corretamente equacionados em práticas de ensino dos esportes. Finalizando, gostaria de fazer mais um registro: o de que os conhecimentos estruturantes das transformações didático-pedagógicas dos esportes a partir da concepção libertadora-biocêntrica pautam-se nas teses, conceitos e opção política advindas dos pressupostos de construção de uma América Latina livre das múltiplas opressões de seus colonizadores (algozes) cujos processos civilizatórios e de invasão sobre nossas culturas locais e práticas corporais de movimento nos privam de expressarmos-nos de forma própria.

Em minhas elaborações é o pensamento sociológico e educacional crítico latino-americano que me inspira a fugir do determinismo de oferecer esporte convencional às novas gerações de nosso país, e apontar, assim, **um novo caminho educacional para o ensino de esportes**, um caminho marcado por produções próprias, originais e descolonizado para tratar o esporte em seu caráter educacional.

Penso que a sociologia crítica latino-americana em articulação com o pensamento educacional na libertação latino-americana, em especial a obra de Paulo Freire, são capazes de abrir novos horizontes no pensamento crítico da Educação Física brasileira e também possibilitar a construção de um novo esporte e um novo horizonte civilizatório e educacional para as próximas gerações através de uma reconfiguração do esporte, refenciando-o no que haja de mais digno das práticas da cultura corporal de movimento e esportiva dos povos, irmanando-nos em uma perspectiva de cooperação, auxílio mútuo e fraternidade entre as gentes. A isso chamo operar transformações didático-pedagógicas do esporte na ótica da vida plena e da libertação-biocêntrica.

Uma última nota: a adjetivação biocêntrica de nossa concepção nos coloca o compromisso de revisitar a história da racionalidade científica que modela o contexto da modernidade, em especial as racionalidades científicas de cunho positivista (ciências empírico-analíticas quantificadoras da vida), as quais até produziram avanços tecnológicos fenomenais para a humanidade, porém reduziram em muito a expressão das potencialidades humanas da **percepção, intuição, amorosidade, ludicidade e conexão humana com as forças cósmicas plasmadoras e geradoras de todas as formas de vida planetárias.**

Bem, porque penso e tenho agido política e socialmente “lastreado” nesses pressupostos pedagógicos, políticos, didático-pedagógicos e mediadores de princípios e valores de **perceber a vida viva**, é que penso também o esporte de caráter educacional em oposição às bases políticas, valores, princípios e suas práticas tradicionais. **Penso o esporte educativamente como instrumento de luta e festa** para todos os usurpados pelos históricos dominadores da vida planetária e comprometido com os mais edificantes princípios de humanidade.

Para essa forma esportiva que defendo se efetivar é preciso pensar o esporte na contra-lógica do capital, porque o esporte é muito mais que um jogo capitalista, e a vida muito mais do que se expressa nessa forma esportiva; assim, os pressupostos educacionais e humanitários de meus estudos e prática me aconselham a criticar seu emolduramento social capitalista para, desta forma, torná-lo prática esportiva de elevado potencial de humanização e humanidades para a vida de crianças e jovens.

Paulo Capela

Mestre em Educação pela UFSC. Professor do DEF\CDS\UFSC- Departamento de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina; Coordenador GECUPOM\Futebol- Grupo de Estudos em Cultura Popular e de Movimento\ futebol vinculado ao Núcleo de Pesquisa- Vitral Latino Americano de Educação Física, Esporte e Saúde; ex-presidente do IEELA - Instituto de Estudos Latino-Americanos da UFSC (2012-2013).

E-mail: pcapelasc@gmail.com

CATEGORIA ESCOLAS PÚBLICAS



Introdução

A escola é e sempre será o espaço privilegiado para formação dos indivíduos, para o desenvolvimento de valores, de atitudes críticas sobre a sociedade e a realidade na qual cada indivíduo está inserido, bem como para prepará-los para o exercício da prática cidadã. A escola assim, forma para a autonomia, para as relações familiares, políticas e coletivas, para cidadania e para vida.

Nesse sentido, o esporte nas escolas, abre para um leque de possibilidades da formação nas aulas de educação física e também aponta demandas para busca de metodologias e práticas pedagógicas como fontes relevantes para a formação integral e humana.

É a busca por uma escola e disciplinas que fortaleçam a capacidade e as habilidades criativas, que incluam, respeitem as diferenças e favoreçam ambientes de transformações didáticas e pedagógicas, que se pretende chegar. Um lugar para todos e onde todos possam aprender e ser valorizados.

Para o centro dessa discussão, considera-se importante trazer a concepção do esporte educacional, por conjugar disciplinas e os conteúdos curriculares obrigatórios da educação com o objetivo do desenvolvimento de competências, elementos fundamentais na formação de sujeitos.

E nesse universo de conceitos, concepções, práticas e fazer profissional, estão inseridas as três experiências pedagógicas vencedoras do Prêmio Petrobras de Esporte Educacional (PPEE) e a experiência vencedora do prêmio especial. Dentre as mais de 300 práticas inscritas na categoria **Escolas Públicas**, as quatro selecionadas mostram que, de forma simples e ao mesmo tempo inovadora, soluções criativas e de baixo custo possibilitam trabalhar valores e conteúdos importantíssimos para o desenvolvimento integral dos indivíduos¹. São práticas que trazem múltiplas aprendizagens, seja na valorização da cultura local, na busca pela adaptação de regras e espaços ou nas atitudes de respeito às individualidades.

Uma tecnologia social de esporte educacional que pode ser desenvolvida em qualquer lugar. São experiências adaptáveis a diferentes contextos e realidades, mas não devem ser repetidas como em uma “receita de bolo” onde não se mudam os ingredientes. Como tecnologias sociais podem ser modificadas e reorganizadas, de acordo com as características e necessidades locais.

O processo é dinâmico e a participação coletiva tem papel fundamental. Quanto maior for o envolvimento da comunidade, maiores são as chances de sucesso da ação. O professor conduz as aulas em um formato mais propositivo, no qual todos têm voz e vez e são convidados a participar, opinar e contribuir com o que sabem e assim, ampliar o repertório de conhecimento dos demais. As brincadeiras e jogos são indispensáveis e os resultados são medidos mais pelos objetivos e desafios e menos pela vitória ou pela derrota.

Dada a importância de se difundirem os benefícios e as potencialidades do esporte educacional no país, as experiências bem sucedidas desenvolvidas no âmbito escolar não poderiam ficar de fora. Para Moll, a instituição escolar tece uma rede de espaços sociais (institucionais e não institucionais) que constrói comportamentos, juízos de valor, saberes e formas de ser e estar no mundo². Assim, o pensar do esporte educacional na escola não deve ficar restrito a ela, e sim ultrapassar seus muros, contando com a participação da comunidade num processo onde todos são educadores e corresponsáveis pelos processos de ensino-aprendizagem.

A ideia de “aprender jogando e jogar aprendendo” revela ganhos extraordinários e mostra que é possível extrapolar as quadras, os campos e as salas de aula, reforça ainda, que o esporte educacional agrega, inclui, motiva e contribui para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes.

Por fim, com essa linha de pensamentos compartilhamos neste capítulo, as experiências pedagógicas que pode ser tomadas como fontes inspiradoras para aqueles que veem no esporte um caminho de inclusão, de valorização dos indivíduos e como benefícios à qualidade de vida.

¹ Consideramos o desenvolvimento humano integral à luz do conceito de educação integral que coloca “o desenvolvimento humano como horizonte (...), a necessidade de realização das potencialidades de cada indivíduo para que possa evoluir plenamente com a conjugação de suas capacidades, conectando as diversas dimensões do sujeito (cognitiva, afetiva, ética, social, lúdica, estética, física, biológica)”. Guará (2006).

² Moll, 2007

Vivências lúdicas no esporte

Instituição Executora:
Escola Estadual Altair Severiano Nunes

Local: Manaus, Amazonas

Público-alvo: 87 alunos na faixa etária de 12 a 14 anos, do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. Pais e responsáveis também foram envolvidos na experiência.



Sobre a **INSTITUIÇÃO**

Numa área residencial de Manaus, a Escola Altair Severiano Nunes atende 280 estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Localizada no conjunto Eldorado, no bairro nobre de Parque Dez de Novembro, zona centro-sul da cidade, é uma escola de tempo integral, que investe em iniciativas extracurriculares para a elevação dos índices de aprovação e redução da repetência e abandono escolar. Em uma escola que trabalhe com período integral, espaços destinados ao convívio e recreação dos alunos nos intervalos entre as aulas ou nos momentos de descanso são fundamentais. Esta não era a realidade da Altair Severiano Nunes, mas não foi um problema para a professora Nilce Pantoja e seus alunos.

Manaus

Uma das cidades brasileiras mais conhecidas mundialmente por causa do ecoturismo na Floresta Amazônica, Manaus é o 10º maior destino de turistas no Brasil. Nas primeiras décadas do século XX, a cidade cresceu junto com a exploração da borracha. Ficou conhecida como o “coração da Amazônia”, a cidade da floresta. Hoje, sua economia está baseada no Polo Industrial de Manaus, sendo a 6ª cidade mais rica do Brasil.

O bairro Parque 10 de Novembro foi criado em 1938 como um balneário, com suas piscinas de águas cristalinas do igarapé do Mindu. A Escola Estadual Altair Severiano Nunes atende basicamente crianças moradoras do bairro, ou de locais bem próximos. Desde os anos 30, o Parque Dez cresceu muito, e sofreu o impacto da poluição do igarapé e do crescimento populacional, mas permanece como uma área nobre de moradia, com a quarta maior renda per capita de Manaus.

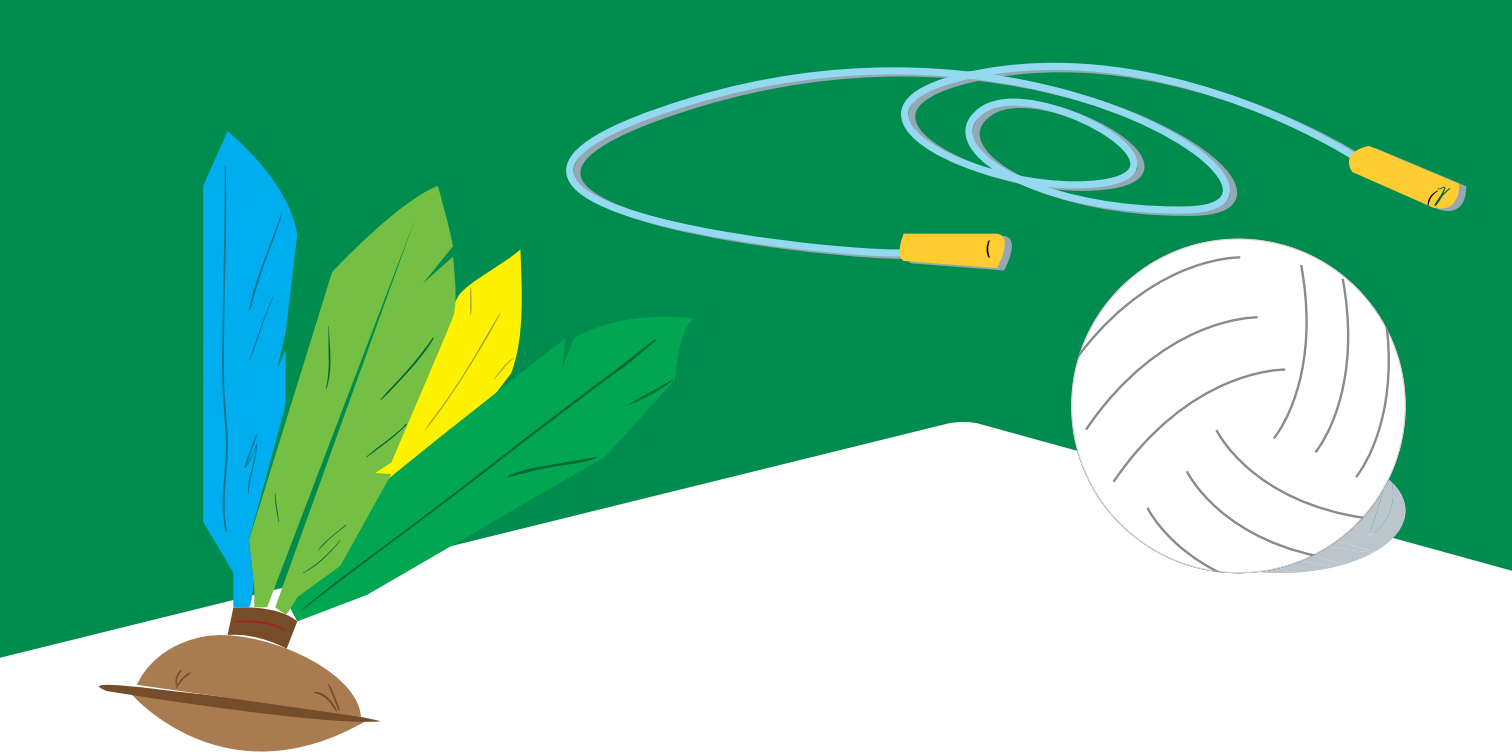
Por que a experiência foi premiada:

- *Alto potencial de reaplicação*
- *Baixo custo*
- *Inovação no ensino de Educação Física*
- *Simplicidade*

Tradição + inovação =
NOVOS SABERES

“O brincar por si só proporciona um momento de lazer, interação com o outro e desenvolvimento motor das crianças, adolescentes e adultos, garantindo a saúde e o bem estar. Acredito que, pela sua simplicidade e valorização das identidades regionais e saberes populares, tanto as escolas da rede pública, estadual quanto municipal podem reaplicar esta experiência e contribuir para a formação psicomotora do indivíduo.”

Professora Nilce Pantoja



Batalhão, Barra-Bandeira, Três Cortes, Manja-Bola, Amarelinha. Correr, pular, saltar, pegar, lançar. Quem já brincou de verdade sabe quão rica pode ser esta experiência. Envolve saberes, algumas regras e movimentos estratégicos.

A professora de Educação Física Nilce Pantoja não estava satisfeita com a qualidade da participação dos seus alunos nas atividades e, por conhecer o potencial da prática do esporte, principalmente quando o processo de ensinar-aprender transcende a abordagem de técnicas e regras, buscou levar os alunos a refletirem, construir em conceitos e perceberem na escola mais um espaço de vivência e crescimento.

Como então, ensinar o desporto de forma a motivar realmente os alunos? Como fazê-los participar ativamente desse espaço de aprendizagem que pode ser lúdico, vivo, prazeroso?

A professora começou a inserir nas aulas conhecimentos produzidos pelos próprios alunos, convocando sua colaboração para a construção de novas práticas. Pesquisou, estudou e chegou a um projeto: abrir os portões da escola para saberes do cotidiano dos alunos e incorporar a cultura local ao saber formal. Por meio do diálogo entre conhecimentos formais e não formais, ela criou o '**Vivências Lúdicas**', uma oportunidade de ensino-aprendizagem, relações sociais e participação.

O grande diferencial foi fazer das crianças as coautoras da experiência, aportando os saberes não formais no processo de aprendizagem de técnicas e práticas esportivas. Nilce formulou uma experiência que envolveu não apenas os alunos, mas também suas famílias, aproximando gerações por meio do resgate de memórias e movimentos. Uma experiência simples, que precisa de poucos recursos e que, no entanto, cria uma série de estratégias educacionais que impactam alunos e famílias e geram novos conhecimentos para a escola.

Ao abrir caminhos para a aquisição de saberes utilizando o diálogo com pais e familiares, diálogo com professores e colegas de turma e aprendizagem de movimentos e técnicas por meio de saberes populares, a experiência se revela um importante instrumento pedagógico, facilmente reaplicável.

As brincadeiras e os jogos de infância

Os temas que nortearam a ação foram as brincadeiras tradicionais e os jogos que crianças de diferentes gerações continuam praticando nas ruas, praças, quintais e escolas das cidades brasileiras. Através de perguntas como “quais eram as brincadeiras de meus pais, avós, tios, irmãos mais velhos?”, as crianças iniciaram uma pesquisa junto a seus familiares e recolheram um acervo de brincadeiras antigas e tradicionais, e estas foram apresentadas à turma, e reproduzidas em desenhos e esquemas, para, posteriormente, serem utilizadas como novas ferramentas de introdução ao esporte.

O levantamento e análise das brincadeiras foram utilizados para motivar os alunos a conhecerem mais profundamente sua própria cultura, e lançarem um novo olhar sobre o seu cotidiano e sobre as práticas recreativas que lhes interessam. “E essa reflexão possibilitou, ainda, que eles se apropriassem de sua história e da história de seus pais”, lembrou Nilce.

Na tecnologia social de esporte educacional desenvolvida pela professora, um dos eixos estratégicos foi a interação entre pais e crianças no desenvolvimento de novas percepções. A apropriação das experiências de seus pais para aplicação no esporte contribuiu para que os alunos valorizassem o saberem vindos das brincadeiras, sendo capazes de dialogar com os conhecimentos formais.

Brincadeira: Manja-bola

O Manja-bola, originário de Parintins, no Amazonas, é um pega-pega com bola, que se assemelha ao pique bola. O pegador, ou manja, corre atrás das outras crianças com uma bola na mão. Quem ele conseguir acertar com a bola vira o próximo pegador.

O ideal é brincar numa área que tenha árvores, postes e pedras grandes, para que os fugitivos possam se proteger das boladas.

Fonte: www.mapadobrincar.folha.com.br



A professora se propôs a constituir a Educação Física como um campo de produção de conhecimentos, superando a histórica fragmentação entre corpo e mente. Ao assumir com os seus alunos a responsabilidade de criar novas práticas de ensino, Nilce desenvolveu uma experiência em três momentos: resgate de brincadeiras tradicionais, análise dos movimentos e do trabalho corporal, e utilização desses movimentos para a prática de modalidades esportivas.

A primeira etapa é a de motivação dos alunos por meio da realização da pesquisa junto aos seus pais e parentes mais velhos, procurando saber o que brincavam na infância. As brincadeiras e jogos foram, então, retratados por meio de desenhos com as mais precisas descrições possíveis dos movimentos, a indicação dos melhores lugares e dos materiais utilizados para brincar e também suas regras e dinâmicas.

Numa roda de conversas, os alunos apresentam as brincadeiras ao grupo, socializando todas as informações disponíveis. Nesse momento, alguns alunos percebem que ainda participam das mesmas brincadeiras que seus pais, e que também existem jogos comuns a todos. Trata-se do reconhecimento da cultura local que permeia a vida cotidiana de todos os alunos.

A experiência contribui, portanto, para o fortalecimento dessa identidade, revelada durante o processo de pesquisa e descrição das brincadeiras. Os familiares, que são convocados a se lembrar e criar uma narrativa sobre os brinquedos e brincadeiras, também são levados a reconhecer uma identidade cultural da qual comungam e que ajudam a manter.

A segunda etapa do processo definiu quais brincadeiras seriam foco de uma análise mais aprofundada, para identificação de movimentos e técnicas utilizáveis na aprendizagem de modalidades esportivas. A seleção considerou critérios como o nível de adequação ao objetivo de uma determinada prática esportiva, mas também a popularidade da brincadeira. Brincadeiras muito conhecidas foram selecionadas por seu potencial agregador.

Finalmente, os movimentos identificados nas brincadeiras foram aplicados em práticas esportivas. Mais do que repetir ou reproduzir movimentos e estratégias, os alunos trabalharam na fusão da brincadeira com o esporte, identificando ferramentas de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades. Esse processo, que parece simples, requer, no entanto, dinâmicas de fazer e aprender, envolvendo negociações, erros, acertos, adequações e conflitos, inerentes à vida social.

As brincadeiras que mais se adequavam ao projeto foram a Manja se Esconde, Manja-Bola, Manja-Pega, Queimada, Polícia e Ladrão, Futebol, Pula Corda, Tiro ao Alvo, Barra-Bandeira, Jogo dos três Cortes, Peteca, Amarelinha, Vôlei de Rua, Stop e Garrafão. Elas foram utilizadas como instrumentos para trabalhar técnicas de Handebol, Voleibol e Futsal.

A prática da **Queimada** foi utilizada para enfatizar dois fundamentos do Handebol: o arremesso e o passe alto. Na mesma modalidade, também foi usado o **Manja-Bola**, para trabalhar o arremesso e a finta.

A brincadeira dos **Três Cortes** foi usada para destacar o fundamento de passe e corte da modalidade Voleibol. **Pular Corda** desenvolve a força explosiva e o reflexo, e a **Amarelinha** trabalha a potência de membros inferiores.

Para aprender o Futsal as crianças brincaram de **Polícia e Ladrão** e **Barra-Bandeira** desenvolvendo a elasticidade, a destreza e a velocidade. O **Tiro ao Alvo** com os pés treinou a precisão do chute. As brincadeiras **Batalhão** e **Barra-Bandeira** foram aplicadas como aquecimento, servindo para desenvolver o reflexo, o drible e a velocidade de reação dos alunos.

Brincadeira: Amarelinha

Riscar o chão e sair pulando é uma brincadeira dos tempos do Império Romano. A Amarelinha original tinha mais de cem metros e era usada como exercício de treinamento militar. Os soldados corriam sobre a Amarelinha para melhorar as habilidades com os pés.

As crianças romanas, nas suas brincadeiras, fizeram imitações reduzidas do campo utilizado pelos soldados e acrescentaram números aos quadrados que deveriam ser pulados.

Hoje, as Amarelinhas têm formatos de caracol, quadrado e geométricos, que lembram o corpo de um boneco. A quantidade de casas pode também variar bastante.

As palavras céu e inferno podem ser escritas no começo e no final do desenho, que é marcado no chão com giz, tinta ou graveto. Mas as crianças também escrevem palavras como mundo, sol e lua nessas áreas, geralmente de descanso (local onde se pode pisar com os dois pés, por exemplo).

Usando pedra, caco, casca de banana ou “alguma coisa pesadinha” (como dizem as crianças), os participantes pulam amarelinha saltando (com um e dois pés) ou chutando.

Fonte: www.mapadobrincar.folha.com.br

Materiais simples e baratos: com pouco é possível chegar longe

O material utilizado para a realização da experiência é simples e barato: esse é mais um elemento que torna a experiência do **Vivências Lúdicas** reaplicável em qualquer contexto. Lápis, giz de cera, papel ofício, papel almaço, caderno, cartolina e materiais desportivos.

Todo o material para as brincadeiras foi produzido em oficinas com as próprias crianças, criando equipamentos e descobrindo novas funções para velhos objetos. Esse trabalho, além de baixar consideravelmente o custo da experiência, é um investimento na criatividade e autonomia das crianças e adolescentes.

Os materiais desportivos utilizados normalmente fazem parte do acervo da escola - são cordas, arcos, bolas variadas, cones, apito e rede de vôlei.

Apenas um adulto pode mediar as práticas com os alunos, mas se outros atores da comunidade escolar puderem ser envolvidos em diferentes momentos da experiência, os resultados são ainda mais expressivos.

Com uma metodologia simples e rica de possibilidades – valorização do prazer e do lúdico, autonomia na abordagem da prática esportiva, investimento na interação entre gerações e no estreitamento das relações entre pais e filhos – a experiência **Vivências Lúdicas no Esporte** pode ser incluída como uma atividade permanente do calendário escolar.

Fica a Dica das Vivências



1. É importante permitir que, em algum momento ou dias específicos, as crianças levem para a escola seus brinquedos ou jogos, como o skate, patins, pipas etc. Eles devem ter a oportunidade de dividir também suas brincadeiras preferidas.



2. A mediação do professor durante a apresentação das brincadeiras pode enriquecer substancialmente a pesquisa feita pelos alunos. Por isso, o professor deve realizar, previamente, um levantamento, constituindo um acervo de brincadeiras, com suas origens e história.



3. Essa pesquisa deve ser ampliada, por exemplo, fazendo a comparação dos nomes e variações da brincadeira em outras regiões. Curiosidades e informações novas sobre outros estados e cidades contribuem para o enriquecimento do repertório cultural dos alunos.



4. O acervo de desenhos e narrativas pode ser utilizado para uma exposição na escola ou para a confecção de “cadernos de brincadeiras”.



5. Em áreas onde existam comunidades indígenas, quilombolas, ou colônias de migrantes a experiência pode ser enriquecida com entrevistas e pesquisas sobre brincadeiras destas culturas.



6. Para fortalecer o eixo da interação dos pais com os filhos e a escola, realize um “festival com as brincadeiras de antigamente”. Responsáveis e funcionários da escola podem ser os convidados especiais e os protagonistas na apresentação das brincadeiras, interagindo com as crianças.

Cadeirabol: uma experiência divertida

Instituição Executora:
Escola Municipal Frei Rogato

Local: Município de Betim, Minas Gerais

Público-alvo: 30 alunos matriculados no 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Frei Rogato, de ambos os sexos, com idades entre 11 e 13 anos



Sobre a **INSTITUIÇÃO**

A Escola Municipal Frei Rogato fica na Colônia Santa Izabel, um lugar cheio de história. Desde dezembro de 1931, pacientes da cidade de Betim foram internados na Colônia Santa Izabel para o controle da hanseníase, também conhecida como Lepra, uma das maiores instituições criadas no Brasil para este fim.

As internações aconteciam devido ao preconceito, exclusão e política de confinamento praticada no tratamento da doença na época, o que até hoje leva traços de preconceito e exclusão para o lugar.

No Brasil e no mundo, embora as formas de tratamentos e a realidade das pessoas com hanseníase tenha mudado, ainda reside no imaginário social, estigmas sobre determinados grupos sociais, devido a condições e aspectos econômicos, sociais, étnicos, culturais, físicos ou religiosos.

O professor Danilo César Pereira, da Escola Municipal Frei Rogato, localizada dentro da Colônia Santa Izabel, rompendo as barreiras dos preconceitos e considerando o verdadeiro sentido de respeito às diferenças, começou a escrever uma nova história para o lugar. Criou uma ação educacional com o intuito de possibilitar a inclusão de uma adolescente com deficiência na prática de esporte.

A escola, que tem cerca de 500 alunos e 67 funcionários, embora receba alunos com deficiência, não garantia as condições de acessibilidade para os mesmos. Mas foi na aula de Educação Física que Danilo César decidiu mudar esta realidade.

Betim

Parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Betim é a quinta maior cidade do Estado de Minas Gerais e uma das 50 maiores do país.

As primeiras indústrias do município, anteriormente conhecido como Capela Nova do Betim, se instalaram, a partir de 1940, e o caráter de cidade interiorana começou a ser deixado para trás, vindo em seu lugar o crescimento populacional e a diversificação cultural. Hoje, a cidade é também um importante polo petroquímico e automotivo.

Betim tem cerca de 400 mil habitantes, e um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de 0,749, considerado relativamente alto. Naturalmente, as altas taxas de crescimento demográfico trouxeram consigo uma crescente demanda de vagas na educação, o que torna prioridade a elaboração de políticas de educação nos diferentes segmentos de ensino.

Por que a experiência foi premiada:

- *Inovação na prática do esporte*
- *Simplicidade*
- *Baixíssimo custo*
- *Alto potencial de reaplicação*
- *Promoção da interação das diferenças e respeito às individualidades*
- *Atividade para o desenvolvimento cognitivo, motor e socioafetivo*

Cadeirabol - uma tecnologia social de oportunidade e igualdade

“Confesso que não foi simples, pois era minha primeira experiência em uma escola que atendia crianças com e sem deficiências. A minha motivação surgiu quando realizei uma aula de Handebol e percebi que uma aluna se sentiu excluída, mesmo com um colega ajudando a empurrar sua cadeira. A forma que encontrei para minimizar os impactos da exclusão foi realizar o processo inverso da inclusão. Resolvi fazer com que todos os alunos se sentissem iguais, a partir da percepção da diferença.

Danilo Cesar Pereira, professor de Educação Física

Foi a necessidade de incluir uma aluna, sentada na cadeira de rodas, ansiosa para participar do jogo de Handebol, que colocou o professor César para pensar. Enquanto ela só queria participar, o resto do time queria era ganhar o jogo e, num acordo tácito, não arriscava passar a bola para a colega que, na visão do grupo, tinha tudo para errar. E a aluna que, apesar de estar dentro da quadra, era só uma expectadora, teve a coragem de chorar ali mesmo, na frente de todo mundo.

A expressão da exclusão sensibilizou o professor de Educação Física Danilo César Pereira, que já havia trabalhado com pessoas com deficiência em uma escola especializada. Nesta instituição, conheceu as potencialidades das pessoas com deficiência para a prática do esporte em corridas, festivais de danças e atividades recreativas

Mas e ali, na escola pública, sem infraestrutura, sem equipamentos especiais, como incluir a menina nas atividades? Como contribuir para sensibilizar os alunos em relação às diferenças e a não discriminação? E como mostrar que, mais que ganhar o jogo, é importante cooperar, participar, interagir?

Com pró-atividade, Danilo César resolveu o problema e criou uma tecnologia social de esporte educacional. O Cadeirabol é um jogo de Handebol diferente. Os alunos da turma do 7º ano da Escola Municipal Frei Rogato tiveram que se mover pela quadra usando cadeiras escolares. Ao invés de jogar em pé, jogaram sentados, como a colega da cadeira de rodas. Uma invenção com custo zero, feita sem planejamento, no calor do momento, mas que se revelou eficaz para o objetivo de inclusão, reflexão e transformação. Um exemplo de como uma oportunidade deve ser bem aproveitada, mesmo com adversidades e



sem a estrutura necessária. O importante é trabalhar para que a experiência seja o ponto de partida para novas e desafiadoras conquistas. O professor utilizou o conceito de inclusão invertida, no qual crianças e adolescentes sem deficiência se colocam na posição do outro, com deficiência. A lógica parte de uma pergunta bem simples: por que é a pessoa com deficiência quem tem que se adaptar o tempo inteiro a estruturas e processos que existem para as pessoas sem deficiência?

Experimentar o contrário pode trazer resultados muito positivos. Além de não dispor de outras cadeiras de roda a infraestrutura da quadra não era adequada para rolamentos ou outros movimentos que gerassem atrito, por isso, a opção pelas cadeiras da sala de aula apareceu como uma boa solução. O professor decidiu propor um jogo de Handebol diferente: pediu autorização para a diretora da escola, colocou os alunos e as cadeiras na quadra e pronto. Estava criado o Cadeirabol.

“Foi uma forma divertida de discutirmos a inclusão e a cidadania. Após este jogo, os alunos puderam compreender as limitações da nossa aluna cadeirante e perceberam também a capacidade dela. Afinal, ela tem afinidade com a cadeira e deu um show na hora do jogo”, explica Danilo César. “Trabalhar a inclusão sensibiliza e humaniza. Além do mais, faz com que todos conheçam a realidade das pessoas que possuem alguma limitação, e que isso não as impede de conquistar o que querem de forma exemplar”, afirma.

Reaplicável em qualquer contexto, o Cadeirabol demonstra o grande potencial das tecnologias sociais. Na escola Frei Rogato crianças e adolescentes de ambos os sexos, do 7º ano do ensino fundamental, pessoas com e sem deficiências, com diferentes níveis de habilidades cognitivas e motoras, de diversas religiões e características físicas entraram no jogo e aceitaram imediatamente a aventura.

Inclusão. É bom saber.

A primeira competição para atletas com deficiência aconteceu em Stoke Mandeville, em 29 de julho de 1948 – data exata da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres. Quatro anos depois, atletas holandeses também passaram a competir nas disputas de Stoke Mandeville. Assim, surgiu o movimento internacional, hoje chamado de Movimento Paralímpico.

A última edição dos Jogos foi em Londres, em 2012.

Nas Paralimpíadas de Londres, os atletas brasileiros fizeram bonito e conquistaram 21 medalhas de ouro, 14 de prata e 8 de bronze. O Brasil ficou em 7º lugar no quadro de medalhas, com 43 medalhas conquistadas.

Fonte: Comitê Paralímpico Brasileiro

Se em jogos tradicionais de Vôlei e Handebol os alunos buscam a vitória, no Cadeirabol os objetivos são outros. Um dos principais pontos positivos da experiência foi o fato de que os alunos, em determinado momento do jogo, deixaram de se preocupar com a pontuação e passaram a se dedicar a executar a atividade proposta da melhor maneira possível. Ou seja, desenvolveram novas percepções sobre a atividade esportiva a partir da vivência de uma mobilidade diferente.

É importante lembrar que a aula de Educação Física com a prática do Cadeirabol, uma novidade completa em termos de movimentos, requereu habilidades físicas especiais. Os alunos precisavam se deslocar segurando uma cadeira e ainda prestar atenção na bola. "A atividade contribuiu bastante para o desenvolvimento motor e cognitivo e o mais importante, os alunos passam pela dificuldade de sua colega e entendem que ela tem capacidades, que consegue se mover com a cadeira de rodas", lembra o professor, apontando a possibilidade do desenvolvimento socioafetivo.

Ao final do jogo, o professor promoveu uma roda de conversa, para falar da experiência de ocupar o espaço de outra forma e dos sentimentos de cada um em relação ao desafio de jogar sentados. Logo de início, os alunos expressaram certo encantamento com a participação da colega que usa cadeira de rodas para se locomover: "*ela é muito esperta*" e "*parabéns professor, ela estava tão alegre. Adorei este jogo!*". Houve também relatos sobre as dificuldades encontradas em ter que ficar na cadeira, sem usar as pernas livremente.

Durante o debate, as contribuições dos adolescentes mostraram que proporcionar vivências concretas, numa prática de esporte educacional, é fundamental para desenvolver a percepção e o reconhecimento das diferenças entre as pessoas. Danilo César demonstrou isso com criatividade, sem precisar de qualquer recurso ou material que já não estivesse disponível.

O Cadeirabol é um estímulo a pensar novas ações educativas a partir do mesmo conceito. Simples, inovadora e de baixo custo, a experiência indica a possibilidade de aplicar o mesmo conceito da inclusão invertida em outras modalidades esportivas ou jogos, propondo a reflexão sobre a deficiência. Como exemplo de brincadeira é possível utilizar a brincadeira da Cabra-Cega para estimular o debate sobre deficiências.

A Cabra-Cega impõe uma deficiência visual para garantir a diversão. A brincadeira pode ser utilizada como um primeiro momento para a criação coletiva de novas regras e técnicas para a prática de um esporte.

- *Cabra-cega, donde vens?*
- *Do sertão!*
- *Traz ouro, prata ou requeijão?*
- *Trago ouro.*
- *Pois rode como besouro.*



Fica a Dica do Cadeirabol



1. A experiência do Cadeirabol mostra que ações educativas muito simples podem ter um alto potencial de transformação social.



2. O conceito da inclusão invertida pode ser aplicado em várias outras modalidades esportivas, em jogos e brincadeiras.



3. Envolver os alunos na criação de novas regras e dinâmicas pode enriquecer a experiência.



4. É importante estar atento às possibilidades apresentadas pelos desafios.



5. A experiência pode ser enriquecida com a realização de pesquisas, como a apresentação de vídeos (ou fotos e matérias de jornais) sobre os Jogos Paralímpicos e os paratletas, lembrando que são eles que mais trazem medalhas para o Brasil.

Ping-pong na Quadra

Instituição Executora:

Escola Básica Estadual Dr. Paulo Devanier Lauda

Local: Bairro Tancredo Neves, município de Santa Maria, Rio Grande do Sul

Público-alvo: 90 alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental com idade entre 10 e 14 anos



Sobre a **INSTITUIÇÃO**

A Escola de Educação Básica Estadual Dr. Paulo Devanier Lauda, no Conjunto Habitacional Tancredo Neves, foi inaugurada em 1992. Possui atualmente 1331 alunos, 82 professores e 30 funcionários. A escola oferece turmas do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

Tradicionalmente, a Escola Dr. Paulo Devanier Lauda proporciona a seus alunos e professores atividades extracurriculares, como seminários e palestras.

“Mas, a Escola foi além. A partir da realização do Ping-Pong na Quadra, colocou as escolas em um papel de criadoras de tecnologias sociais, papel este que antes era ocupado por universidades e instituições do Terceiro Setor.” Lembrou a professora e mestranda na Universidade Federal de Santa Maria, Cícera Andréia, que propôs aos alunos a criação do Ping-Pong na Quadra.

Santa Maria

O município de Santa Maria é considerado um polo na região central do Rio Grande do Sul. Com um alto Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, 0,784, Santa Maria é conhecida como a Cidade Cultura pelo número elevado de instituições de ensino e abriga, desde 1960, a Universidade Federal de Santa Maria, uma das maiores universidades públicas do País, com cerca de 20 mil alunos.

É a quinta cidade mais populosa do Rio Grande do Sul e a segunda com maior número de pessoas das classes A e B do estado. Com boa rede de serviços de saúde e comércio, a cidade é o destino de moradores de outros municípios e da área rural em busca de oportunidades de trabalho e melhoria de vida. No entanto, essa população migrante tem baixos níveis de empregabilidade e não consegue ingressar no mercado de trabalho ou ascender socialmente em Santa Maria.

Parte dessa população ocupa os bairros da periferia da cidade em condições precárias de moradia e inclusão social. Muitos alunos da Escola Básica Estadual Dr. Paulo Devanier Lauda fazem parte desse segmento, que vive nos conjuntos habitacionais e nos loteamentos mais recentes, no bairro Tancredo Neves.

Por que a experiência foi premiada:

- *Grande potencial de reaplicação*
- *Simplicidade*
- *Baixo custo*
- *Inovação na abordagem da prática esportiva*

Uma ideia simples que inaugura o novo

Muitas vezes, tanto pelos aspectos materiais como pelas habilidades motoras que são impostas, a forma como a prática esportiva é apresentada nos principais meios de comunicação acaba por distanciá-la de grande parte da população.

Um dos principais desafios, portanto, é fazer com que as pessoas visualizem a possibilidade de transformar um esporte, e até mesmo um jogo ou brincadeira, em uma prática realizável no contexto onde vivem, ou seja, de acordo com as possibilidades destes sujeitos. Foi este pensamento, então, que motivou a realização do Ping-Pong na Quadra.

Cícera Andréia de Souza, professora de Educação Física

A professora de Educação Física Cícera Andréia de Souza experimenta no seu dia a dia as dificuldades de garantir a prática esportiva como um direito das crianças e adolescentes. Está, constantemente, em busca de recursos para ampliar o leque de atividades propostas nas aulas e conseguir um envolvimento maior e mais qualificado dos alunos com o esporte.

Como tantas outras escolas públicas, a Escola Dr. Paulo Devanier Lauda dispõe de poucos recursos materiais para atender à demanda de desenvolvimento integral das crianças e diversificar as oportunidades de aprendizagem, mas, ainda assim, é referência de cidadania e inclusão na comunidade.

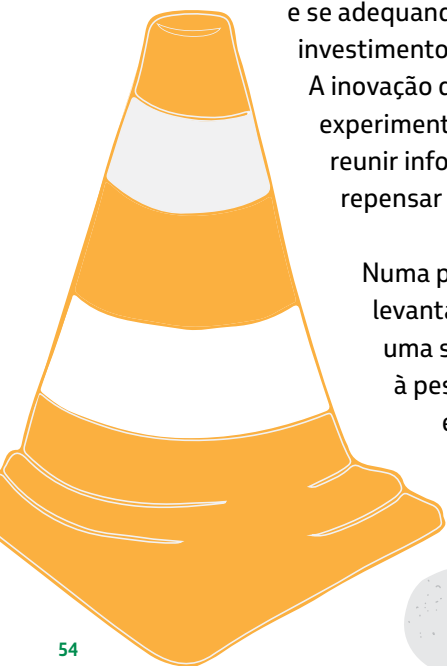
Para inovar e diversificar os exercícios e práticas corporais nas aulas de educação física, a professora propôs um jogo com raquetes, que geralmente não é incluído no programa de aulas.

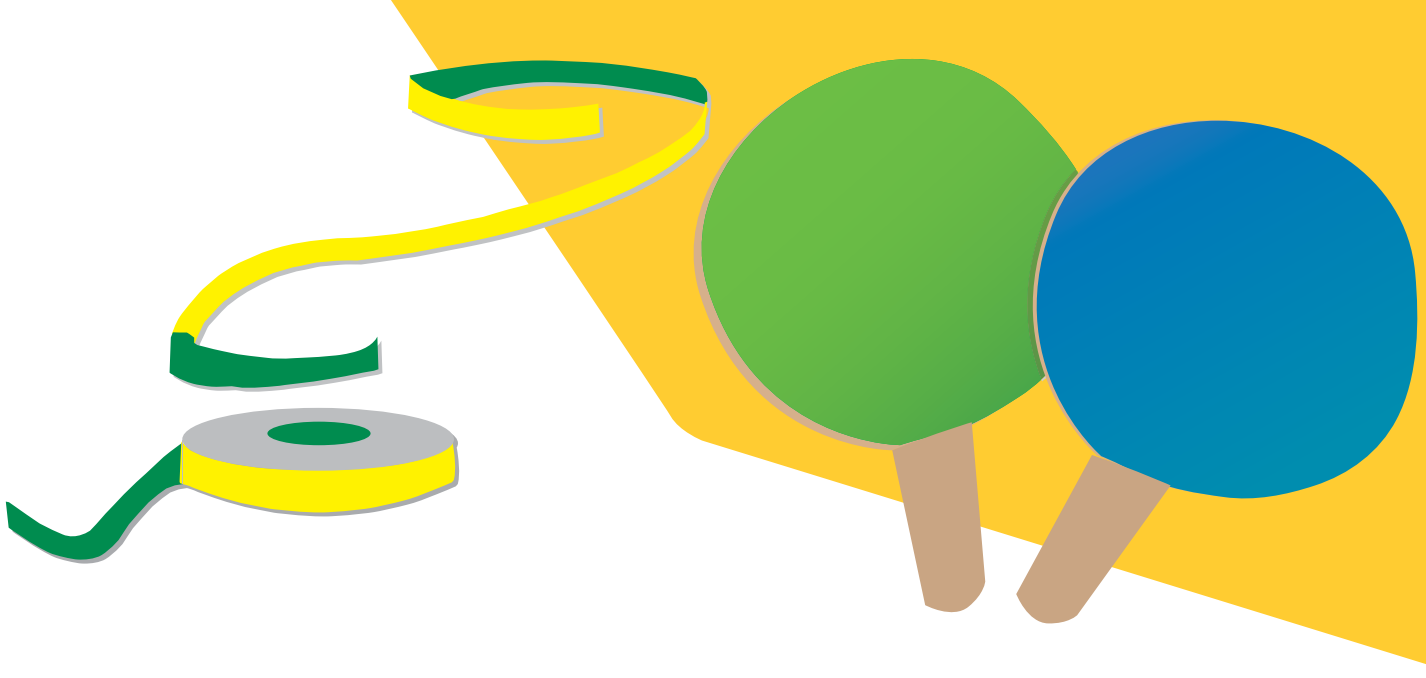
Ela questionou com os alunos o porquê da impossibilidade de praticar um esporte com raquetes no âmbito da escola. Falta de uma quadra oficial? Impossibilidade de adquirir raquetes de tênis? Inexistência de mesas de Ping-Pong? Alguém conhecia outro tipo de esporte com raquetes? Qual? Muitas interrogações que levariam os alunos a um caminho de descobertas e aprendizado.

Assim surgiu a prática pedagógica Ping-Pong na Quadra: obedecendo à grade curricular e se adequando às limitações impostas pela infraestrutura e pela falta de recursos e de investimentos.

A inovação da professora Cícera foi propor uma modalidade esportiva ainda não experimentada, estimulando a autonomia e a criatividade dos alunos. Depois de reunir informações e conhecer as técnicas de cada jogo, os alunos foram desafiados a repensar as regras de práticas tradicionais como Tênis e do Ping-Pong.

Numa primeira abordagem sobre os esportes com raquete, a professora procurou levantar o conhecimento dos alunos sobre as modalidades existentes. Cícera listou uma série de perguntas e os alunos assumiram a tarefa de dar continuidade à pesquisa, aprofundando os seus conhecimentos. Deviam também realizar entrevistas com seus familiares para descobrir se eles conheciam os esportes ou lugares para a sua prática. Alguém conhecido jogava Tênis ou Ping-Pong?





O esporte com raquete mais comum no contexto educacional das escolas da rede pública é o Ping-Pong. No entanto, mesmo sendo um esporte de baixo custo, muitas escolas não dispõem de recursos para a manutenção de espaços e equipamentos para a prática do jogo.

Mas, na realidade, não havia, na Escola Dr. Paulo Devanier Lauda, condições ideais de jogar nem Tênis nem Ping-Pong. Então, a professora decidiu ousar e definiu o Tênis como objeto da experiência de reinventar a prática de um esporte com raquetes.

Os alunos começaram a usar raquetes numa modalidade criada por eles mesmos a partir de um repertório de técnicas e regras que foi adaptado à sua realidade. E uma vez jogando, eles também precisaram criar estratégias para melhorar seu desempenho, completando todo um ciclo de criação, avaliação, ajustes e melhorias.

Justamente um esporte que requer uma quadra especial, equipamento e que foi considerado por muito tempo como um esporte de elite? O tênis nem sequer faz parte da grade curricular de Educação Física nas escolas e faculdades!

Mas esta foi uma ótima oportunidade para pensar: os esportes também sofrem modificações ao longo do tempo, são objetos históricos, transformados e adequados a diferentes contextos e realidades. A professora fez aos alunos uma pergunta que incorporava também uma proposta: “por que não poderíamos, nós também, modificar um esporte?”.

A experiência levou os alunos a questionar as escolhas habituais de alguns jogos em detrimento de outros. Demandou também um novo olhar sobre os espaços da escola e do bairro onde vivem, comparando suas rotinas e práticas com as de outras pessoas e outros grupos. Por meio de um exercício de estranhamento, os alunos foram convidados a identificar os elementos que dão sentido à realidade – o que determina algumas de nossas escolhas? Por que repetimos os mesmos hábitos e práticas? É possível fazer diferente?

A partir desse exercício, mediado pelo professor, os alunos podem superar modelos conhecidos. E quando se dedicam a criar outros modelos vão lançar mão de novos valores e práticas para trabalhar em conjunto: cooperação, respeito às diferenças e possibilidades de cada um, responsabilidade.

Cícera fala do contexto em que foi criado o Ping-Pong na Quadra: “as práticas tradicionais da educação física estiveram, por um longo tempo, relacionadas a repetição de exercícios. Os professores ‘mandavam’ e os alunos ‘obedeciam’, executando os movimentos tal como foram orientados, sem muita oportunidade de diálogo entre os participantes da atividade. Atualmente busca-se uma relação diferente entre professor-aluno. O processo de criação do Ping-Pong na Quadra caminha no sentido de incentivar a interação entre os alunos. Juntos eles precisaram resolver problemas, adaptar o jogo e aprender a jogar”.

A mobilização dos estudantes em torno da criação e da prática do Ping-Pong na Quadra indicava o potencial que a atividade teria no desenvolvimento das habilidades físicas requeridas para o esporte com raquetes.

O Ping-Pong na Quadra consiste num jogo de Ping-Pong sem a utilização da mesa. Mistura regras e movimentos do Tênis com o Ping-Pong tradicional. Alunos e professores criam uma quadra, delimitada com fita adesiva colorida, com a dimensão da mesa de Ping-Pong oficial. Uma corda ou rede é amarrada entre dois cones de plástico ou borracha, que são colocados nas extremidades na quadra, esticando a corda. Essa é a rede que divide a quadra em dois campos opostos de igual dimensão.

Nos ginásios e quadras das escolas podem ser criados vários espaços para o Ping-Pong na Quadra, possibilitando a participação simultânea de vários alunos. Se o problema é espaço, eis aí a solução! Com uma boa dose de criatividade e uma adaptação simples transforma um cenário limitador em um espaço de oportunidades e transformação.

Joga-se em pé, como no Tênis. É possível adaptar o jogo para aumentar o número de participantes, jogando em duplas, por exemplo.

A adaptação e melhoria no jogo é um processo contínuo que impõe transformações na medida em que mudam os grupos de jogadores ou que os jogadores se aperfeiçoam. Assim, as dificuldades ou possibilidades de evolução da prática devem ser utilizadas para a proposição de novas regras.

É muito fácil jogar Ping-Pong na Quadra. A experiência pode ser reaplicada em diferentes contextos, já que exige poucos recursos materiais e todos de baixo custo. Além disso, o Ping-Pong na Quadra é muito divertido e tem, por isso, alto potencial de integração de crianças, adolescentes e jovens. Atividades complementares podem ser agregadas à experiência, como rodas de conversa e pesquisa sobre história e inserção dos esportes em diferentes contextos sociais.

A experiência indica também a possibilidade da abordagem de outros esportes sob a mesma perspectiva de propor mudanças, adaptando-as às possibilidades locais. Como um bom exemplo de tecnologia social, o Ping-Pong na Quadra pode inspirar novos olhares para tantos outros esportes. A análise das regras e colaboração de todo o grupo para reinventar são os melhores ingredientes para o sucesso.

Fica a Dica do Ping-Pong



1. O mais importante é levar os envolvidos a compreender que é possível transformar as regras de um esporte.



2. O estímulo à interação entre os alunos é fundamental para que o processo de criação e adaptação evolua.



3. Vale a máxima “conhecer para transformar”. A realização de pesquisas sobre a modalidade esportiva que se pretende modificar é imprescindível. Quanto mais conhecimentos sobre as regras e técnicas, mais elementos os alunos têm para transformá-las.



4. Espaços públicos também podem ser usados para a prática do Ping-Pong na Quadra, dada a sua simplicidade. Além disso, a articulação local para se conseguirem novos espaços é uma boa oportunidade de envolvimento com comunidade.

Das escolas da ginástica a ginástica da alegria na escola

Instituição Executora:
Colégio Estadual Marcílio Dias



Sobre a **INSTITUIÇÃO**

Local: Salvador, Bahia

Público-alvo: 845 estudantes entre 10 e 25 anos, do Ensino Fundamental II, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos

O CEMD recebe alunos moradores da Ilha de Maré e São Thomé do Paripé, o que lhe confere algumas especificidades. Os alunos da Ilha de Maré deslocam-se até Salvador porque a sua comunidade não dispõe de escolas que ofereçam as séries finais do Ensino fundamental (do 6º ao 9º ano) ou ensino médio nem atividades físicas ou aulas de Educação Física. O primeiro contato com a disciplina acontece no colégio, que, no entanto, também sofre com a falta de infraestrutura para a prática de esporte.

Os estudantes vão para a escola nos barcos de moradores da Ilha, financiados pela Prefeitura de Salvador. Percorrem cerca de 50 km de distância da Ilha até o bairro de São Tomé de Paripe, onde fica o colégio. Nesse universo, foi aplicada a experiência Das Escolas da Ginástica a Ginástica Alegria na Escola. O Colégio Estadual Marcílio Dias fica no subúrbio ferroviário de Salvador – Base Naval, São Thomé de Paripe, uma área de alta vulnerabilidade social e econômica. Atende basicamente crianças e adolescentes moradores da Ilha da Maré, onde não há escolas de Ensino Fundamental do segundo segmento, nem de Ensino Médio.

Moradores do quilombo urbano do Itororó, São Thomé do Paripe, também estudam no CEMD. São Thomé foi durante muito tempo um local de veraneio de muitas famílias de Salvador, mas a poluição industrial atingiu drasticamente as praias da região.

Salvador é a capital mais rica do nordeste e o terceiro município mais populoso do País. Tem forte influência da cultura africana que perfuma sua culinária e embala seus sons e ritmos. A experiência Das Escolas da Ginástica a Ginástica Alegria na Escola bebeu diretamente nessa fonte.

Por que a experiência foi premiada:

- *Alto potencial de reaplicação*
- *Baixo custo*
- *Inovação no ensino de Educação Física*
- *Simplicidade*
- *Valorização da cultura local*

Pertencimento e identidade cultural no esporte

Podemos ressignificar conteúdos com ações educativas eficazes e inovadoras, que podem ser muito simples. Temos que valorizar a cultura local. A partir da prática social dos estudantes podemos avançar, ampliar o conhecimento e ajudar a escola a cumprir sua função social, que é o desenvolvimento humano de forma integral, ou seja, omnilateral.

Josiane Clímaco e Márcia Lúcia dos Santos, professoras de Educação Física

Desde 2003, existe uma lei no Brasil, nº 10.639, promulgada pelo presidente da República, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio. Os estudos devem integrar todo o currículo escolar, e não apenas ser trabalhados nas aulas de história.

Duas professoras no subúrbio de Salvador, Bahia, perceberam a oportunidade única de, por meio do esporte educacional, trazer a cultura africana para as aulas de Educação Física, num movimento simples de reconhecer as comunidades vizinhas ao Colégio Estadual Marcílio Dias. A experiência Das Escolas da Ginástica a Ginástica Alegria na Escola nasceu ali, ao lado de diversos quilombos urbanos da Cidade de São Salvador.



*Ilê aiê, como você é bonito de se ver
Ilê aiê, que beleza mais bonita de se ter
Ilê aiê, sua beleza se transforma em você
Ilê aiê, que maneira mais feliz de viver*

—
Caetano Veloso

A experiência desenvolvida no Colégio Estadual Marcílio Dias levou os alunos a apreenderem o conteúdo específico da ginástica por meio de debates e pesquisa sobre a cultura afro-brasileira, dentro de um processo que uniu a ação, reflexão e criação. As atividades foram desenvolvidas nas aulas regulares de Educação Física, mas também em oficinas esportivas que aportaram novos ritmos e movimentos à ginástica: as danças e lutas de matriz africana, danças circenses, ginástica rítmica.

Ampliação da consciência corporal e social, desenvolvimento de valores como solidariedade e disciplina são resultados da ginástica que, como elemento da cultura corporal, tem grande potencial educativo. Mas vários educadores já apontaram que o conteúdo da ginástica nem sempre é valorizado nas escolas.

Joseane Cristina Climaco e Marcia Lucia dos Santos observaram a carência de uma prática de ensino-aprendizagem mais criativa no Colégio Estadual Marcílio Dias, CEMD, que pudesse contribuir para elevar a motivação e participação dos alunos nas aulas de ginástica.

No CEMD a prática era dificultada pela ausência de materiais e locais adequados e por outra questão de cunho cultural: os meninos não gostam de participar das aulas por identificarem a ginástica como uma atividade feminina. As professoras apontaram, ainda, que mesmo funcionários e professores, por não reconhecerem a Educação Física como uma área do conhecimento que colabora para o desenvolvimento integral do ser humano, consideram as práticas desportivas como uma mera brincadeira entre os estudantes.

Um cenário pleno de desafios para as professoras. Mas um olhar realmente interessado para o ambiente escolar mostrava muitas possibilidades. Considerando as vivências de seus alunos e o ambiente cultural das comunidades onde vivem, as professoras criaram uma tecnologia social de esporte educacional moldada para utilizar a cultura local e a participação ativa dos estudantes na

execução da experiência. Dois elementos muito férteis no CEMD que divide, com os moradores da região, a história das comunidades quilombolas de São Thomé do Paripe e da Ilha de Maré.

Josiane e Márcia são supervisoras do **Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência**, PIBID, Educação Física, da UFBA, e professoras da rede pública de ensino do Estado da Bahia. Parceiras na academia e na escola, uniram experiência acadêmica à prática docente e elaboraram a proposta **Das Escolas da Ginástica a Ginástica Alegria na Escola**.

Com seus alunos de rede pública, em sua grande maioria, moradores de comunidades quilombolas, elas identificaram na cultura e tradições afro-brasileiras os elementos fundamentais para uma nova abordagem da ginástica, que pudesse, a partir do reconhecimento e valorização de uma cultura corporal, apontar para outras práticas e conhecimentos. O processo contribuía para contextualizar a cultura quilombola no âmbito do conhecimento formal, tornando-a significativa para os alunos e para a comunidade escolar.



*“E a minha Capoeira tem valor
A Capoeira evoluiu, junto a sua idade.
Hoje a Capoeira é coragem
Esporte com fraternidade (bis)
E também é a liberdade”*

Instrutor Ricardo, Das Escolas da Ginástica a Ginástica Alegria na Escola.

O que as professoras fizeram foi abrir um diálogo entre dois saberes. De um lado, o saber da academia, relativo à prática e ensino das ginásticas, de outro, os alunos do Ensino Fundamental e Médio, revisitando sua cultura corporal, sob uma nova ótica. A experiência utilizou o estudo dos movimentos básicos para fazer a interlocução entre a ginástica e as danças de matriz africana.

Josiane e Marcia Lúcia coordenaram as atividades e contaram com o apoio dos licenciandos de Educação Física da UFBA, bolsistas do PIBID, para a realização de pesquisas e atividades junto com os alunos do CEMD. Foi aplicado o método didático da prática social, referenciado nos princípios da pedagogia histórico crítica.

Na primeira etapa da experiência foi feito um diagnóstico dos conhecimentos e percepções dos estudantes sobre a ginástica e suas diferentes modalidades. A partir daí, a metodologia levava a um processo de construção de conhecimentos e soluções. A primeira abordagem é **problematização** de uma situação, que aparece nas aulas de Educação Física, como as dificuldades existentes para “fazer ginástica”: como o conteúdo ginástica pode ser explorado no espaço escolar, contemplando os

gêneros e superando as dificuldades colocadas pela inadequação da infraestrutura? De acordo com as características da comunidade escolar, como fomentar a pesquisa diante das dificuldades cognitivas, sociais e estruturais da escola?

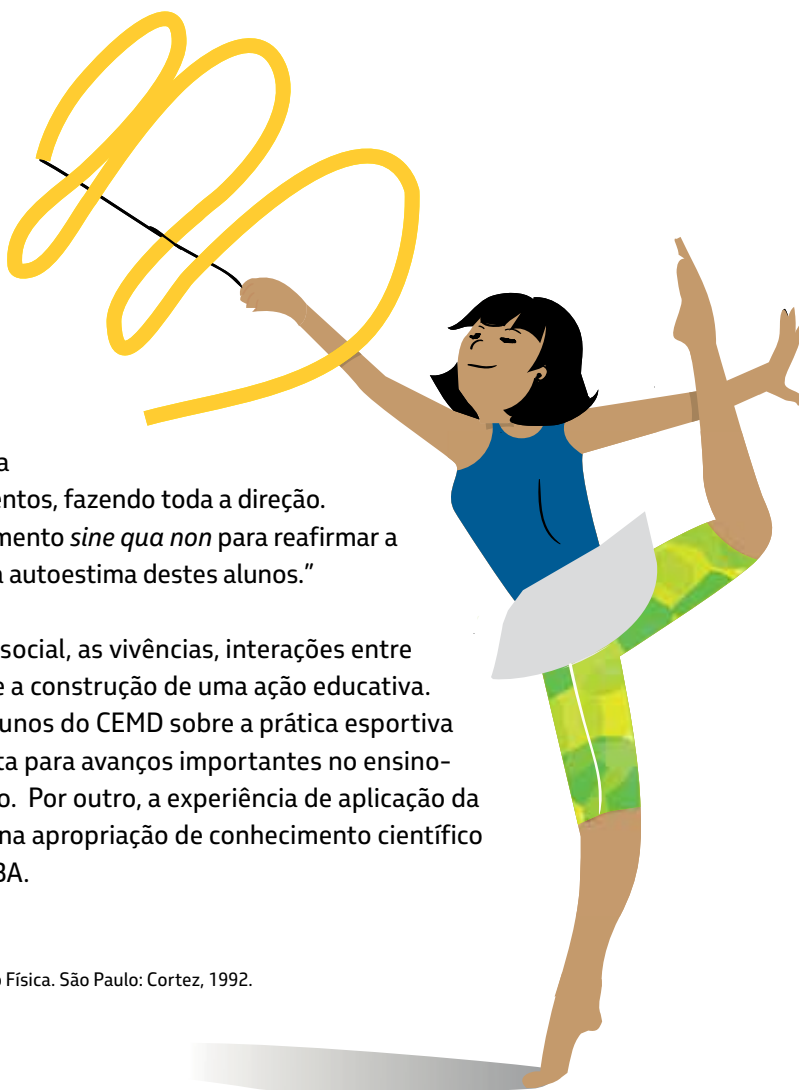
As professoras dividiram os grupos de alunos, segundo “ciclos de ensino”³ e distribuíram pedagogicamente os conteúdos para cada um deles: “iniciação à sistematização do conhecimento” (6º ano); “ampliação da sistematização do conhecimento” (7º e 8º anos) e “sistematização do conhecimento” (1º ao 3º anos do ensino médio). Cada grupo de estudantes, com a mediação das professoras do CEMD e dos graduandos de Educação Física da Universidade Federal da Bahia, começou a estudar o conteúdo “ginástica” e suas expressões.

O processo metodológico se dá a partir da identificação e debate sobre o objeto de trabalho, a aquisição de instrumentos teóricos e práticos para a sua compreensão, solução (instrumentação) e sua incorporação nas vivências dos alunos (catarse). Utilizando a Tecnologia da Informação e Comunicação, com vídeos, pesquisas na internet, seminários, e análise de fotos, foram realizadas diversas oficinas para ampliar o conhecimento dos alunos do CEMD sobre a ginástica.

Só, então, com estes novos recursos conceituais, os alunos passaram para a atividade física, para testar e exercitar os estilos de ginástica aprendidos e analisados no momento anterior.

A catarse ocorreu com a organização do Festival de Ginástica, como encerramento da avaliação. Os estudantes escolheram as expressões da ginástica com que mais se identificaram e a partir daí montaram uma coreografia, definindo a música e os movimentos, fazendo toda a direção. Como aponta a professora Josiane, “um momento *sine qua non* para reafirmar a autonomia, a responsabilidade e fortalecer a autoestima destes alunos.”

Finalmente, de volta à dimensão da prática social, as vivências, interações entre professores e alunos permitiu efetivamente a construção de uma ação educativa. Por um lado, o impacto na percepção dos alunos do CEMD sobre a prática esportiva e sobre a sua própria cultura corporal aponta para avanços importantes no ensino-aprendizagem da Educação Física no colégio. Por outro, a experiência de aplicação da tecnologia social, resultou na construção e na apropriação de conhecimento científico para graduandos de Educação Física da UFBA.



³ COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

Muitos resultados a baixo custo

Entre agosto de 2011 e outubro de 2013, a Ginástica Alegria na Escola se espalhou pelo pátio, salas de aula e até a praia de São Thomé de Paripe, unindo os ritmos afros, os movimentos da capoeira e a ginástica. Em duas aulas regulares semanais para cada turma, em sábados letivos e mais duas vezes por semana no contra turno escolar, alunos do CEMD e os licenciandos de Educação Física da UFBA desenvolveram um longo processo de interação de culturas corporais, utilizando o esporte educacional para valorizar saberes locais, de longa tradição.

As professoras utilizaram vídeos, músicas, som, computadores para realizar pesquisas e materiais para a prática da ginástica, como bolas e arcos. Mas havia ainda a confecção de figurino para a apresentação da ginástica, e lanche para os dias de atividade no contra turno, almoços... Aqui, como em tantas outras experiências, a parceria e interlocução com a comunidade escolar é fundamental para ampliar os recursos disponíveis. E a utilização de materias alternativos e recicláveis é uma opção criativa que pode enriquecer as ações, na medida em que requer a participação e a criação coletiva.

Dificuldades existem sempre e os recursos escassos podem representar desafios, como apontou a professora Josiane. Mas na Ginástica Alegria na Escola esses desafios não comprometeram os resultados. Os professores e instrutores aplicaram questionários para a avaliação das oficinas e das aulas e de todo o processo de aplicação da experiência e as respostas foram sempre positivas por parte dos alunos do CEMD e dos licenciandos da UFBA, mostrando a eficácia do processo.

Os grupos do Colégio Estadual Marcílio Dias apresentaram suas coreografias no Festival de Cultura Corporal, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e UFBA, nos Jogos Estudantis da Rede Pública de Ensino e no Festival de Cultura Corporal e Popular o que valorizou as produções coreográficas dos estudantes com as modalidades das Ginásticas e Cultura Popular no âmbito da comunidade escolar.

Para as professoras, o reconhecimento veio com a aprovação e registro da experiência como trabalho científico nos anais do Seminário Interativo de Cultura Corpora LEPEL, UFBA. Excelentes resultados para uma experiência simples e de baixo custo. É preciso lembrar que ela foi desenvolvida junto a um grande número de estudantes, tendo um enorme alcance, se for considerado também o seu impacto na comunidade escolar e nas comunidades quilombolas, que viram reconhecida sua cultura. Uma tecnologia social de esporte educacional para fazer história.

*Adeus povo bom, Adeus que eu já vou me embora
pelas ondas do mar eu vim
pelas ondas do mar
eu vou embora*

Fica a Dica da Ginástica Alegria na Escola



1. A observação crítica e sem preconceitos de culturas corporais e contextos culturais pode oferecer oportunidades de ações educativas eficazes. A exemplo da Ginástica Alegria na Escola, poderão ser trabalhadas outras manifestações culturais, como as danças de quadrilha das festas juninas, o frevo e o maracatu.



2. A revisão histórica do contexto onde aparecem os jogos, brincadeiras e danças é um elemento de consolidação de identidade cultural e do senso de pertencimento.



3. A experiência pode ser realizada fora dos muros da escola, em espaços públicos como praias ou praças.



4. É importante programar a realização de atividades de apresentação dos resultados da experiência para a comunidade, seja no âmbito da escola ou de outras instituições. Isso contribui para a autoestima e valorização do trabalho dos jovens e adolescentes envolvidos.

CATEGORIA TERCEIRO SETOR



Introdução

O Terceiro Setor tem fundamental importância para a economia e dinâmica mundiais. Cada vez mais fortalecido, ele tem como um de seus principais objetivos contribuir para a formulação de políticas públicas mais efetivas e para a resolução de problemas de cunho social e ambiental.

Focadas em criar alternativas que respondam às demandas da sociedade, as instituições deste setor podem, por sua compreensão e proximidade com a realidade na qual atuam, contribuir efetivamente para a criação, implementação e continuidade de ações sociais que visam à redução de desigualdades, inclusão social, sustentabilidade, garantia dos direitos humanos e, conseqüentemente, qualidade de vida para todos. Para o **Prêmio Petrobras de Esporte Educacional (PPEE)** incluir a categoria Terceiro Setor para compor o mapeamento de tecnologias sociais voltadas ao esporte educacional no Brasil era imprescindível.

De norte a sul do país, cerca de 400 instituições, com diferentes perfis, estruturas, abordagens e públicos, acreditaram na ideia e inscreveram suas práticas de esporte educacional para concorrer ao Prêmio.

Em meio às centenas de experiências pedagógicas inscritas, três práticas foram premiadas nesta 1ª edição, sendo Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo os estados de origem. Atletismo como base para abordar temas como esporte, cultura, história e conhecer mais sobre a realidade local; Handebol em cadeira de rodas para trabalhar inclusão e respeito às diferenças e; um jogo de Futebol onde a atitude vale mais do que bolas na rede. Estas foram as experiências vencedoras na categoria Terceiro Setor, que apresentamos a seguir.

Estas ações consideram o desenvolvimento integral do indivíduo; a interação das diferenças e o respeito às individualidades; a atuação em sinergia com políticas públicas; o incentivo a autonomia,

cooperação e corresponsabilidade; a valorização das identidades regionais e saberes populares e; a contribuição para o desenvolvimento motor, cognitivo e socioafetivo de crianças e adolescentes. Elementos fundamentais para quem deseja desenvolver ações de esporte educacional. Ao inscreverem suas experiências pedagógicas, cada educador pôde trazer sua contribuição para inspirar novas iniciativas esportivas, oferecer caminhos para a resolução de problemas e influenciar políticas públicas.

As experiências aqui sistematizadas nos impulsionam a acreditar em novas formas de fazer educação. São exemplos práticos, de diferentes regiões do Brasil, que transformaram situações adversas em oportunidades. Simples, de baixo custo, voltadas para atender a demandas locais e capazes de contribuir para popularização do acesso ao esporte, as experiências mostram que por meio da criatividade é possível fazer com que o esporte seja, de fato, um direito de todos.

Esperamos que elas sejam fonte de inspiração para você e sua organização, e que novas experiências de esporte educacional surjam em todo o país, como forma de contribuir para o desenvolvimento humano integral.

Futebol de rua - Uma nova visão do jogo

Instituição Executora:

Fundação EPROCAD, com apoio da FIFA por meio do programa Football For Hope, Ministério do Esporte e Secretaria de Esportes do Estado de São Paulo



Local: Santana de Parnaíba, município da região metropolitana da capital paulista, estado de São Paulo

Público-alvo: Alunos entre 6 e 17 anos de escolas públicas de Santana de Parnaíba

Sobre a **INSTITUIÇÃO**

A Fundação EPROCAD é uma organização sem fins lucrativos criada em 1986, a partir de um projeto de iniciação esportiva com apoio de um grupo composto por membros da sociedade civil, do governo municipal e iniciativa privada, intitulado à época EPROPAR (Esportes pró-Parnaíba).

Santana De Parnaíba

Contradições acompanharam Santana de Parnaíba por mais de quatro séculos, e hoje não é diferente. Fundado em 1580 por descendentes de um cacique tupiniquim aliado dos portugueses, o município hoje ocupa a 16ª colocação no ranking nacional de Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), com 0,814, segundo dados de 2013.

A boa pontuação, contudo, não faz jus aos nada menos que 32,4% do total da população parnaibana em situação de alta vulnerabilidade social dos quais 27,8% a renda não ultrapassa a meio salário mínimo per capita, de acordo com o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) da Fundação Seade.

A dimensão das desigualdades reflete um salto populacional da ordem de 80% em dez anos. A população do município disparou de 74.828 habitantes no ano 2000 para 108.813 em 2010.

As intervenções complementares à educação pública formal para crianças e adolescentes, como as realizadas pela Fundação EPROCAD, são iniciativas que partem da ideia de que o desenvolvimento integral do ser humano é elemento indispensável no combate às desigualdades e vulnerabilidades sociais.

Por que a experiência foi premiada:

- *Alto nível de incentivo à autonomia, cooperação e corresponsabilidade*
- *Grande potencial de desenvolvimento motor, cognitivo e socioafetivo dos participantes*
- *Garantia da igualdade de gêneros em um esporte tradicionalmente masculino*
- *Grande potencial de replicação*
- *Baixo custo*

Bola na rede e vitória de todos: uma nova visão do futebol em Santana de Parnaíba

Nesse novo jogo foi preciso quebrar as barreiras impostas por um esporte predominantemente machista e que prioriza os mais habilidosos. Atuamos sempre com turmas mistas e em momento algum valorizamos somente a técnica e a habilidade. Mostramos aos educandos e à comunidade que a conduta dentro do jogo vale mais do que o número de gols marcados.

Gerson Fonseca Nicolau Guimarães, Coordenador de Projetos da Eprocad.

Paixão nacional, o futebol, é um dos esportes mais praticados no mundo. O brasileiro cresce acompanhando o esporte e bem pequeno ainda é convocado a escolher seu time.

Mas, apesar de ter regras claras, o que pode acontecer quando alguém reinterpreta seus conceitos, potencializa o caráter inclusivo e integrador da atividade e cria uma tecnologia social de esporte educacional que renova valores e transforma o campo num espaço de conquistas cidadãs igualitárias? Um município na microrregião de Osasco, área metropolitana da capital paulista, tem a resposta - e não é de hoje.

Há quase dez anos a EPROCAD, aplica uma metodologia que já beneficiou mais de 3 mil crianças e adolescentes, e capacitou em torno de 300 profissionais e estudantes de Educação Física por meio de uma série de eventos e oficinas de capacitação.

Em Santana de Parnaíba, o futebol é uma ferramenta de transformação

A experiência é uma construção coletiva de toda a equipe de colaboradores - incluindo os alunos - que se aperfeiçoa desde 2005 e consiste em uma visão diferente das regras clássicas do futebol. Nas partidas em Santana de Parnaíba, a conduta dentro de campo vale mais do que o número de gols marcados e o árbitro não emite parecer técnico favorecendo um ou outro time. Pelo contrário, ele deve buscar aproximar e possibilitar o diálogo entre os competidores, fazendo com que os envolvidos participem ativamente na busca de soluções que atendam a todo o grupo. Além disso, as meninas não estão mais relegadas ao papel de meras expectadoras ou torcedoras: todas as turmas são mistas.

As partidas são divididas não em dois, mas em três tempos e o jogo instaura um processo de debate, aprendizagem e negociação, além da prática do esporte. No primeiro tempo, os dois times buscam chegar a um acordo sobre as regras básicas a serem seguidas, junto ao mediador. É um processo coletivo, construído segundo a percepção das condições físicas do campo, as habilidades dos times e todos os outros elementos presentes.

O segundo tempo é quando a bola rola para valer, seguindo as regras estabelecidas no período anterior. O terceiro tempo, por fim, é reservado para a reflexão, e é então que os participantes trocam impressões a respeito da partida, avaliam se os acordos iniciais foram cumpridos e contabilizam os pontos de cada time. Fica a cargo dos próprios alunos decidirem, em conjunto, os valores e lhes atribuir pontuação. O que vale no **Futebol de Rua** são o comportamento no campo, as interações e o compromisso com as regras pactuadas.



Vivenciando uma nova abordagem do esporte e do jogo, crianças e adolescentes desenvolvem o respeito mútuo, a capacidade de interagir e assumir responsabilidades.

À medida que os estudantes adquirem experiência ao longo das atividades, passam a assumir o papel de mediadores, em um processo gradual que trabalha a confiança e estimula uma atitude participativa e solidária, acompanhada de uma visão do bem comum.

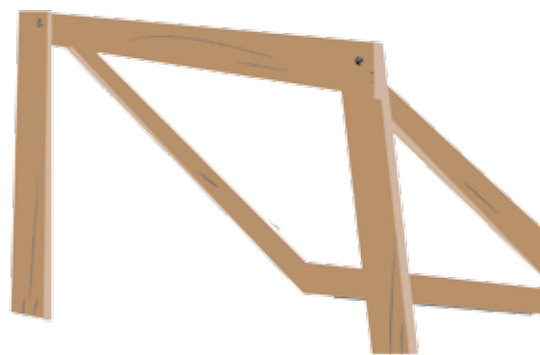
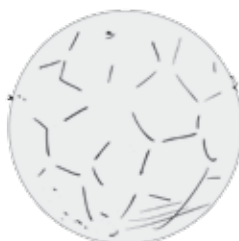
A meta é formar jovens capazes de novas atitudes, que possam ser protagonistas nas escolhas relativas à sua vida pessoal e comunitária. De acordo com o coordenador da EPROCAD, Gerson Fonseca Guimarães, na comparação entre os testes realizados no início, durante e no fim do ano de atividade, os alunos apresentaram uma nítida evolução em relação à apreensão de novos valores, o que pode ser observado também na qualidade de sua participação ativa no âmbito do projeto.

Pontapé inicial

Como uma tecnologia social de esporte educacional facilmente reaplicável, o **Futebol de Rua** tem a grande vantagem de poder utilizar diferentes espaços. Uma quadra poliesportiva pode servir perfeitamente, assim como sítios, estacionamentos ou mesmo a rua, desde que a segurança física dos participantes seja preservada.

A prática possibilita também a utilização de materiais de baixo custo e facilmente adaptáveis. Uma opção para dividir as equipes são os coletes coloridos que podem, inclusive, ser produzidos pelo próprio grupo com TNT.

Estas características estão na origem da prática, que surgiu para disseminar valores de justiça e paz utilizando a paixão pelo futebol como catalisador. A origem e inspiração da experiência é o “Fútbol Callejero” (“futebol de rua”, na tradução direta), prática esportiva e sociopedagógica idealizada



pelo ex-jogador argentino Fabian Ferraro e difundida em países como Uruguai, Paraguai, Chile, Equador, Costa Rica, Colômbia, Peru, Panamá, Alemanha e África do Sul.

O movimento surgiu quando, após a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, o zagueiro colombiano Andrés Escobar foi assassinado em sua cidade natal, Medellín, supostamente por ter marcado um gol contra no Mundial. A partir do violento episódio, organizações da sociedade civil de 10 países da América Latina, incluindo o Brasil, buscaram uma metodologia específica para promover a igualdade e justiça e reduzir a violência.

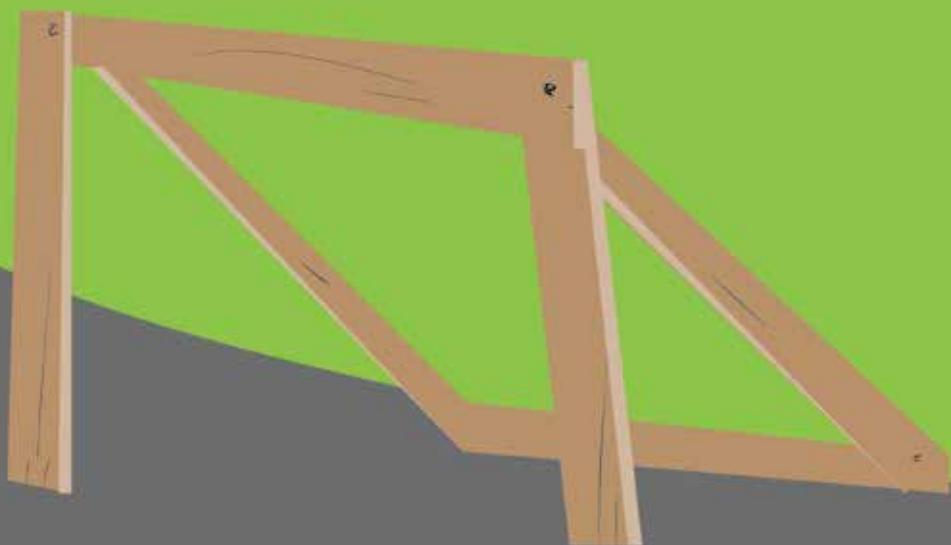
A carta-manifesto do Movimento Futebol Callejero ressalta que “os valores que unem as organizações em volta do esporte são baseados no respeito ao ser humano, independente da origem, classe social, gênero, religião, orientação sexual ou opinião política”. O **Futebol de Rua**, portanto, se enquadra perfeitamente à diretriz do esporte educacional.

Brasil, destaque internacional no futebol (de rua)

Nos anos seguintes, a Fundação EPROCAD foi convidada para participar como representante brasileira de encontros do movimento do futebol de rua realizados na Argentina, Chile, Paraguai, Colômbia e Alemanha e África do Sul, durante as Copas do Mundo de 2006 e 2010, respectivamente, quando foram realizados festivais de futebol de rua em paralelo às competições da FIFA.

Gerson Guimarães destaca que nos Encontros do Chile e África do Sul os jovens da EPROCAD obtiveram excelente aproveitamento na pontuação atribuída a questões relacionadas aos aspectos disciplinares. Em linha com o espírito da prática, nesses torneios não se premia apenas o campeão: há também o troféu Fair Play (“jogo limpo”), e a delegação brasileira foi eleita a equipe mais disciplinada em ambos os eventos.

A metodologia usada em Santana de Parnaíba contempla ainda os “Quatro Pilares da Educação para o século XXI” do relatório de 1999 da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO). O relatório aponta quatro competências para o desenvolvimento integral: aprender a conhecer, apropriando-se dos próprios instrumentos de conhecimento e colocando-os a serviço do bem comum; aprender a fazer, desenvolvendo habilidades básicas para empreender uma vida produtiva; aprender a conviver com as diferenças e com o meio em que se vive, cultivando novas formas de participação social; e, por fim, aprender a ser um indivíduo que constrói o próprio projeto de vida e conhece suas reações, potenciais, talentos, forças, fraquezas e habilidades.



Jogada certa

A Fundação EPROCAD atende em duas unidades: uma na região central de Santana de Parnaíba, e a outra na Cidade São Pedro, bairro afastado do Centro.

Uma parceria com a Secretaria de Educação viabiliza o uso de vale-transporte para 120 alunos da unidade Centro que residem em regiões afastadas do local onde são realizadas as atividades. Segundo o coordenador da EPROCAD, o método abriu espaço para iniciativas que buscam auxiliar no desenvolvimento social da região. E nesse sentido, a Fundação definiu uma condicionalidade para o ingresso no Futebol de Rua: para participar das atividades, a matrícula na escola é obrigatória. Para realizar o acompanhamento do desempenho escolar, a Fundação faz contatos bimestrais com todas as escolas para obter os dados relativos à frequência e rendimento dos alunos. Esses dados são objeto de reuniões com pais e responsáveis e também de conversas ou acompanhamento diferenciado dos participantes com dificuldades na escola.

Essa articulação da prática pedagógica do **Futebol de Rua** com a rede de ensino é uma contribuição importante para redução dos índices de evasão escolar e melhoria no rendimento dos alunos em um município que, apesar de um IDHM muito alto, tem níveis de desigualdade social acentuados. Cabe dizer que as condicionalidades da matrícula na escola e desempenho não afastam as crianças e adolescentes do **Futebol de Rua**. As vagas são totalmente preenchidas e há inclusive listas de espera.

E, de fato, o trabalho da EPROCAD utilizando o esporte educacional como uma ferramenta de inclusão social e desenvolvimento de habilidades não apenas motoras e cognitivas, mas também de interação e participação social, vem sendo reconhecido pela rede de proteção social da região.

A Fundação já consolidou parcerias com diversos atores sociais, como a Rede Social Grande Oeste, que tem a participação de diferentes organizações da região. É membro da Rede de Esporte Pela Mudança Social, lançada no Brasil em 2007, fomentada pela Nike e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, PNUD; participa da Rede Social Grande Oeste e tem parceria da Street Football Foundation.

O **Futebol de Rua** reúne profissionais das áreas de Esporte, Educação, Saúde e Psicologia, que dão suporte a todas as atividades e dialogam com a rede de parceiros. A experiência conta com uma equipe de quatro coordenadores, oito educadores e sete outros colaboradores para serviços diversos de manutenção e operação.

Para garantir o alinhamento conceitual e metodológico dessa equipe, a cada seis meses são realizadas oficinas com todos os colaboradores e o processo de capacitação continuada é estimulado com a participação em seminários e congressos sobre temáticas relevantes na área de esporte educacional e educação.

Desde 2010, o método vem sendo estudado também no âmbito acadêmico, e a avaliação dos resultados passou a ser trabalhada de maneira mais efetiva. Toda essa evolução se deve ao fato de que a escolha do futebol como instrumento de transformação social, introduzindo uma nova visão do esporte – mais cooperativa, inclusiva e solidária – tem apresentado resultados realmente significativos.

O **Futebol de Rua** pode acontecer em qualquer cidade do Brasil onde exista um campo de várzea para se jogar uma partida. A prática é bastante simples. Requer professores capacitados, diretrizes bem definidas e crianças dispostas a jogar.

A metodologia aplicada pela EPROCAD tem o principal mérito de poder ser reaplicável em outros esportes. A escolha do futebol, sem dúvida, se mostrou absolutamente acertada, tendo em vista a sua popularidade e aceitação por meninos e meninas de todas as idades.

No entanto, o mais importante na tecnologia social do Futebol de Rua é a garantia da participação ativa das crianças e adolescentes na definição do “jogo” - a escolha e pactuação de regras que se adequem às expectativas e possibilidades do grupo como um todo. Mas essas regras devem incorporar valores a todas as etapas do processo. Respeito, cooperação e solidariedade, com suas expressões concretas em atitudes e comportamentos, constituem os gols da partida. Até porque, o que o Futebol de Rua propõe é um novo desempenho numa partida mais longa: a vida.

Fica a Dica do Futebol de Rua



1. É importante lembrar que a estrutura disponível deve ser avaliada com cuidado durante o primeiro tempo da partida. Os jogadores e o mediador precisarão considerar todos os elementos dessa estrutura na hora de criar e estabelecer as regras do jogo.



2. Um dos maiores desafios é modificar atitudes e expectativas em relação ao futebol. Alunos e comunidade têm dificuldade em aceitar que a conduta e a participação dentro do campo valem mais que o número de gols.



3. É importante garantir a oferta de horários de treinos compatíveis com o contra turno escolar.



4. A parceria com a Secretaria de Educação do município é fundamental para a divulgação do projeto, garantindo a adesão das crianças e famílias.



5. De acordo com os recursos disponíveis, as atividades complementares, quando forem programadas, podem incluir propostas mais simples e de baixo custo, como leituras de livros sobre esporte e futebol e debates sobre filmes disponíveis em DVD ou na internet, discutindo os valores positivos da prática esportiva.

Velozes do Amanhã

Instituição Executora:

Instituto de Desenvolvimento Humano Social, Econômico e Cultura “Maná do Céu para os Povos”



Local: Município de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul

Público-alvo: 200 crianças e adolescentes de 7 a 17 anos em situação de vulnerabilidade social. A experiência destinou vagas para crianças com deficiência – preenchimento de no mínimo 5% das vagas
Pais e responsáveis das crianças beneficiárias.

Sobre a **INSTITUIÇÃO**

O Instituto foi criado em 2009 com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano, por meio de projetos e ações sociais voltados para pessoas em situação de vulnerabilidade social.

A OSCIP desenvolve o **Velozes do Amanhã** desde 2013, com patrocínio do **Programa Esporte e Cidadania**, da Petrobras.

O Instituto tem o compromisso de agregar em suas práticas valores que contribuam para combater preconceitos e discriminações de qualquer ordem. Para isso incorpora a seu trabalho concepções multiculturais e plurais que garantam o respeito mútuo entre as pessoas e tem como valores básicos que direcionam suas ações a integridade, ética, transparência, simplicidade, criatividade, respeito profissional e trabalho em equipe.

Mato Grosso do Sul

O horizonte está presente ao fundo de todas as paisagens de Campo Grande, no planalto do Centro-Oeste, como que apontando possibilidades. E a Cidade Morena, como é conhecida por causa cor da terra, é um bom lugar para se viver. Com o índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,784, Campo Grande tem boa infraestrutura, muitas áreas verdes e é considerada o polo de desenvolvimento econômico e social do estado. A cidade tem uma relação muito forte com a cultura indígena, expressa num artesanato que retrata a vivência nas florestas da região.

Rotas de tráfico de drogas passam pela cidade e há índices significativos de exploração sexual infantil, prostituição e tráfico de mulheres e crianças.

Nas regiões mais pobres, há moradias em áreas extremamente insalubres, como os lixões. Nessas áreas, são mais elevados os índices de evasão escolar, desemprego e escolaridade.

A experiência do Velozes do Amanhã foi direcionada justamente para as regiões de maior vulnerabilidade e risco social para crianças e adolescentes. Aplicadas em três polos em diferentes regiões da capital, as atividades procuraram atingir aqueles grupos de crianças e adolescentes mais expostos a um ambiente onde a incidência do uso de drogas é alarmante.

Por que a experiência foi premiada

- Grande potencial de reaplicação
- Envolvimento da comunidade na elaboração das atividades
- Baixo custo
- Valorização das identidades regionais
- Contribuição para o desenvolvimento motor, cognitivo e socioafetivo de crianças e adolescentes.

Novos horizontes em Campo Grande: formação de atletas construindo cidadania

A proposta Velozes do Amanhã aponta a importância de valorizar os modos diversificados de viver, respeitando a pluralidade cultural e regional brasileira, em que o saber ouvir, saber reconhecer, saber incluir e saber interagir são fundamentais para a construção de uma cidadania integral.

Professora Ana Sena

Três grupos de pequenos atletas, em diferentes regiões da cidade de Campo Grande, se reuniam para treinar atletismo e conversar semanalmente sobre o assunto. Dessa forma, crianças e adolescentes conheceram diferentes culturas, refletiram sobre a vida na sua comunidade e criaram uma nova visão de mundo, vislumbrando possibilidades de um novo amanhã.

Crianças e adolescentes se dedicaram às corridas de velocidade e de longa distância, salto em altura e distância, arremesso de peso e lançamento de dardo. Nas **rodas de conversas** que precediam os treinos, professores e alunos conversavam sobre as práticas e suas técnicas, conheciam a história do esporte, das competições e de grandes atletas. Mas discutiam e negociavam também as regras que regiam as relações entre os **Velozes do Amanhã**: cooperação, onde os maiores ajudavam os menores, valorização das habilidades e limites de cada um.

Formulada como uma tecnologia inovadora de esporte educacional, a experiência fez da colaboração e do respeito às diferenças o eixo central. A partir desse prisma, as crianças desenvolveram recursos para observar criticamente suas relações com o mundo e com a comunidade. O projeto foi desenhado pela Professora Ana Lúcia da Silva Sena, que é também pedagoga, especialista em educação, gênero, raça e políticas públicas, Mestre em Ciências Sociais e militante do Movimento Negro. Com essa bagagem, Ana Lúcia viu no edital do Programa Esporte e Cidadania, da Petrobras, a oportunidade de aplicar seus conhecimentos, desenvolvendo um trabalho inovador.

Com foco na inclusão social de crianças e adolescentes moradores das regiões de maior vulnerabilidade social de Campo Grande, o Instituto Manã do Céu para o Povo viu no compromisso pedagógico do esporte educacional uma metodologia privilegiada de intervenção junto a um público que tem pouco acesso à prática esportiva e às oportunidades de desenvolvimento pessoal integral.



O projeto tinha o objetivo de ensinar mais sobre o esporte e, no contexto da prática esportiva, criar espaços de reflexão, aprendizagem e vivência de valores comunitários e igualitários.

Com um conjunto de modalidades esportivas que pode ser praticada por todos e que remete às atividades recreativas do dia a dia de crianças – correr, saltar, pular – o atletismo apareceu como a melhor escolha.

Prática esportiva e reflexão: identificando horizontes

O **Projeto Velozes do Amanhã** ofereceu treinos de atletismo três vezes por semana, entre fevereiro e dezembro de 2013, a crianças e adolescentes moradores de diferentes regiões. Na região do Prosa, o polo foi instalado no Parque dos Poderes; em Segredo, o polo ficou no Bairro José Abrão; e na região Lagoa, os treinos aconteciam no campo do Bairro Oliveira III.

Foram montadas três turmas, de 67 alunos cada, em áreas de alto índice de vulnerabilidade social. A metodologia indicava a importância da participação igualitária de meninos e meninas, incluindo índios e negros, e também crianças e adolescentes com deficiência. Os treinos aconteciam no final da tarde, para facilitar a participação dos pais em atividades esportivas orientadas.

A metodologia aplicada na experiência partiu da construção de um processo educativo coletivo, participativo e emancipatório, tendo por base os pilares fundamentais da aprendizagem pautados no relatório da UNESCO para a Educação do Século XXI. Esses pilares definem competências que devem ser desenvolvidas num processo educacional que garanta o desenvolvimento integral da pessoa: **aprender para conhecer** que supõe aprender a aprender, exercitando a atenção e a reflexão para compreender; aprender a fazer, combinando a qualificação técnica com o comportamento social, o trabalho coletivo, a autonomia; **aprender a viver com os outros**, cooperando e respeitando diferenças; e finalmente **aprender a ser**, com a capacidade de avaliar criticamente a realidade e formular juízos e valores próprios.



“É preciso enfatizar o respeito ao conhecimento que o aluno traz, visto ser ele um sujeito social e histórico. No Velozes do Amanhã educar envolve muito mais do treinar o educando no desempenho de habilidades.”

—
Ana Lúcia

Segundo a professora, a prática do esporte educacional foi garantida aos participantes, primeiramente, como um direito, buscando desenvolver habilidades motoras e cognitivas. Mas a

experiência foi realizada como um meio de inclusão social que trabalhou a reflexão e propôs novas atitudes para coibir as práticas de violência, todas as formas de discriminação racial e de gênero, entre outras questões vividas pelo segmento atingido.

Para ajudar na incorporação de novas regras de convivência e cooperação, a experiência criou também uma “nova economia”, pactuada com as crianças. Os participantes assíduos, pontuais e participativos recebiam pontos que eram registrados num cartão do Instituto, os **manãs**. Os pontos poderiam ser trocados a cada três meses por passeios ou brindes. Os manãs funcionam como mais um incentivo à frequência, inclusive de pais e responsáveis, que a cada participação nas palestras também somam pontos.

Os “bens” na economia do Velozes do Amanhã são compromisso, participação, cooperação e disciplina

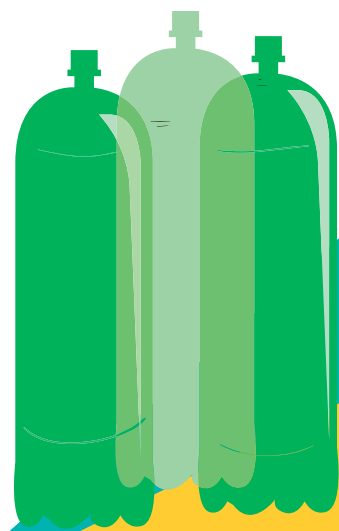
Palestras mensais abordaram temas identificados como importantes na valorização dessa “economia” e “bens” e discutiram problemas recorrentes no contexto das condições de vida das crianças e adolescentes - combate às drogas, prevenção à gravidez precoce, direitos da criança e do adolescente, combate ao bullying. Um dos focos priorizados nas palestras e atividades foi a questão das diferenças étnicas e de gênero, com grandes discussões sobre o racismo e a valorização da diversidade.

Com forte representação em Mato Grosso do Sul, o povo indígena foi objeto de pesquisa no **Velozes do Amanhã**.

Uma curiosidade é que em Campo Grande tem a única aldeia urbana do país, onde vivem índios da nação Terena. Na aldeia, ainda se fala a língua nativa e a produção artesanal revela a história e a cultura do povo Terena.

Integrar os pequenos atletas do projeto e as crianças indígenas surgiu como uma estratégia para possibilitar vivências importantes para a compreensão da formação histórica e cultural do Mato Grosso do Sul e da diversidade étnica do Brasil. Considerando o esporte como uma manifestação cultural, a experiência do Velozes do Amanhã optou por estudar a cultura corporal dos povos indígenas e as identidades da região. Surgiu a ideia do Festival de Integração Cultural e Esportiva.

O planejamento coletivo do festival permitiu uma imersão das crianças no universo dos índios brasileiros. Os professores



apresentaram, em palestras, um pouco da história e da cultura indígena, e propuseram aprofundar os conhecimentos por meio de uma série de pesquisas, examinando a cultura e os costumes dos índios brasileiros e especificamente da região Centro-Oeste.

Um levantamento dos jogos praticados pelos índios buscou estabelecer uma relação com o esporte do Mato Grosso do Sul. Essa primeira fase teve o objetivo de preparar as crianças para uma visita, percussora, à aldeia urbana.

Depois da visita, que permitiu a observação dos espaços e estruturas disponíveis na comunidade, crianças e professores começaram a planejar as atividades do festival. O ponto alto da segunda etapa do processo, já com um vasto acervo de conhecimento, foi a visita de uma militante das causas indígenas e da líder da aldeia urbana, única mulher cacique do Mato Grosso do Sul, ao projeto. As duas dividiram com as crianças e adolescentes suas observações sobre a situação dos índios no Estado do Mato Grosso, a situação de vulnerabilidade social em que vivem, os conflitos de terras, os avanços e conquistas do povo.

Todo esse processo teve o objetivo de permitir uma aproximação bastante concreta com outra cultura. E nesse movimento, refletir sobre o valor da diversidade, por meio do estudo dos jogos indígenas e do surgimento e reprodução de determinadas práticas corporais. O Festival de Integração Cultural e Esportiva ampliou o conhecimento de crianças e mesmo dos educadores sobre o repertório de manifestações da linguagem corporal que caracteriza os diversos grupos de uma comunidade ou cidade.

Durante a realização do festival, coube às crianças do **Velozes do Amanhã** partilhar com pequenos indígenas os seus conhecimentos sobre atletismo, regras e técnicas. Levaram para a aldeia urbana os materiais produzidos para os treinos e propuseram a participação de todos numa atividade para promover a interação entre os moradores da aldeia e as crianças dos bairros. Corridas, saltos e lançamento de pesos reuniram todas as crianças e revelaram habilidades. Os indígenas, por seu lado, falaram de sua cultura e apresentaram seus jogos, como a corrida com tora e arco e flecha.

O resultado dessa integração veio com a inclusão da Comunidade indígena Marçal de Souza nas próximas edições da experiência, e a renovação do patrocínio da Petrobras por mais dois anos consecutivos.

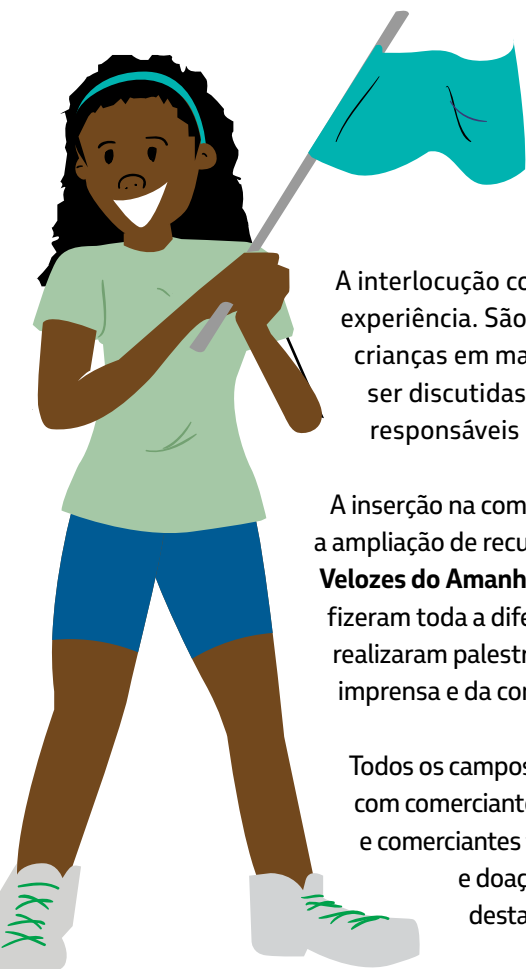
Identidade e compromisso

Desde a seleção de pessoal, passando pela divulgação, inscrições dos alunos e realização dos treinos e atividades lúdicas, recreativas e educativas, o processo de implementação da experiência buscou garantir a

identidade ideológica e pedagógica do Velozes do Amanhã, formatada segundo as diretrizes do esporte educacional: interação das diferenças e respeito às individualidades; incentivo à autonomia, à cooperação e à corresponsabilidade; valorização das identidades regionais e saberes populares; promoção do desenvolvimento motor, cognitivo e socioafetivo e crianças e adolescentes.

Para garantir o alinhamento dos profissionais com a proposta pedagógica, a seleção dos professores foi feita num processo dinâmico e participativo que valorizou, além dos conhecimentos técnicos dos candidatos, também seus posicionamentos em relação à importância e papel da Educação em processos de transformação social. Depois de feita a seleção, Ana Lúcia discutiu com a equipe recém-formada todas as questões transversais que perpassam as atividades propostas no âmbito do **Velozes do Amanhã**, como diversidade étnica e social e também outros temas caros à concepção do esporte educacional.

Parceria com a rede local



No sentido de garantir a integração das comunidades nas atividades, os coordenadores investiram, desde o início da implantação da experiência, na consolidação de uma relação muito próxima com as associações de moradores e lideranças comunitárias.

A interlocução com os atores locais aporta conhecimentos importantes para a experiência. São esses atores que sabem quais são as famílias mais vulneráveis e as crianças em maior risco social, podem ajudar a identificar quais as questões devem ser discutidas com os participantes e colaboram para a aproximação dos pais e responsáveis nas atividades.

A inserção na comunidade, quando legitimada por lideranças locais, é um facilitador para a ampliação de recursos materiais e atração de recursos humanos, como voluntários. O **Velozes do Amanhã** teve a participação de voluntários em atividades pontuais, mas que fizeram toda a diferença na qualidade de algumas ações: profissionais e especialistas realizaram palestras; mães colaboraram na produção de eventos; profissionais da imprensa e da comunicação trabalharam na divulgação e registro das atividades.

Todos os campos utilizados para treinamento foram cedidos pelas associações e a parceria com comerciantes e instituições locais foi facilitada com a sua intermediação. Igrejas locais e comerciantes foram parceiros imprescindíveis na cessão de espaços para palestras e doações. Lanches, materiais diversos e até transportes eventuais surgiram destas parcerias estabelecidas no âmbito do bairro e da comunidade.

A construção dessa relação de pertencimento e identidade local foi fundamental para o sucesso da experiência. O **Velozes do Amanhã** acredita na construção coletiva de ações transformadoras, que se realiza na atração de diferentes atores para colaborar no projeto, tecendo uma rede de apoio que aporta novos saberes e recursos à experiência. Nesse sentido, buscou também estabelecer um canal de comunicação com a Secretaria Municipal de Educação para obter informações sobre as médias e frequência escolar dos participantes do projeto, formalizando o monitoramento do desempenho escolar dos alunos. Mais uma ferramenta muito importante para garantir a efetividade da experiência.

Os Velozes do Amanhã continuam treinando

O Velozes do Amanhã obteve resultados importantes tanto no campo da prática esportiva quanto no fomento ao conhecimento e a reflexão sobre participação, direitos humanos, diversidade. Alunos melhoraram suas notas na escola. Adolescentes passaram a integrar a equipe de esportes do município, meninas perderam peso. A maioria dos participantes apresentou mudanças no desempenho escolar e no comportamento, tanto em casa como na escola.

E, em alguns casos, o **Velozes do Amanhã** iniciou processos mais profundos de mudança: uma mãe relatou que o filho mudou depois que começou a frequentar os treinos. Seu rendimento escolar aumentou e outras mudanças foram sendo observadas: “Ele sofria por ser negro. No projeto, ele desenvolveu autoestima, confiança e fez avanços em vários aspectos de sua vida”.

Futuros atletas ou não, as crianças e adolescentes de Campo Grande têm a oportunidade de integrar uma experiência rara de ensino-aprendizagem. Quebram parâmetros antigos que separam a construção de conhecimentos da atividade física e, ao final de cada treino, estão mais velozes, conscientes, habilidosos e sábios!

A experiência do **Velozes do Amanhã** pode ser facilmente reaplicada e adequada a diferentes realidades, desde que suas diretrizes fundamentais sejam mantidas. Pode atender a grupos menores de crianças e num intervalo de tempo menor que duas horas, tornando prescindível a oferta de lanches. A identidade do grupo pode ser garantida com camisetas coloridas, bonés ou pulseiras, de acordo com os recursos disponíveis, substituindo o uniforme usado no **Velozes do Amanhã**.

A parceria com as associações de bairro é uma alternativa eficaz para viabilizar campos e espaços comunitários para a realização dos treinos e palestras. E a articulação com a comunidade para a integração de diferentes atores que possam colaborar desde a elaboração e desenvolvimento da proposta de ação facilita a captação dos recursos.

Fica a Dica dos Velozes do Amanhã



1. Estabelecer uma relação de confiança e colaboração com a comunidade e as instituições do bairro – igrejas, escolas, clubes – faz toda a diferença na execução da experiência. Invista em reuniões para apresentar a equipe e as atividades que serão realizadas e esteja aberto à sugestões e críticas.



2. O investimento em ações de comunicação e divulgação do projeto tem retornos valiosos tanto para garantir a participação das crianças, como para legitimar a ação junto à comunidade.



3. É preciso facilitar o processo de inscrições. Utilize todos os recursos para divulgar o projeto, os horários e locais de inscrição. Disponibilize diferentes polos e realize plantões no fim de semana.



4. É importante criar um canal virtual de comunicação da experiência. Pode ser um campo novo, dentro do site da instituição executora, ou pode ser criado um espaço exclusivo principalmente para inscrições online. Redes como o Facebook, o Twitter e o Instagram, todas gratuitas, são espaços de excelência para a divulgação e comunicação.



5. Identifique, na sua cidade, grupos como quilombolas, lavradores, entidades de pessoas com deficiência ou parques e reservas ecológicas. Programe uma atividade de visita e integração entre as crianças, discutindo as diferenças culturais e diversidade.

Handebol em Cadeira de Rodas na Escola

Instituição Executora:

Associação Brasileira de Handebol em Cadeira de Rodas, ABRHACAR

Local: Município de Toledo, no Paraná

Público-alvo: 30 crianças e adolescentes com deficiência, entre 10 e 17 anos, matriculados na rede municipal de ensino



Sobre a **INSTITUIÇÃO**

A ABRHACAR teve sua fundação em 2009, em Toledo, quando foi realizado o primeiro Campeonato Brasileiro de Handebol em Cadeira de Rodas. A Associação e o Campeonato Nacional foram frutos de quatro anos de trabalho intenso de Décio Calegari e José Irineu Gorla, que criaram as regras do Handebol em Cadeira de Rodas, em 2005, e passaram a divulgar a proposta em eventos científicos e apresentações dos jogos. Essa mobilização constituiu as bases para a criação da Associação, que hoje congrega cerca de 300 atletas, 20 equipes de Handebol em Cadeira de Rodas e também Tênis de Mesa e Badminton.

Toledo

Toledo é um município novo, com seis décadas de existência, numa região que começou a ser colonizada no final da década de 40. Com um excelente Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (0,827) a cidade tem também um dos mais baixos índices de criminalidade do estado. A educação é destaque: a nota do IDEB, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, avaliada a cada dois anos, é de 6,4, a segunda melhor nota do estado entre as cidades com mais 100 mil habitantes.

Toledo possui seis campi de cinco instituições de Ensino Superior – duas públicas, uma federal tecnológica e outra estadual multicampi, além de quatro extensões com 40 cursos de graduação, diversos de pós-graduação e mestrado.

A cidade consolida uma tradição de compromisso com a educação e, por meio do Handebol em cadeira de Rodas, instaura uma outra tradição: a inclusão de pessoas com deficiência.

Por que a experiência foi premiada:

- *Inovação na abordagem da prática esportiva*
- *Grande potencial de interação pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência*
- *Potencial de replicação*
- *Contribuição para o desenvolvimento motor, cognitivo e socioafetivo das crianças e adolescentes.*
- *Sinergia com a área de educação*

Mudando de lado: uma nova abordagem da inclusão

Com toda certeza a experiência do paradesporto na realidade escolar pode impactar significativamente a realidade social das cidades que recebem o projeto. Com a possibilidade de uma prática esportiva e com a mudança de olhar sobre a pessoa com deficiência, as possibilidades e potencialidades das pessoas com deficiência ficam muito mais visíveis do que as limitações propriamente ditas. E isso leva toda a sociedade a refletir sobre o que realmente é limitante em sua vida.

Décio Calegari, professor, pesquisador e presidente da ABRHACAR.

Em Toledo, o Handebol em Cadeira de Rodas não é novidade. O paradesporto foi criado há quase uma década. Lá, também foi fundada, em 2006, a Associação Toledense dos Atletas em Cadeira de Rodas, ATACAR, que se dedicou a divulgar e organizar a prática do paradesporto e apoiar a formação de atletas. Três anos mais tarde, em 2009, foi criada a Associação Brasileira de Handebol em Cadeira de Rodas, ABRHACAR, um marco na trajetória do paradesporto. Como presidente da associação, Décio Calegari assumiu o compromisso de incluir a modalidade nos Jogos Paralímpicos. Os jogadores esperam se apresentar nas Paralimpíadas 2016, no Rio de Janeiro, primeiro passo para incluir o paraesporte nos Jogos.

A ABRHACAR fez avanços importantes no desenvolvimento das técnicas e na melhoria do desempenho dos paratletas, e tem contribuído significativamente no debate sobre inclusão e direitos da pessoa com deficiência.

O Handebol em Cadeira de Rodas (HCR) nas Escolas é o novo capítulo nessa história de ousadias. Mais uma novidade foi criada em Toledo, com a proposta de levar o Handebol em Cadeira de Rodas para as Escolas Municipais, convidando crianças e adolescentes a entrar na quadra e mudar o jogo. Agora, crianças com deficiência jogam Handebol com crianças sem deficiência. Mas “a regra é clara”: todo mundo usa cadeira de rodas.

Jenilson assistia atento àquele jogo diferente na quadra da escola. Os jogadores, em cadeiras de rodas, faziam umas coisas incríveis. O menino nunca tinha pensado nisso, que gente que precisa usar cadeira de rodas pudesse ser assim tão ativa, atleta até, jogador de Handebol! E, na verdade, nem tinha pensado direito nessa coisa de uma pessoa ter rodas... Não era como o seu sonho, que era ter asas, mas já era uma vantagem. Ninguém precisou convidar Jenilson uma segunda vez. Ele estava mesmo doido para experimentar a cadeira e sair jogando bola com aquelas crianças. Mas ele que achou que teria grandes vantagens, já que podia andar, descobriu que Handebol em Cadeira de Rodas é difícil à beça e suas pernas não ajudavam em nada. Mas que aventura! Que descoberta!

Como tudo começou...

A ABRHACAR avaliou sua experiência de reunir mais de 300 atletas com deficiência, 20 equipes associadas e realizar campeonatos nacionais, sul-americanos e também um campeonato mundial. Um percurso rico em apenas seis anos de existência. Mas o professor Décio Calegari percebeu que precisava fazer um investimento especial. Havia uma lacuna a ser preenchida neste currículo da ABRHACAR: aumentar a participação de crianças com deficiência nos paradesporto. O número de crianças nos eventos promovidos pela associação sempre foi baixo, pois existe a dificuldade concreta de disponibilizar cadeiras de rodas esportivas para crianças, além da resistência comum de pais, educadores e instituições de ensino de vencer os inúmeros obstáculos para a inclusão de crianças com deficiência no mundo do paradesporto.



Mas a experiência de Décio já mostrou que a iniciação esportiva é um elemento muito potente não só para o desenvolvimento físico das pessoas com deficiência, mas principalmente para o seu crescimento psíquico e social.

Incluir pessoas com deficiência em práticas desportivas é promover uma mudança fundamental: retirá-las do lugar de espectadores e trazê-las, como protagonistas, para a arena do esporte. E, nesse sentido, possibilitar que crianças e adolescentes tenham acesso à prática esportiva é a garantia do direito ao esporte, e também a oportunidades de melhorias multidimensionais, oportunidades de desenvolvimento integral do ser humano.

O conceito de inclusão invertida é aplicado por meio da participação de crianças sem deficiência na prática do paradesporto. Ao invés de adaptar o esporte criando condições para a pessoa com deficiência participar, a ação proporciona a inclusão de crianças sem deficiência em atividades esportivas praticadas por crianças com deficiência.

Como uma prática de esporte educacional, o HCR nas Escolas propicia uma oportunidade ímpar de aprendizagem para os dois grupos, por meio da vivência concreta e inédita de situações de interação de diferenças, respeitando-se fundamentalmente as individualidades.

Crianças sem deficiência experimentam uma nova mobilidade com as cadeiras de rodas e crianças com deficiência ganham um novo status nesse processo de inclusão em que o parâmetro da eficiência no jogo é a habilidade de jogar nas cadeiras de rodas.

As equipes de Handebol da ABRHACAR já aplicavam o conceito de inclusão invertida nas apresentações realizadas nas escolas. A prática surgiu de uma demanda das próprias crianças, que expressavam uma intensa curiosidade em relação



ao jogo e, claro, às cadeiras de rodas. Os atletas, então, ao final das apresentações, passaram a liberar suas cadeiras para que as crianças sem deficiência pudessem experimentar e jogar.

Ao reconhecer uma oportunidade educativa nessa inversão de papéis, a equipe de paratletas inaugurou uma prática que possibilita às crianças sem deficiência experimentar um jeito novo de se situar no espaço e a perceber diferenças.

A prática do Handebol em Cadeira de Rodas por crianças não cadeirantes proporciona a aprendizagem de que a deficiência é uma diferença e o esporte educacional aponta justamente o lado positivo disto. Os valores trabalhados neste contexto são o respeito ao outro e à diversidade. A compreensão dessas diferenças, portanto, contribui para um olhar sensível em relação às habilidades e dificuldades do outro. Desenvolve, também, a percepção de que existem potencialidades em todos os indivíduos. Afinal, ser diferente não é ser desigual.

Estão contemplados, portanto, três eixos básicos de ações: a prática paraesportiva no âmbito escolar; a inclusão invertida e a disseminação de valores de inclusão e respeito à diversidade. A interlocução entre a ABRHACAR e as escolas para a aplicação da metodologia é um dos destaques da experiência, na medida em que leva para o sistema de ensino uma proposta de inclusão inovadora e de grande impacto sobre os alunos.

Construir uma escola efetivamente inclusiva passa pela aplicação de tecnologias sociais educacionais que possam atender à demanda de todos os alunos, garantindo acessibilidade e educação. Mas também requer o fomento a uma cultura inclusiva, da qual participe toda a comunidade escolar. O HCR nas Escolas é uma dessas tecnologias.



A exemplo da parceria realizada em Toledo, entre a ABRHACAR e a unidade escolar, a rede de ensino pode ampliar suas parcerias e interlocuções, abrindo espaço para tecnologias formuladas e testadas no âmbito das organizações da sociedade civil. Por sua capacidade de criar e testar novas tecnologias, essas instituições podem contribuir para o avanço das políticas públicas, reaplicando e adaptando metodologias comprovadamente eficazes para contextos mais amplos, como a rede de ensino. O universo onde foi aplicada a experiência – público de crianças em situação de vulnerabilidade social, existência de poucas ofertas de atividades esportivas de qualidade e carência de atualização dos profissionais para trabalhar com pessoas com deficiência – demandou ações voltadas não só para as crianças e adolescentes, mas também para a comunidade escolar como um todo.

Para garantir os objetivos da experiência na área de desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas dos alunos, foi feita a capacitação dos educadores da escola da rede de ensino, para que detivessem o conhecimento das regras e técnicas envolvidas no Handebol em Cadeira de Rodas. Essa capacitação supriu quaisquer deficiências no domínio do treinamento do Handebol em Cadeira de Rodas, para que a necessidade de adaptações e flexibilidade não determinassem a perda de qualidade técnica.

Atividades de interação e debates sobre direitos humanos, inclusão sustentável, acessibilidade, diversidade e esportes foram incluídas na programação do HCR na Escola para garantir a adesão e envolver a comunidade escolar, pais e responsáveis na experiência. A programação dessas atividades é fundamental para os objetivos do projeto, principalmente como parte da mobilização necessária para garantir a participação das crianças nos jogos.

O processo de adesão é demorado, requer um tempo de aceitação da novidade e dos desafios colocados pelo convite à prática esportiva para as crianças com ou sem deficiência. Por isso é importante prever ações de divulgação, discussão e apresentação dos jogos para toda a comunidade escolar.

Esse movimento deve constituir uma oportunidade para a apresentação de novas ideias e abordagens sobre as questões relativas à diversidade e à inclusão de pessoas com deficiência na vida comunitária.



O HCR na Escola demonstra que quanto mais inclusivo é um grupo ou uma sociedade, menor será o impacto da deficiência na qualidade de vida da pessoa e de sua família.

A cidade, os seus espaços de mobilidade e convivência precisam estar preparados para acolher todos os seus moradores –com deficiência visual ou auditiva, que usam cadeiras de rodas ou bengalas; idosos, jovens; crianças, mulheres, gestantes.

Uma cidade eficiente é uma cidade de todos e para todos. O mesmo vale para o sistema educacional, que deve se adequar para atender as diferentes demandas de seus alunos.

Jenilson continua encantado com o Handebol em Cadeira de Rodas. Fez novos amigos na quadra e para a vida. Aprendeu muitas coisas novas e passou a observar o mundo sobre uma nova ótica. Por exemplo, descobriu que no seu bairro nem todas as calçadas têm rampa de acesso à faixa de pedestres e que uma pessoa em cadeira e rodas não consegue acessar todos os espaços.

Em 2012, o HCR na Escola treinou Handebol em Cadeira de Rodas duas vezes por semana, com 30 crianças e adolescentes, durante dez meses. No início da experiência, a ABRHACAR utilizou as cadeiras de rodas esportivas da Associação Toledense dos Atletas em Cadeira de Rodas, ATACAR/TOLEDO. Mais tarde, com o patrocínio do Projeto Criança Esperança, foram compradas novas cadeiras.

A avaliação da viabilidade da implantação do HCR na Escola nas redes de ensino deve ser feita no âmbito das políticas públicas de garantia de acesso a direitos. O projeto é uma experiência inclusiva, que garante o acesso ao direito da prática esportiva, mas que coloca também uma prática inovadora e de grande impacto na formação de cidadãos comprometidos com o respeito à diferença e com a inclusão social. A criação de oportunidades de acesso à prática esportiva é parte inerente à educação inclusiva e constitui mais um fator de estímulo à permanência da criança e do adolescente com deficiência na escola, na medida em que amplia a sua participação e, portanto, sua identidade com o grupo escolar.

Levando-se em conta que a cadeira de rodas esportiva utilizada pelo Handebol é a mesma utilizada para a prática do Basquete, do Tênis, do Tênis de Mesa e do Badminton, o projeto mostra todo o seu potencial de mudança de paradigmas na questão da educação inclusiva.

Fica a Dica do Handebol em Cadeira de Rodas



1. Utilize o Manual de Orientação Para os Professores de Educação Física, Comitê Paralímpico, 2006, Brasília, DF. A publicação é muito importante para profissionais que pretendem trabalhar com paradesporto.



2. A prática do esporte é uma excelente oportunidade para introduzir questões sobre direitos, diversidade. É oportuna uma aula sobre a história dos esportes para atletas com deficiência abordando os fatores que levaram à criação de esportes adaptados e às políticas inclusivas.



3. Para criar a identidade do grupo dentro do esporte, vale mostrar com clareza aos alunos as semelhanças e diferenças entre o Handebol em Cadeira de Rodas e o Handebol de Salão.



4. Procure promover atividades em espaços públicos. Os jogos constituem uma excelente oportunidade de divulgação da experiência.

CATEGORIA UNIVERSIDADES



Introdução

Na categoria Universidades, o Prêmio Petrobras de Esporte Educacional (PPEE) recebeu inscrições de diferentes partes do país, tanto de instituições públicas quanto privadas, e que contaram com a participação direta de docentes, graduandos e comunidade. Dentre as inscrições recebidas, foram selecionadas três experiências desenvolvidas nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina.

Realizadas em diferentes contextos e realidades, estas tecnologias de esporte educacional ajudam a fortalecer o esporte educacional no Brasil; evidenciam o potencial das unidades de ensino superior na elaboração de ações diretamente voltadas à comunidade, iniciando um novo modelo acadêmico.

Um caderno de jogos e brincadeiras elaborado por alunos e seus familiares; Golfe e Tamboréu transformados em esportes populares e Mini Atletismo que cria regras para alcançar resultados coletivos. Estas são experiências simples, de baixo custo, inovadoras e criativas desenvolvidas por professores universitários que fazem parte deste capítulo. Aqui compreendidas como práticas pedagógicas que inspiram novas ações e podem ser levadas a diferentes realidades.

O convite a esta leitura é a contribuição relevante que a categoria Universidades traz, no contexto do PPEE. Dela emerge ainda o repensar do curso de educação física no ensino superior, tanto em relação à concepção de tecnologia social quanto ao desenvolvimento de ações de esporte educacional. Trata-se de uma reflexão muito apropriada, porque o conhecimento ocupa hoje lugar central nos processos que configuram a sociedade contemporânea. Essa consideração leva à necessidade de uma nova análise sobre as relações entre a sociedade e as instituições de educação superior, além de fortalecer a relevância do papel estratégico desse segmento educacional⁴.

⁴Bernheim & Chauí, 2003.

Dessa interlocução crítica sobre a relação universidade x comunidade surgem algumas perguntas essenciais. A universidade brasileira está preparada para desenvolver uma formação mais ampliada para os futuros profissionais de educação física, oferecendo-lhes alternativas ao esporte de rendimento e ao lazer? As instituições de ensino superior têm desenvolvido tecnologias sociais verdadeiramente apropriadas pela comunidade? As tecnologias sociais de esporte educacional vencedoras oferecem caminhos possíveis para estas indagações, à medida que trazem exemplos concretos de experiências desenvolvidas pela universidade em estreita relação com a comunidade e que repensam a formação dos graduandos de educação física?

O próprio conceito de Tecnologia Social (TS)⁵, essencial ao PPEE, é um desafio ao ensino superior brasileiro. Por mais que as universidades proponham uma aproximação com a realidade social de maneira atuante, a comunidade muitas vezes é vista com um certo distanciamento por docentes e graduandos, bem como possui significados diversos em termos de públicos, espaços e conhecimentos.

Mesmo que essa comunidade possua uma tecnologia apropriada e que sua aplicabilidade possa ser observada na melhoria das técnicas de trabalho locais ou na adaptação da tecnologia ao contexto comunitário, o fomento ao desenvolvimento de pesquisas que possam construir alternativa de resolução de problemáticas sociais, ainda é pouco explorado pelo Ensino Superior⁶.

Não pretendemos discutir ou apontar políticas públicas derivadas da universidade, mas o destaque aqui é justamente mostrar como a Universidade (pública ou privada) pode pensar o 'bem-comum' em suas pesquisas e projetos e produzir resultados assertivos ao desenvolvimento social local, especificamente, tratando do esporte educacional⁷. As experiências vencedoras são exemplos concretos disso e podem inspirar novas ações não só na academia, como em quaisquer outras instituições que queiram trabalhar o esporte como caminho de inserção social. E ganha a universidade como instituição social, com função pública e referência na própria sociedade, por revelar uma profusão de conquistas com estas iniciativas.

Partindo desse debate da TS como uma possível ferramenta de união entre a Universidade e a Comunidade, Barbieri⁸ resgata os princípios da educação, apontando-a como "mediadora, sem deixar de ser modeladora" pensando no aspecto da relação indivíduo e comunidade e na transformação de ambos através da educação. Assim, a educação deve se fortalecer enquanto ferramenta democrática. E, para tanto, é necessária uma reforma institucional que não pode ser desacompanhada de uma reforma das mentes⁹.

⁵Segundo o Instituto de Tecnologia Social, Tecnologia Social é um conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida. Instituto de Tecnologia Social (ITS); in: Tecnologia Social – Uma Estratégia para o Desenvolvimento, pg. 117.

⁶Herrera, 1983; Dagnino 2009;

⁷Vercelli, A; Thomas, H. 2008;

⁸Barbieri, 2001

⁹Morrin, 2000

O desenvolvimento de tecnologias sociais de esporte educacional, no âmbito da universidade, evidencia os benefícios de um repensar do currículo nos cursos de educação física, tornando-o mais integrados à sociedade. Inverte-se assim uma possível lógica do consumo, individualismo e puramente da competição e do alto rendimento, que permeia o estudante nos cursos brasileiros¹⁰.

É com esse pensar que foram premiadas as três experiências pedagógicas vencedoras e que serão apresentadas a seguir. Delas extrai-se e compartilham-se conhecimentos, provocam-se novas e diferentes formas de fazer e reaplicar as práticas nos mais variados contextos e realidades.

Consolidam-se assim, boas práticas formuladas por docentes e graduandos que pensam o esporte educacional como forma de ampliar o acesso ao esporte e aprimorar o processo de aprendizagem.

¹⁰José Henrique, 2014

Perspectivas do esporte educacional pela pedagogia de projetos: diálogos pedagógicos



Instituição Executora:

Fundação Universitária Vida Cristã, FUNVIC - Faculdade de Pindamonhangaba

Local: Taubaté, São Paulo

Público-alvo: 60 estudantes universitários do curso de Educação Física, com idade entre 18 e 40 anos; 40 alunos do quinto ano do Ensino Fundamental, de escola pública municipal, com idade de 11 a 13 anos

Sobre a **INSTITUIÇÃO**

A Faculdade de Pindamonhangaba foi instituída em 2002 e começou suas atividades em 2003, oferecendo os Cursos de Graduação em Farmácia-Bioquímica, Odontologia e Pedagogia. Em 2008, o Curso de Educação Física foi avaliado pelo Ministério da Educação e recebeu nota 4, numa escala de 0-5. A instituição efetivamente tem a melhor avaliação do Vale do Paraíba e Litoral Norte para o curso de Educação Física. Em 2008, a Fundação Universitária Vida Cristã, FUNVIC, assumiu a manutenção da Faculdade.

Pindamonhangaba

A experiência Perspectivas do Esporte Educacional pela Pedagogia de Projetos: Diálogos Pedagógicos surgiu nas salas de aula no Curso de Educação Física. Foi aplicada também numa escola de Ensino Fundamental de Taubaté, cidade vizinha a Pindamonhangaba, ambas na Região Metropolitana do Vale do Paraíba. Pindamonhangaba e Taubaté estão em situação geográfica privilegiada, no eixo de circulação entre Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, o que favorece o seu desenvolvimento econômico e social. Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, PNUD, Taubaté tem um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal muito elevado (0,800) e está entre as 50 cidades de melhor IDHM do país. Pindamonhangaba, com índice de 0,733, ocupa a 197ª posição entre os 5.570 municípios brasileiros.

A rede educacional de Taubaté, conta com 101 unidades de Ensino Fundamental, 113 Pré-Escolares, 39 Escolas de Nível Médio e quatro instituições de Ensino Superior, que configuram um dos melhores sistemas de ensino da região. No entanto, mesmo com índices que indicam uma ótima qualidade de vida, Taubaté ainda convive com a desigualdade. A escola onde foi aplicada a experiência Perspectivas do Esporte Educacional pela Pedagogia de Projetos: Diálogos Pedagógicos está localizada em uma região onde crianças e adolescentes vivem em condições de vulnerabilidade e risco social, com pouco acesso a atividades recreativas, culturais e educacionais.

Por que a experiência foi premiada:

- *Baixo custo*
- *Inovação na abordagem da prática esportiva*
- *Incentivo à autonomia e cooperação*
- *Potencial de reaplicação*

Investimento na cultura do esporte – conhecimento e prática

Quando olhamos para o ambiente acadêmico e para escola de ensino fundamental, percebemos que é preciso garantir uma formação docente completa, preparando o futuro professor para que exija boas condições de trabalho, e seja capaz de atuar pró-ativamente em escolas que não têm estrutura adequada para a Educação Física. É necessário superar metodologias de ensino ultrapassadas, pautadas somente nos valores técnicos e táticos e criar estratégias pedagógicas com práticas esportivas inovadoras, em que seus alunos estejam no centro das ações.

Cristiano Moura e Ivan Eduardo Arruda, professores da FUNVIC.

Basquete, Vôlei, Handebol, Futsal. O árbitro apita e começa o jogo - bola na rede, bola na cesta, bola no chão. Ao final, os mais habilidosos saem vencedores e os perdedores prometem melhor desempenho na próxima partida. Muitos alunos ficaram na arquibancada, como expectadores. “Quem sabe amanhã a gente joga também...”

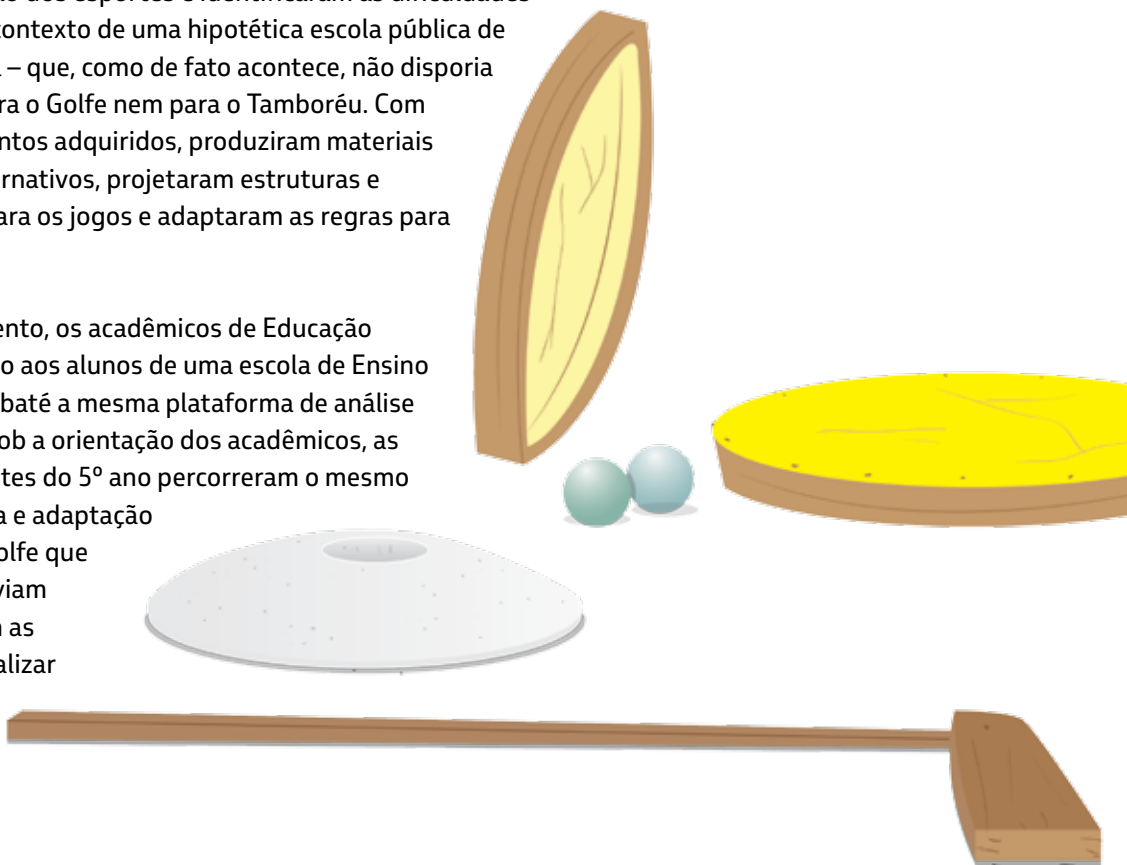
Essa é a rotina das aulas de Educação Física na maioria das escolas das redes municipais e estaduais de ensino. Sem infraestrutura adequada e com poucos recursos materiais, os professores se adaptam a uma dura realidade, onde a atividade física fica restrita aos mesmos jogos e regras: recreação e desafio para os alunos mais capazes e sacrifício e frustração para os menos habilidosos.

Mas na FUNVIC o professor do Curso de Educação Física tem perspectivas mais amplas sobre o futuro dos seus acadêmicos. Eles acreditam que é preciso formar educadores capazes de utilizar o esporte como um veículo de ensino-aprendizagem mais rico e significativo, transformador de fato. Uma atitude que requer ações proativas para a superação das dificuldades encontradas no dia a dia das escolas e das comunidades brasileiras.

Utilizando a estrutura da **pedagogia de projetos**, onde quem aprende participa ativamente da construção do conhecimento, os professores da FUNVIC formularam a proposta “Perspectivas do Esporte Educacional pela Pedagogia de Projetos: Diálogos Pedagógicos”.

Alunos e professores do curso de Educação Física escolheram como objeto de trabalho e estudo dois esportes que não fazem parte do elenco convencional das escolas – o Golfe e o Tamboréu. Estudaram a história e a evolução dos esportes e identificaram as dificuldades para sua prática no contexto de uma hipotética escola pública de Ensino Fundamental – que, como de fato acontece, não disporia de infraestrutura para o Golfe nem para o Tamboréu. Com base nos conhecimentos adquiridos, produziram materiais e equipamentos alternativos, projetaram estruturas e cenários possíveis para os jogos e adaptaram as regras para viabilizar a prática.

Num segundo momento, os acadêmicos de Educação Física aplicaram junto aos alunos de uma escola de Ensino Fundamental de Taubaté a mesma plataforma de análise e criação de jogos. Sob a orientação dos acadêmicos, as crianças e adolescentes do 5º ano percorreram o mesmo caminho de pesquisa e adaptação do Tamboréu e do Golfe que os acadêmicos já haviam percorrido, e criaram as possibilidades de realizar os jogos na sua



escola. Estudaram os esportes, desenvolveram oficinas de produção de materiais e definiram novas regras e técnicas adaptadas aos espaços disponíveis na escola. Os acadêmicos agora se defrontavam com a realidade da unidade escolar que exigia a busca por potências e a superação de fragilidades.

Dentro da realidade escolar das crianças e adolescentes, os universitários recriaram o processo de aprendizagem e experimentação feito anteriormente na universidade. Os alunos do Ensino Fundamental puderam participar ativamente da construção do conhecimento por meio da pesquisa, das experimentações, da reflexão, da evolução do projeto e do erro e acerto, uma experiência exitosa de aplicação da pedagogia de projetos no esporte educacional.

A experiência abrangeu diferentes dimensões educativas, envolvendo os dois públicos: 60 universitários do Curso de Educação Física da FUNVIC e 40 alunos do quinto ano de uma escola de ensino fundamental da rede pública. Utilizando uma tecnologia social de esporte educacional, a FUNVIC investiu na formação dos seus universitários, futuros professores da educação básica; formulou ações didáticas adequadas à realidade das escolas e que podem ser facilmente reaplicáveis e proporcionou aos professores universitários a realização de um projeto de extensão inovador.

Tamboréus e campos de Golfe na quadra da escola

A metodologia dos “Diálogos Pedagógicos” levou os estudantes universitários a mergulharem na cultura do Golfe e do Tamboréu e estudar os valores embutidos nas suas regras e técnicas. Com alguma semelhança com o Tênis, o Tamboréu é um jogo que veio da Itália para o Brasil.

Geralmente é jogado por duplas em lados opostos de uma quadra retangular. O seu nome vem da utilização de aros de madeira – tamborins - de até 26 cm de diâmetro, cobertos por um tampo de compensado que são usados como raquetes. No Brasil, o Tamboréu começou a ser praticado em Santos, São Paulo, no início do século passado.

Historiadores discordam sobre as origens do Golfe, que teria sido uma criação dos escoceses ou dos ingleses. Em campos, gramados e parques, os jogadores devem lançar a bola utilizando um taco, conseguindo colocá-la nos buracos, distribuídos ao longo de um percurso, no menor número de tacadas possíveis. O campo oficial tem muitos quilômetros quadrados, e uma partida pode durar mais de quatro horas. Como trazer o Golfe para a pequena quadra da escola?

O desafio nos Diálogos Pedagógicos não foi apenas saber tudo sobre os dois jogos. Acadêmicos de Educação Física e, mais tarde, crianças e adolescentes de 11 a 13 anos tiveram que descobrir, no seu ambiente e na realidade material, recursos para criar condições de reinventar as práticas e jogar.

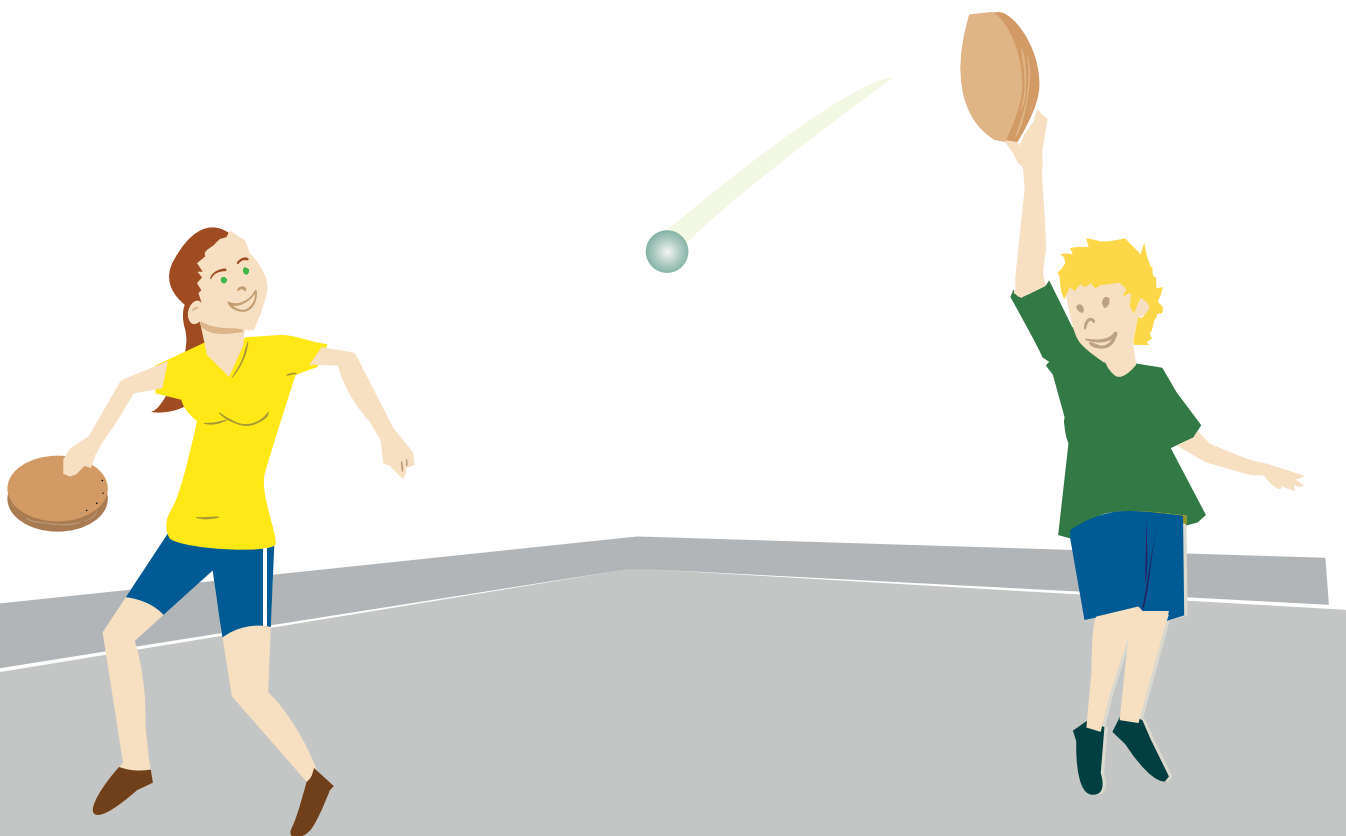
A experiência foi coordenada pelos professores Cristiano Moura, mestre em Linguística Aplicada e Especialista em Educação Psicomotora e Treinamento Desportivo, Coordenador do Laboratório

de Atividades Lúdicas, e Ivan Arruda, mestre em Educação, Especialista em Gestão Educacional e Coordenador dos cursos de Educação Física da FUNVIC – Faculdade de Pindamonhangaba.

A escola selecionada para a aplicação da experiência fica numa região de Taubaté onde crianças e adolescentes vivem em condições de vulnerabilidade social e econômica. A unidade escolar não tem espaços para uma prática esportiva estruturada ou para a oferta de vivências educacionais mais amplas por meio do esporte. Nesse universo, a aplicação da experiência pôde testar a aplicabilidade dos jogos de Golfe e Tamboréu num ambiente escolar comum às redes públicas, e efetivamente deixar um legado de conhecimentos para os professores de Educação Física e alunos da escola.

Na primeira fase da experiência, no âmbito da faculdade, os estudantes de Educação Física pesquisaram e fizeram levantamentos bibliográficos sobre o Golfe e o Tamboréu, problematizando as questões relativas à possibilidade de jogar. Ainda dentro da faculdade, os estudantes testaram as práticas, desenvolvendo adaptações para os jogos – “como criar um campo de Golfe dentro da quadra; como construir um tamborete com poucos recursos?” Na fase de extensão, os acadêmicos trabalharam a aplicação dos jogos na escola pública, refazendo com os alunos do Ensino Básico todo o percurso que eles mesmos já tinham feito, segundo o planejamento da pedagogia de projetos. Aqui, a professora de Educação Física da escola participou de todo o processo, mediando a relação entre seus alunos e os acadêmicos.

Cristiano Moura comenta a importância da utilização da metodologia: “A ação pedagógica por projeto envolve todos os atores de forma intensa. Com inúmeras trocas de informação, interações contínuas, espaços de construção de conhecimento, e um ecossistema pedagógico mergulhado na realidade de cada turma, escola e comunidade”, diz.



“A experiência se amplia quando recorre a conteúdos interdisciplinares, como a criação de equipamentos para os jogos. Em oficinas de técnicas artesanais, transformação de objetos e pintura, os acadêmicos propuseram às crianças a criação de equipamentos de baixo custo, utilizando material reciclado, numa perspectiva de sustentabilidade”.

O somatório das práticas integradas nas “Perspectivas do Esporte Educacional pela Pedagogia de Projetos: Diálogos Pedagógicos” cria oportunidades únicas de troca de saberes. As oficinas de construção e vivência dos jogos constituem espaços especiais para a exploração dos desafios motores, ampliando a cultura corporal de movimentos e desenvolvendo efetivamente habilidades, segundo as diretrizes do esporte educacional. Os espaços participativos de expressão, e a interação permanente entre professores e acadêmicos, no âmbito da faculdade, garantem as condições para a superação de modelos e paradigmas de ensino-aprendizagem.

Para finalizar o processo, foi realizado um campeonato escolar planejado e coordenado em conjunto pelos acadêmicos e os alunos do 5º ano. As regras e súmulas foram adaptadas e mais uma vez o grupo pôde lançar mão das oficinas de criação para criar os uniformes com materiais alternativos.

Motivação e criatividade

O objetivo da FUNVIC na implementação da experiência considera duas prioridades da instituição: a formação de professores preparados para o mercado de trabalho e a aproximação da área acadêmica, onde se produz conhecimento, com as escolas e comunidades. Essa aproximação é o que pode garantir a atualização dos saberes construídos nas salas de aula e laboratórios da universidade em relação a contextos dinâmicos. Nesse processo de interlocução universidade-comunidade, a academia pode também “devolver” os saberes que foram construídos em conjunto, na forma de ações educativas eficazes e adequadas às realidades locais.

Aqui, mais uma diretriz do esporte educacional é utilizada na experiência, que desenvolve uma prática pedagógica, dialogando diretamente com a Educação.

“Pensamos a Educação Física e o conhecimento dos esportes em uma visão que prioriza as crianças e os jovens como criadores de cultura, valorizando o saber que elas trazem de seu meio sociocultural. Almejamos um aprendizado pautado na construção de saberes em conjunto, pelas trocas socializadas de conhecimentos, experiências significativas, algo elaborado por uma busca coletiva da prática pedagógica”. Diz o professor Cristiano Moura.

A proposta tem grande potencial de reaplicação por meio de parcerias entre escolas, governos locais e universidades, gerando aprendizagens educacionais tanto para acadêmicos quanto para professores e alunos da rede pública de ensino.

No entanto, é possível imaginar a aplicação da experiência em apenas uma das pontas do processo – junto aos professores e alunos das escolas de Ensino Fundamental. Isso realmente aconteceu na escola pública onde a experiência foi aplicada. A professora de Educação Física da escola participou de todo o processo de aplicação das Perspectivas do Esporte Educacional pela Pedagogia de Projetos: Diálogos Pedagógicos junto às crianças e adolescentes – desde a pesquisa sobre os esportes, as oficinas de construção de materiais, a criação de regras e adaptação de espaços para a prática e, finalmente, os jogos e o campeonato de Tamboréu e Golfe.

Com o conhecimento que adquiriu na aplicação da experiência feita pelos universitários da FUNVIC na escola de Ensino Fundamental, a professora propôs novas oficinas e outras práticas esportivas para serem trabalhadas na escola, segundo a mesma metodologia. Esse movimento ampliou significativamente o impacto da ação no ambiente escolar, proporcionando o acesso das crianças a novos jogos, práticas desportivas e principalmente a uma nova forma de abordagem do esporte, utilizado como ferramenta de formação de cidadãos mais críticos, autônomos e participativos. A reaplicação da experiência requer, como condição para o seu sucesso, a dinâmica do processo de pesquisa, reflexão, criação de materiais e novas regras e técnicas, segundo as diretrizes da pedagogia de projetos.

Fica a Dica dos Diálogos Pedagógicos



1. A utilização da pedagogia de projetos contribui para a superação de metodologias focadas em valores técnicos e táticos, na medida em que parte da problematização de um tema, ampliando os focos e elementos da análise.



2. É importante escolher como objeto da experiência uma modalidade esportiva pouco convencional. O estranhamento é um estímulo para as pesquisas e os debates.



3. É fundamental envolver professores de Educação Física Escolar no planejamento e na execução das atividades. Eles serão multiplicadores da experiência dentro da escola.



4. Parcerias bem estruturadas com a comunidade escolar e instituições do entorno da escola são estratégicas para a captação de doações de materiais para a confecção de equipamentos e outros recursos.



5. É possível encontrar alternativas eficazes para a realização das práticas esportivas, mesmo as mais difíceis. Considere a utilização de espaços públicos, como ruas, campos de várzea e praças.

Festival municipal de mini atletismo

Instituição Executora:

Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul)

Local:

Município de Tubarão - Santa Catarina

Público-alvo: crianças de 8 a 10 anos, alunos das escolas da rede municipal de ensino público e acadêmicos de Educação Física



Sobre a **INSTITUIÇÃO**

Elevada à categoria de universidade em 1989, a Universidade do Sul de Santa Catarina tem origem no Instituto Municipal de Ensino Superior, IMES, e hoje conta com cerca de 40 mil alunos em cursos presenciais e de educação à distância.

Tubarão

Tubarão, na região sul do Estado de Santa Catarina, é um município com um alto Índice de Desenvolvimento Humano, 0,796 (PNUD 2010), oferecendo boa qualidade de vida à maioria dos seus habitantes. Situada à margem da BR 101, a cidade é um polo comercial da região e conta com boa infraestrutura urbana, dispondo de diversos serviços médicos, que atraem moradores de outras cidades. Tem também atrações turísticas, como uma bela área rural e águas termais. A conjunção desses fatores tem contribuído para o crescimento econômico e populacional de Tubarão.

Com cerca de 100 mil habitantes, segundo o Censo do IBGE 2010, o município apresentou um significativo aumento no número de moradores atraídos por boas condições de vida. Um crescimento que vem acompanhado dos problemas geralmente desencadeados pelo desenvolvimento urbano. Nesse contexto, a proteção social, as ações de prevenção e o processo educativo de crianças e adolescentes é crucial para a garantia de direitos e qualidade de vida.

Por que a experiência foi premiada:

- *Grande potencial de reaplicação*
- *Baixo custo*
- *Inovação na abordagem da prática esportiva*
- *Alto grau de interação e respeito a individualidades e habilidades pessoais*
- *Alto nível de estímulo à cooperação e inclusão*

Criatividade e ousadia numa prática de Mini Atletismo

Percebemos que os alunos das escolas municipais não gostavam do atletismo por ser uma prática solitária ou meramente de competitiva. Com a experiência do Mini Atletismo os alunos perceberam que há valores ligados à solidariedade possíveis de serem visto nessa prática esportiva. O reconhecimento do outro, suas dificuldades e suas potencialidades, passou a ser uma prática entre nossos pequenos desportistas.

Marcos Paulo Huber, Professor da Unisul

O professor pesquisador Marcos Paulo Huber, da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), no município de Tubarão, durante sua prática docente e em alguns estudos mais específicos, observou

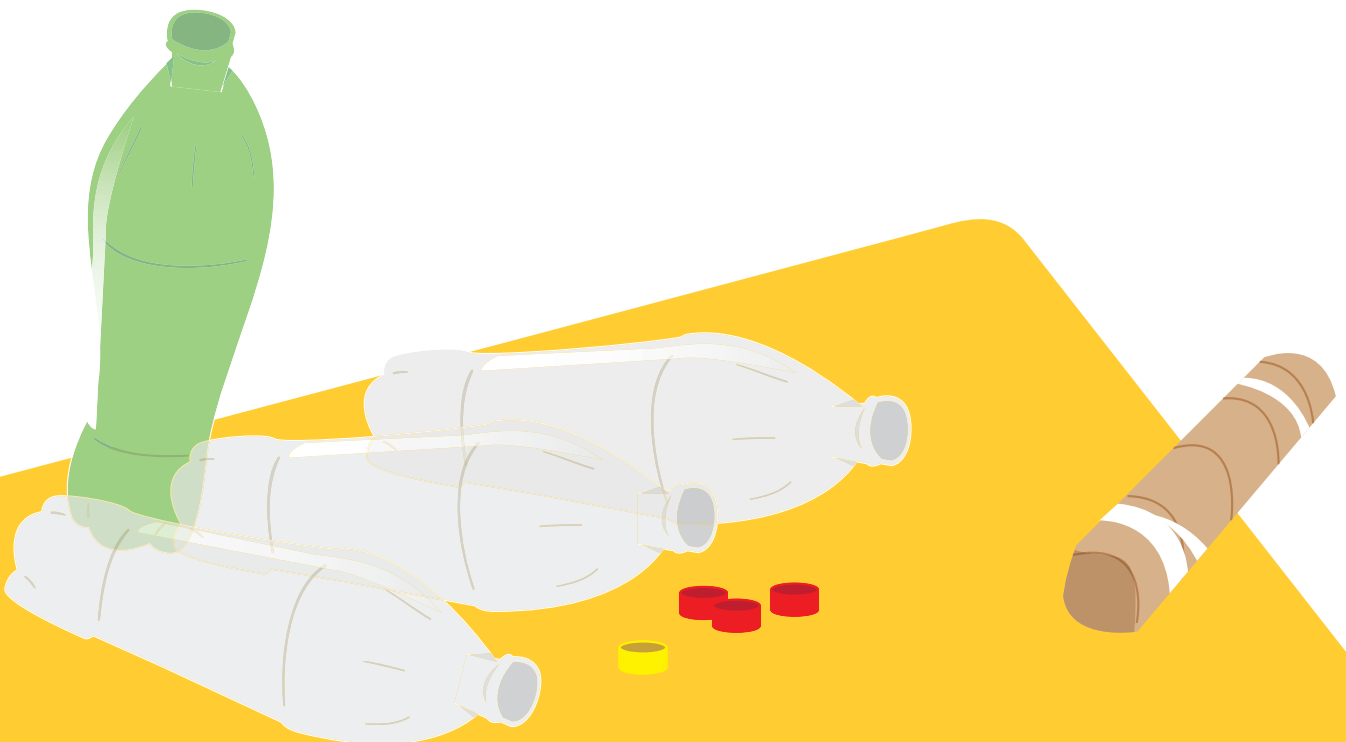
o baixo nível de interesse dos alunos das escolas municipais de Tubarão em atividades ligadas ao atletismo. O que ele via era um grande desconhecimento sobre o esporte e pouca motivação dos alunos para atividades ligadas à corrida, lançamentos e saltos.

Em 2012, o atletismo e, especificamente o Mini Atletismo, integraram o conteúdo programático das aulas do professor. O Mini Atletismo é uma adaptação formulada pela International Association of Athletics Federations (IAAF) do atletismo de adultos, para a prática de crianças e adolescentes. No Brasil, a Confederação Brasileira de Atletismo, (CBAT), adequou o projeto da IAAF à realidade nacional. A ideia é justamente tornar o Atletismo mais acessível e atraente, tendo em vista a sua importância como esporte-base para a prática de outras modalidades e para o desenvolvimento de habilidades físicas e motoras.

No programa de suas aulas sobre Mini Atletismo, o professor incluiu a experimentação de uma vivência concreta do esporte com crianças e identificou uma ótima oportunidade de tornar a experiência mais rica: realizar um Festival de Mini Atletismo, organizado pelos acadêmicos e com a participação de diversas escolas de Ensino Fundamental da rede pública de Tubarão.

O Festival deveria unir duas pontas de um mesmo universo: os futuros professores de Educação Física, com seu conhecimento acadêmico, e os alunos do Ensino Fundamental, com suas dificuldades e habilidades em relação ao Atletismo. O fio condutor da experiência seria um circuito de saltos, lançamentos e corridas, distribuídos em estações.

O evento trouxe outro grande diferencial: as atividades não deveriam premiar vencedores individuais e nem sequer equipes. O Festival de Mini Atletismo celebrou outros valores presentes na prática esportiva: a cooperação, a comunhão, o respeito às diferenças, o valor do coletivo.



Um dos grandes desafios era proporcionar que todos os membros da equipe realizassem todas as atividades, passando, dessa maneira, por todas as estações. A prática valorizou o componente da aventura de se lançar na busca do cumprimento de cada etapa, num esforço de superação pessoal de cada um, com a cooperação e apoio de todos.

O Festival trouxe para a pequena “arena olímpica”, reinventada nas quadras da Unisul, a experiência de convidar as crianças para rever suas expectativas e resistências em relação à Educação Física, principalmente quando se trata de modalidades individuais como as que constituem o Atletismo.

Quebrando estruturas tradicionais, a atividade desafiou os acadêmicos, futuros professores, a refletir sobre todas as possibilidades da prática esportiva como ferramenta educacional. Por outro lado, mostrou a crianças, entre oito e dez anos de idade, que é possível vencer desafios pessoais por meio do coletivo; ensinou, na prática, que todos têm uma contribuição a dar e que é plenamente possível criar equipamentos de baixo custo e acessíveis para se adaptar um esporte.

O Festival - Um novo circuito para percorrer

Uma arena olímpica instalada na quadra da Universidade do Sul de Santa Catarina, em Tubarão: estações organizadas, kits de Mini Atletismo com material reutilizado produzido pelo grupo, crianças, acadêmicos e professores a postos. Tudo pronto para abrir o Festival de Mini Atletismo.

Um grupo de 210 estudantes foi dividido em dez equipes de 21 crianças. Na distribuição por equipes, não houve distinção de escola, sexo, habilidade ou força física. Todos participaram: crianças com deficiência ou não. O que distinguiu cada grupo foi apenas a cor - amarela, verde, vermelha.

No Festival de Mini Atletismo de Tubarão foram montadas dez estações no campo e na pista: corrida, revezamento, saltos, lançamentos e arremesso, todas elas no formato mini. Cada uma das estações ficou sob a supervisão de três acadêmicos, que cronometravam o tempo das provas e organizavam a participação das crianças.

Com as dez equipes distribuídas nas dez estações, o apito determinou o início simultâneo das atividades. A cada dez minutos os grupos trocavam de estação, realizando um rodízio, garantindo a participação de todos em todas as modalidades do atletismo. Correr, saltar, lançar, com técnicas adequadas para o desenvolvimento de capacidades.

Em cada estação a participação é avaliada segundo o desempenho da equipe, considerando-se o resultado coletivo: quantos metros a equipe conseguiu saltar; em quanto tempo o grupo fez a corrida de revezamento; qual o resultado geral dos lançamentos. O que interessa é o somatório da participação e esforço de cada um. E “vitória” no Festival de Mini Atletismo é completar as atividades propostas em cada estação.

O Festival de Mini Atletismo aconteceu como um grande encontro de esporte, sem vencedores e vencidos. A dinâmica proposta no Festival utilizou o Mini Atletismo, uma adaptação do Atletismo, que tem o foco nas habilidades individuais e revela estrelas do esporte, campeões de superação de limites físicos. O Festival, no entanto, ousou mexer com tradições esportivas tão fortes como a premiação pelo melhor desempenho; questionou conceitos de competição e individualismo e indicou alternativas atraentes para a aplicação do Atletismo no ambiente escolar.

Além disso, o Festival mostrou possibilidades de trabalho inovadoras, ao lançar mão de recursos de baixo custo e já existentes, adaptando-os às necessidades, utilizando-os a partir novos olhares. O resultado foi a ampliação da visão e perspectivas dos professores das escolas municipais e dos universitários de Educação Física sobre o exercício criativo de identificar novas oportunidades em um universo já conhecido.

O festival contribuiu para transformar a visão dos professores das escolas municipais e futuros professores de Educação Física demonstrando que com materiais reutilizados e espaços adaptados é possível para estimular a prática de esportes considerados complexos junto acrianças.

A criatividade, um olhar livre dos limites tradicionais, e a coragem de ousar podem transformar o ambiente escolar num estádio lúdico e atraente, onde o esporte coloca desafios, mas também dá prazer e estimula o companheirismo.

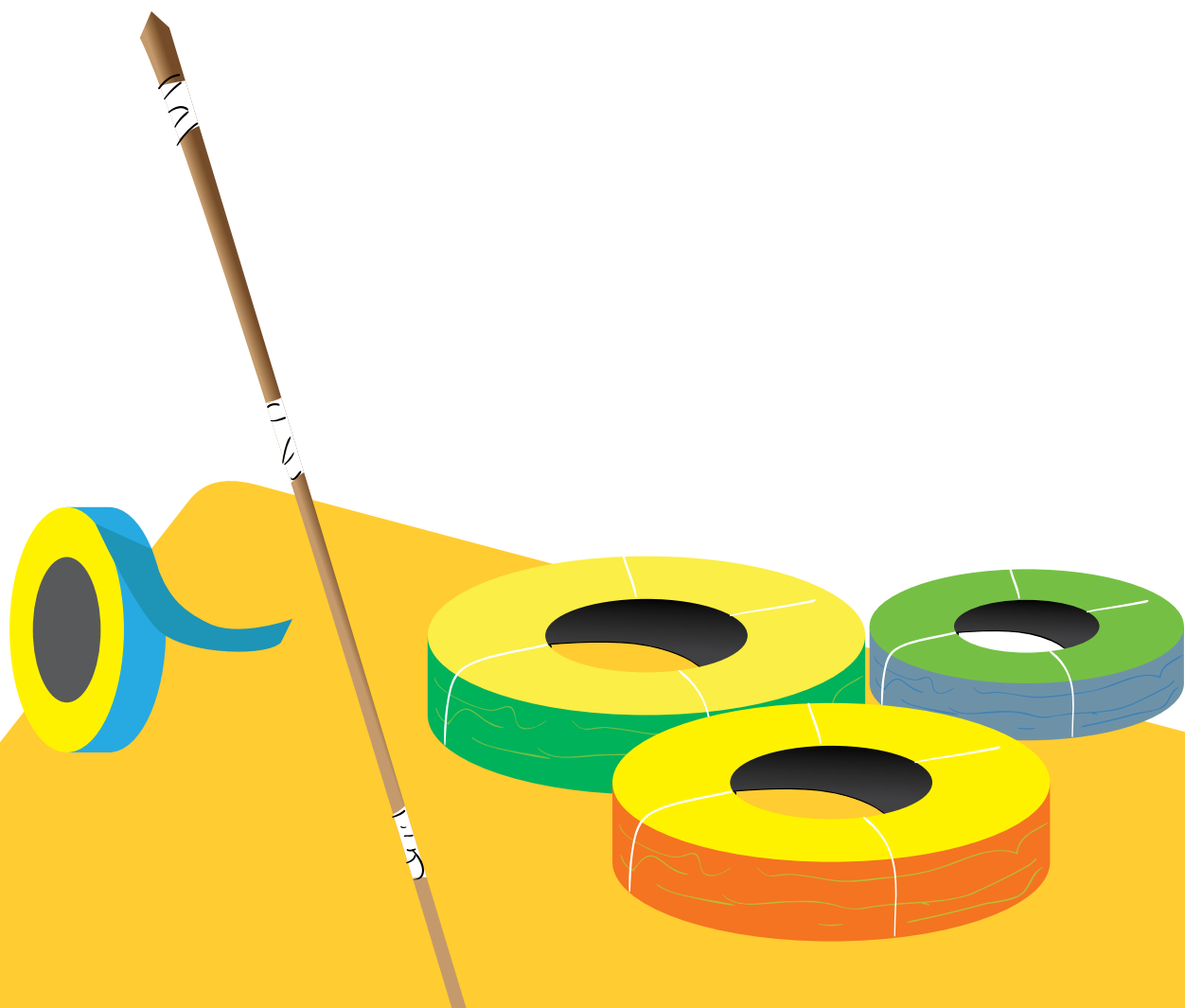
Para avaliar os resultados, cinco acadêmicos de Educação Física, realizaram entrevistas com as crianças e com professores das escolas que participaram do Festival. Os níveis de aceitação foram surpreendentes. Basta dizer que nenhum participante desistiu de uma atividade ou abandonou as provas.

O Festival de Mini Atletismo, realizado pela primeira vez como uma atividade da disciplina do curso de Educação Física, apresentou uma excelente relação custo-benefício – simples, de baixo custo e grande alcance. Uma experiência para ser reaplicada, com adequações e adaptações a cada realidade. Mesmo com uma única turma de alunos, o professor pode reduzir o número de estações de modalidades e aplicar os mesmos conceitos e regras utilizados no festival.

As atividades podem ser realizadas inclusive na própria sala de aula, desde que professores e alunos estejam motivados para cooperar, trabalhar em equipe e adaptar regras.

O mais importante é manter a atividade alinhada com a diretriz de fazer da prática do Atletismo uma ação motivadora e atraente. A partir de um objetivo educacional amplo de formação de valores, o Mini Atletismo, como foi aplicado no Festival de Tubarão, cumpre o seu papel de desenvolver as habilidades motoras e cognitivas das crianças, mas aporta também vivências importantes para a formação ética e cidadã dos alunos.

Pelo impacto observado na comunidade escolar e junto aos acadêmicos de Educação Física, a atividade já foi incluída no calendário semestral esportivo da cidade de Tubarão.



Fica a Dica do Festival



1. É fundamental garantir transporte para que as crianças cheguem ao local do evento. Nem sempre é possível contar com pais e responsáveis e gastos extras com transporte podem não caber no orçamento da família



2. A realização de parcerias com a secretaria de educação ou outras instituições é uma alternativa bastante viável e eficaz



3. Universitários dos cursos de Educação Física serão ótimos colaboradores na realização de grandes eventos de Mini Atletismo, pois podem auxiliar na organização e execução das atividades. Por isso, é importante estabelecer parceria com os cursos de Educação Física locais e envolver estudantes e professores desde o início do processo



4. É necessário prever um período de capacitação de monitores, acadêmicos e profissionais que participarão do evento. Oficinas e palestras são excelentes instrumentos de adequação e socialização dos conceitos, métodos e objetivos que direcionam o evento



5. Garantir a sonorização do local é um fator determinante para o sucesso de qualquer grande evento, principalmente ao ar livre



6. Não podem faltar água mineral e banheiros limpos e de fácil acesso



7. Planejar intervalos de descanso

Nosso caderno de jogos e brincadeiras

Instituição Executora:

Secretaria de Estado de Esporte e Juventude de Minas Gerais -SEEJ/MG em parceria com a Fundação Helena Antipoff

Local:

Ibirité, município da Zona Metalúrgica de Minas Gerais

Público-alvo: crianças e adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 7 e 13 anos; A Escola Sandoval Soares de Azevedo, instituição de Educação Básica da Fundação Helena Antipoff, e indicados pela Secretaria de Educação do Município de Ibirité; Os pais, parentes e responsáveis também participam da ação.



Sobre as **INSTITUIÇÕES**

A experiência *Nosso Caderno de Jogos e Brincadeiras* integrou o Programa Minas Olímpica Geração Esporte, realizado pela Secretaria de Estado de Esportes e da Juventude de Minas Gerais, que desenvolve ações de iniciação esportiva com foco na aquisição das habilidades motoras, com caráter de inclusão social.

O programa tem como parceiros a Fundação Helena Antipoff, instituição que dispõe, da Escola de educação básica Sandoval Soares de Azevedo, e do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira (ISEAT), e oferece cursos de graduação em Educação Física, Pedagogia, Ciências Biológicas, Letras e Matemática, além de, oficinas pedagógicas, biblioteca comunitária, cursos pós-graduação, uma clínica de Psicologia e um museu memorial com objetos usados pela psicóloga e pedagoga Helena Antipoff.

*A experiência do **Nosso Caderno de Jogos e Brincadeiras** foi realizada no Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira (ISEAT), com crianças da Escola de Educação Básica Escola Sandoval Soares de Azevedo, entre outros alunos indicados pela Secretaria de Educação do Município de Ibirité.*

Ibirité

Localidade centenária de Minas Gerais, Ibirité - palavra indígena que significa “Terra Firme”, ou “Chão Duro” - só passou à categoria de município em 1962. Até 1970, menos de 20% da população local vivia em área urbana, hoje a cidade apresenta grau de urbanização de 98%.

A economia de Ibirité, contudo, não acompanha o crescimento da urbanização, e pode ser considerada uma cidade-dormitório para quem trabalha na agricultura e mineração em locais próximos. Apesar do índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,729, considerado alto, pelo PNUD, boa parte da população trabalha em municípios vizinhos como Belo Horizonte, Contagem e Betim.

Por que a experiência foi premiada:

- *Trabalha conhecimentos, habilidades e competências além do aprendizado das técnicas e gestos motores da prática esportiva*
- *Estimula a participação dos pais e sua interação com os filhos*
- *Grande potencial de reaplicação*
- *Baixo custo*

Esporte e cultura caminham lado a lado para pais e filhos em Ibirité

O brincar não deve ser encarado como uma aula especial, esporádica. Pelo, contrário ele deve permear todas as nossas ações, sendo o impulso das outras atividades e em alguns momentos o “ponta pé” inicial e motivacional para que ocorram as mesmas. A iniciação dos esportes pode acontecer via jogos e brincadeiras: da queimada inicia-se a pegada e arremesso do Handebol; da rebatida e corta três, os movimentos de levantar e ataque do Vôlei; os diversos pegadores, para o Atletismo, e assim por diante.

Leonardo Toledo Silva, professor de Educação Física da FHA e Coordenador do Programa Minas Olímpica Nova Geração-FHA e do Programa Minas Olímpica Geração Esporte-FHA.

“E tudo o que Seu Mestre Mandar, faremos todos!” O “mestre”, nesse momento, é um colega de classe, e, ciente da importância do seu papel, abre o **Nosso Caderno de Jogos e Brincadeiras**, com a descrição de uma brincadeira antiga, que para seus companheiros será uma novidade. Uma experiência plena de desafios e atividades de ensino-aprendizagem, que faz das crianças e adolescentes os protagonistas da aula, educadores por um dia. Autonomia e responsabilidade na justa medida para propiciar uma vivência que soma brincadeira, jogos e cultura para introduzir o esporte.

As crianças produzem, ao longo da experiência, um caderno onde registram jogos e brincadeiras pesquisados junto a seus pais e familiares; levam a proposta para a turma e executam, juntos, as atividades propostas. A experiência valoriza e enriquece a cultura local; estimula tanto habilidades motoras, cognitivas e socioafetivas como a autoestima das crianças e, no mesmo processo, as aproxima dos seus pais e familiares.



Mestre Mandou

Jeito de brincar

O grupo define quem será o mestre, que vai comandar a brincadeira.

Ele diz: “Seu mestre mandou!”

Todos perguntam: “Fazer o quê?”

Aí ele inventa tarefas para o grupo: pular numa perna só, buscar um lápis vermelho, achar uma flor etc.

Fonte: <http://mapadobrinicar.folha.com.br/brincadeiras/diversas/724-mestre-mandou>



Nosso Caderno de Jogos e Brincadeiras, reuniu essas características ao longo dos dois anos em que foi executada entre 2011 e 2013.

Nas atividades do Nosso Caderno de Jogos e Brincadeiras, o conceito aplicado é simples e lúdico: a cada segunda, quarta e sexta-feira, um dos alunos assumia a responsabilidade de levar o caderno “especial” para casa e nele escrever, com ajuda dos pais ou responsáveis, a descrição de uma brincadeira que foi escolhida pela família. A tarefa era registrar a dinâmica, o material necessário, as estratégias de um jogo ou brincadeira que um familiar mais velho gostasse muito quando era criança ou criada pelos dois – pai e filho – especialmente para registrar no caderno.

Ao levar o caderno para casa, o aluno precisava ler com atenção as atividades realizadas anteriormente, para não repetir nenhuma brincadeira. Precisava também caprichar na letra ao descrever o novo jogo escolhido, pois seus colegas leriam o conteúdo, quando chegasse a sua vez de levar o caderno.

A tarefa para o dia seguinte era apresentar a brincadeira para a turma. Mais que isso, conquistar os colegas, motivando-os a brincar. O estudante de posse do caderno dava início à aula, assumindo o papel de professor e demonstrando a brincadeira descrita, enquanto os demais desenvolviam a atividade seguindo as instruções anotadas.

“Durante a explicação da brincadeira, o educando demonstra sentir-se extremamente responsável por aquele momento, confiante e importante perante os demais”, ressalta Leonardo Toledo Silva. Com quatro turmas de 25 alunos cada, a experiência utilizou todas as dependências do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira, incluindo o campo, as quadras, piscina, galpão e ginásio. Contou, ainda, com uma equipe de três estagiários e três professores do Instituto.

Utilizando as dinâmicas de brincar e jogar, os educadores desenvolveram as habilidades motoras, cognitivas e socioafetivas das crianças. Todos os movimentos aplicados aos jogos remetem às técnicas do esporte e no momento da sua realização os educadores podem avaliar o desenvolvimento das crianças individualmente e em conjunto.

Queimada, Corta Três, Pular Corda, Pegadores, Um Toque, Estafetas, Brincadeiras Cantadas, Peruzinho, Amarelinha, Roubar Bandeira, Eu com as Quatro, Peteca, Passar anel, Taco, Pare Bola, Controlinho, Mestre Mandou, Mãe da Rua, Morto-Vivo. Brincadeiras que constituem, há tempos, instrumentos privilegiados para que as crianças se relacionem, experimentem e descubram suas habilidades, que ajudam a compreender regras, respeitar pactos e éticas, a partir de uma atividade lúdica.



Quem nunca brincou destas brincadeiras? Com nomes distintos em cada lugar e realidade e com algumas variantes, as brincadeiras e estratégias se repetem e fazem parte da história de todo mundo. Repertório da cultura corporal local, as brincadeiras propiciam situações de aprendizagem e desenvolvimento da capacidade infantil de interação, respeito e confiança.

Por tudo isso, o Nosso Caderno de Brincadeiras, uma experiência simples de alto impacto na formação de crianças e adolescentes, constitui uma tecnologia social por excelência. A aquisição de novos conhecimentos não formais, junto a seus familiares, que serão valorizados no âmbito da escola, partilhados com seus pares e utilizados em sala de aula, contribui também inequivocamente para a formação de identidade e autonomia.

Esperar o inesperado

A natureza colaborativa e de improvisação da ação trouxe alguns desafios para os educadores. O alto grau de autonomia dos alunos, que traziam suas anotações no Meu Caderno de Brincadeiras apenas no início da aula, requereu dos professores um trabalho intenso de produção para a garantia das atividades. Eles precisavam fazer a leitura do caderno antes do início da aula para separar algum material eventualmente necessário, como bolas, bambolês, cordas, etc. Mas essa era a parte fácil.

Como os próprios alunos davam início às atividades, não havia um plano de aula formal feito pelo educador. Assim, professores e monitores precisavam estar preparados para estabelecer diálogos entre os alunos e realizar intervenções, quando necessário. Sempre é possível haver rejeições a alguma brincadeira. Além disso, o papel de mediador do professor é fundamental para intervir em possíveis falhas e ruídos de comunicação entre o aluno-mestre e os demais.

Com o ritmo intenso da atividade, que ocorria três vezes por semana, a preparação necessária podia acabar sendo uma tarefa árdua. “Se fossemos começar a atividade hoje, eu iria propor que acontecesse apenas uma vez por semana”, admite Leonardo. “Os educandos levariam o caderno na sexta, devolvendo-o na segunda, e a execução seria feita na quarta, dando tempo para uma melhor preparação por parte dos monitores”.

Reciclagem cultural

O caráter simples da ação – que depende, num primeiro momento, apenas da compra de um caderno – define um alto potencial de reaplicação, tanto em escolas como em projetos sociais. “É uma ação que

depende muito mais dos profissionais que atuam na ponta do programa do que dos gestores. O que faz a diferença é a atuação do educador”, diz Leonardo.

Os jogos e brincadeiras aprendidos passam a fazer parte do repertório do grupo, integrando a sua cultura corporal. A interação com pais no levantamento dos mesmos pode efetivamente contribuir para o resgate de atividades que haviam caído no esquecimento em quadras escolares, ruas e praças da cidade.

“A proposta traz consigo uma situação para que a criança conheça um pouco sobre a infância de seus pais, além de proporcionar um momento entre pais e filhos que se torna cada vez mais raro no mundo moderno”, destaca o especialista.

O **Caderno de Brincadeira** foi desenvolvido integrando três momentos que têm como referência o universo da brincadeira: uma oficina introdutória de brincadeiras, as atividades de registros no caderno e uma oficina de construção de um brinquedo.

A oficina introdutória estimula a interação entre os monitores e educandos recém-chegados, por meio da imersão nos jogos e brincadeiras. Nesta etapa, eram realizadas brincadeiras cantadas, com cordas e jogos de atenção e concentração.

A oficina de construção de brinquedos foi realizada em duas semanas e também contribuiu para maior integração das turmas. A programação incluiu o estudo do objeto escolhido - a peteca: sua história, análise dos modelos industrializados, e a confecção do próprio brinquedo a partir de jornal, sacolas plásticas e produtos naturais e reciclados como casca de bananeira e folhas de árvores.

Por fim, o **Caderno de Jogos e Brincadeiras** consolidou uma abordagem do brincar que não pode estar restrita a uma aula especial, esporádica, mas deve ser considerada como “elemento permanente base para outras atividades, de forma que no exercício da brincadeira a criança ensaia papéis, apreende valores, constrói formas de sociabilidade, e adquire motivação e habilidades necessárias à convivência social”, como afirma o professor Leonardo Toledo.

Fica a Dica dos Cadernos de Jogos e Brincadeiras



1. É fundamental prever um tempo hábil entre a chegada do Caderno de Brincadeiras na escola e a execução da brincadeira proposta. O educador precisa conhecer a brincadeira e disponibilizar o material necessário para sua execução.



2. A mediação do educador no momento em que as crianças apresentam a brincadeira é crucial. Ele deve contribuir para que as regras e técnicas sejam compreendidas e aceitas.

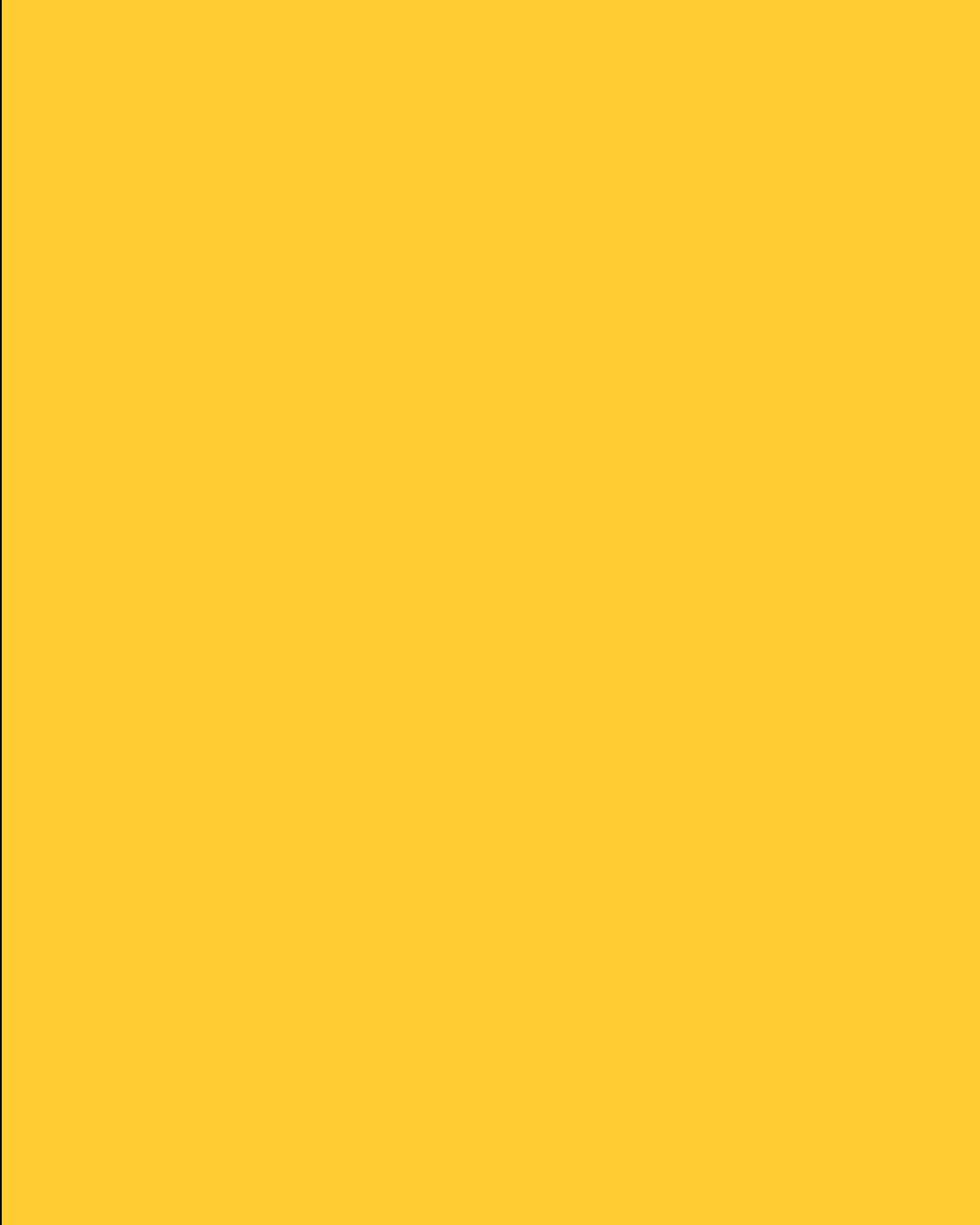


3. Como atividade complementar, os pais e familiares que participaram da experiência podem ser convidados para um festival de brincadeiras e jogos pautados nos registros do Nosso Caderno.



4. O Nosso Caderno de Jogos de Brincadeiras pode ser transformado em uma publicação, um registro valioso da cultura local.

*Esta publicação foi produzida em novembro de 2014.
Impressa na Gráfica Reciclart, com miolo em papel couché liso
L2 90 gramas e capa em papel couché liso L2 300 gramas,
utilizando a família tipográfica Petrobras Sans.*



Prêmio Petrobras de Esporte Educacional

Execução



Realização

